

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL

Camila Vital Menegaz

**DEZ ANOS DE *MALHAÇÃO*: E COMO FICA A
ADOLESCÊNCIA?**

Porto Alegre

2006

Camila Vital Menegaz

**DEZ ANOS DE *MALHAÇÃO*: E COMO FICA A
ADOLESCÊNCIA?**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Clary Milnitsky Sapiro.

Orientador: Prof^a Dra. Clary Milnitsky-Sapiro

Porto Alegre, RS

2006

Agradecimentos

A todos que acompanharam, de alguma maneira, minha trajetória no mestrado e a concepção desta dissertação, deixo o meu 'muito obrigada'. Àqueles que participaram deste processo, em alguma ou em todas as etapas, gostaria de registrar um agradecimento especial:

A minha orientadora, Clary Milnitsky-Sapiro, que não me deixou desistir nas vezes em que eu não acreditei que valia a pena;

A querida amiga e colega Ana Paula, pelas trocas freqüentes, pelas conversas, pelos desabafos e pelo apoio constante desde a seleção para este mestrado até o momento de entregar a dissertação;

Às bolsistas Emily Canto e Sabrina Bosini, pelo apoio fundamental na coleta de dados;

A minha irmã, Bibiana, pelo tempo dedicado à transcrição das entrevistas;

A minha mãe, pelas inúmeras caronas, correrias e “idas e vindas” (além de altos e baixos);

A todos os amigos que eu deixei esperando ou de quem estive afastada neste período e àqueles que me ouviram falar em dissertação incontáveis vezes ao longo destes dois anos;

E por fim, ao Gustavo, que com tanto carinho e paciência soube me “manter na linha” nos momentos mais importantes e decisivos. Obrigada por tua “gerência”, amor e dedicação. Amo você! (Um agradecimento especial por todos os momentos em que ficaste sem teu notebook para que eu pudesse trabalhar. Esse apoio foi fundamental para a conclusão desta pesquisa!)

*Assim Caminha a Humanidade*¹

Ainda vai levar um tempo
Pra fechar o que feriu por dentro
Natural que seja assim
Tanto pra você quanto pra mim

Ainda leva uma cara
Pra gente poder dar risada
Assim caminha a humanidade
Com passos de formiga e sem vontade

Não vou dizer que foi ruim
Também não foi tão bom assim
Não imagine que te quero mal
Apenas não te quero mais

Não te quero mais
Não mais
Nunca mais

Lulu Santos

¹ Música original de abertura do seriado (de 1995 a 2003).

SUMÁRIO

RESUMO.....	05
ABSTRACT.....	06
1 INTRODUÇÃO.....	07
2 QUESTÃO NORTEADORA E METODOLOGIA	17
2.1 DELINEAMENTO.....	17
2.2 PARTICIPANTES E PROCEDIMENTOS	19
2.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	21
2.4 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE.....	22
3 “EU VEJO VOCÊ, VOCÊ ME VÊ”	23
3.1 O ESTILO NOVELA.....	31
4 MALHAÇÃO: A “NOVELA” DOS JOVENS.....	36
5 FASES E TEMPORADAS.....	41
6 O CONTEXTO DOS JOVENS ENTREVISTADOS.....	52
6.1 OS JOVENS.....	55
6.2 A ROTINA: “GOSTAR DE SER ADOLESCENTE”.....	66
7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	76
7.1 ACADEMIA X ESCOLA: UMA GRANDE MUDANÇA?.....	76
7.2 REPETIÇÃO DE TEMAS: A BANALIZAÇÃO NO AR, INCULCANDO VALORES... 82	
7.3 A LINGUAGEM DO SERIADO: SIGNIFICADOS SUBJACENTES.....	87
7.4 A PREOCUPAÇÃO “COM O SOCIAL”	91
7.5 CATEGORIAS.....	100
7.5.1 Malhação, a companhia da tarde.....	101
7.5.2 A identificação.....	106
7.5.3 Repúdio aos estereótipos: o “não” à padronização.....	109
7.5.4 A crença na simulação da realidade.....	113
7.5.5 Aspectos marcantes.....	117
7.5.6 Repetições.....	129
7.5.7 Pedagogia em Malhação.....	135
7.5.8 Os valores adolescentes em Malhação.....	149
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	168
REFERÊNCIAS.....	176
ANEXOS.....	179

RESUMO

A “novelinha” *Malhação* é exibida pela Rede Globo desde 1995 até o presente ano (dados coletados em 2005). O interesse neste tema advém de pesquisa anterior (Menegaz C. e Milnitsky-Sapiro, C., 2000), quando outra mídia para adolescentes foi investigada - a revista *Capricho* - e foi constatado que a grande popularidade dessas produções entre os jovens deve-se à permanente e intensa possibilidade de identificação dos adolescentes leitores/telespectadores com seus personagens e ídolos. Essa identificação estabelece laços de pertencimento com o “bonzinho” (boazinha), “esperto/a”, “careta” ou “vilã/o”, dependendo da “hora e da vez”; porém, os estereótipos ou “modos de ser”, juntamente com seus respectivos ícones de consumo, permanecem “na telinha” com hora e lugar estáveis no cotidiano dos jovens. Isto é, muda-se o ator e a trama, mas o lugar da cena permanece no imaginário dos jovens que “também querem ser”.

Este estudo investigou temas de episódios e personagens do seriado, bem como o conteúdo das narrativas dos adolescentes entrevistados participantes desse estudo, com o objetivo de analisar como ocorrem os laços estabelecidos com os adolescentes telespectadores e seus efeitos e como estes se mantêm na cultura da descartabilidade. A partir dos dados obtidos com as entrevistas e análise de capítulos, investigou-se como a “novelinha” *Malhação* – que já marcou pelo menos uma geração de jovens – exerce uma função na cultura dos adolescentes pesquisados no que se refere a ícones de consumo, modelos de ser ou formas de subjetivação de adolescentes pertencentes ao nível sócio econômico (NSE) médio, cujas idades caracterizam o processo adolescente (entre 12 e 17 anos de idade), de ambos os sexos, da cidade de Porto Alegre (RS), conforme o público-alvo segmentado para o seriado. Este estudo propôs, inicialmente, uma breve revisão sobre o conceito de adolescência na contemporaneidade, seguida da análise de temas dos capítulos. Após, foi feita a análise das narrativas adolescentes, das quais emergiram categorias que revelam a função da *Malhação* na cultura adolescente contemporânea.

Neste trabalho, a mídia surge com um papel crucial na promoção, propagação e divulgação desses modelos na contemporaneidade, exercendo um papel que engloba criação, divulgação, promoção e oferta, muito semelhante aos produtos vendidos “entre atos”, promovendo uma continuidade, em um cenário de massificação / globalização de identidades juvenis e conseqüentes descartabilidades, em detrimento do próximo apelo de consumo e adoção, rapidamente sugerida, de novos ícones de pertencimento. Ícones tais que evocam modelos identificatórios (Menegaz & Milnitsky) e influenciam as relações interpessoais (Giongo, 1998).

ABSTRACT

Malhação soap opera is presented by Rede Globo since 1995 until the current year (data collected in 2005). The interest on the research theme concerns to a previous study (Menegaz, C. e Milnitsky-Sapiro, C., 2000), in which another media for teenagers was investigated – the *Capricho* magazine. The previous study has shown that its popularity among the youth is explained by the permanent and intensive possibilities of the teenagers/viewers identification with the protagonists and their idols. This identification establishes that “ties of belongness” with the “good boy” (or good girl), the “backward” or the “villain” depends on the time shift; however, the stereotypes or “ways of being”, together with their icons of consumerism stay still and stable on the “telinha” (the monitor) and on the youth daily routine. In other words, it only changes the actor and the story, but the scenery stays in teenagers’ minds, since they also “want to be” (like them).

The data gathered with the interviews and the soap opera’s episodes, as well as with the teenagers’ interviews contents, has the purpose to analyze how the ties between this TV show and the teenagers/viewers are established and how their effects occur and are maintained in the culture of the disposable. Starting for the interviews and episodes data, it was investigated how *Malhação* carries out the culture of the teenagers interviewed in this research. The youth who participated belong to the middle-social class (ages 12 to 17 years old), according to the parameters of the program's "target", male and female, from Porto Alegre (RS). Firstly, this research engages in a short review on the concept of contemporary adolescence, followed by the episodes’ themes analysis. Then, the teenagers’ narratives were analyzed, of which emerged categories that expose the *Malhação* function in the contemporary culture.

In this study, media appears as crucial for promotion, propagation and divulgation of these models nowadays, very similar to products commercialized during the intervals, promoting a continuity on a scenario of youth identity globalization, quickly adopting the next icon of consume and ways to belong to. These icons make reference to models of identification (Menegaz & Milnitsky) and have an important influence on interpersonal relationship (Giongo, 1998).

1 INTRODUÇÃO

Desde que optei pelo mestrado em Psicologia Social e Institucional, uma pergunta a qual constantemente respondo é “o que faz uma jornalista no campo da Psicologia?” Embora a explicação seja simples, requer alguma eloquência e, surpreendentemente, não é tão óbvia, visto a ênfase jornalística na segmentação e no mercado e o limite implícito da responsabilidade do profissional em relação aos efeitos causados nos “sujeitos” pertencentes à determinada “população-alvo”.

No que se refere à “população-alvo” deste trabalho - a adolescência, caracterizada por um processo que envolve mudanças literalmente “vitais”, como revisaremos a seguir – a ampliação do conhecimento e cuidado com a produção desses efeitos na produção de subjetividade parecem refletir em médio prazo a garantia de lugar no mercado. Falamos, portanto, do lugar do jornalista, visitante no espaço “psi”.

Ao contrário do que o mercado oferece aos profissionais de comunicação, o campo “informação” é bastante amplo no que se refere ao “público alvo”. O público brasileiro tem à disposição inúmeros veículos de comunicação, sejam eles segmentados ou especializados, impressos ou eletrônicos (e neste último estão incluídos a televisão, o rádio e os veículos on-line). Ainda que cada veículo aborde nuances e temáticas diferentes entre si, percebe-se, com raras exceções, que o que é veiculado não oferece conhecimento aprofundado do tema ou não demonstra uma preocupação com quem tem acesso à informação transmitida. O que se percebe é um

grande cuidado com a adequação na acepção da qualidade técnica da informação, com a objetividade jornalística, enfim, com uma suposta isenção que resguarda, acima de tudo, o veículo.

Assim, o olhar da jornalista ao “público-alvo” segmentado foi contaminado pela consumação de que o viés da psicologia contribui, fundamentalmente, para o reconhecimento do “segmento” adolescente na contemporaneidade, diferentes contextos e valores, instituições família e escola, acurando o foco sob as lentes da produção de subjetividade.

Como já mencionado acima, em um trabalho prévio, foi analisado um veículo de comunicação impresso dirigido a adolescentes. O material escolhido para análise foi a revista *Capricho* - na época, e ainda hoje, um ícone para as adolescentes brasileiras de todas as classes sociais. Bastante semelhante com o que pretendo desenvolver nesta dissertação, o objetivo de minha pesquisa de monografia² era analisar os laços estabelecidos entre as meninas leitoras e a publicação, sob o título *Capricho ou Oráculo: a revista Capricho e seus laços com as adolescentes*. A possibilidade de unir dois temas de meu interesse – mídia e adolescência – e de produzir algo que fosse além do discutido na Universidade com relação ao jornalismo segmentado foi fundamental para a decisão de dar prosseguimento a este trabalho no mestrado, dessa vez, no entanto, analisando um produto dirigido a adolescentes, proveniente de outro veículo (a televisão). O seriado *Malhação* foi o programa escolhido para essa análise, já

² Orientada pela profa. Dra. Clary Milnitsky-Sapiro.

que este constitui a unanimidade de escolha entre os adolescentes, assim como a Capricho o faz entre os veículos impressos (para jovens do sexo feminino).

É importante destacar o papel que a mídia desempenha na cultura contemporânea e salientar que, quando se fala em mídia, o primeiro veículo de comunicação a que se faz referência é a televisão; vive-se hoje em uma sociedade que se supõe a mais livre de todas e o principal uso que se dá a essa liberdade é passar o tempo com máquinas de comunicação. As imagens, sons e histórias que passam por elas transformam-se em um mundo familiar e, por isso, se pode dizer que a televisão é o principal meio responsável pelo “estar com a mídia”.

Analisando a mídia, Bourdieu (1997) expõe o monopólio que a TV tem na formação das cabeças de uma parcela considerável da população, independentemente da natureza do que está veiculando, se é “informação”, propriamente dita, ou entretenimento – a televisão, como fonte única de informações, “acolhe e apóia” as pessoas que não lêem jornal. É um espaço inatingível, que põe a si mesma em um tempo imensurável, definido pelo fluxo das imagens. A televisão é o mundo, que nada mais é senão a sociedade-espetáculo, entretecida apenas no aparecimento e na presentificação incessante de imagens que a exibem, ocultando-a de si mesma (Chauí, 2004).

A mídia televisiva ocupa uma posição de centralidade na vida dos brasileiros. Sabe-se que, mesmo nos lugares mais remotos ou mais pobres do país, as casas possuem televisores, que funcionam mesmo que a energia elétrica ainda não tenha

chegado a tais locais. Reportagens de revistas, jornais e televisão divulgam que, muitas vezes, pessoas mais carentes optam por possuir um aparelho de TV ao invés de comprar uma geladeira; é comum se verificar a presença deste equipamento em guaritas de guardas de bairro – em geral, aparelhos pequenos, que exibem imagens em preto e branco - que também estão presentes em vilas e favelas. O poder da imagem em movimento e do som supera em muito a velha fotografia e os textos de jornal e os indivíduos convivem com o resultado do incremento da tecnologia sem perceberem o que esse processo significa em seu lugar no social.

O fenômeno mídia, de tão onipresente, torna-se invisível. Pensadores contemporâneos sugerem que as coisas que realmente importam são aquelas enunciadas através da mídia, e que os discursos, sejam da medicina, da psicologia, ou acadêmicos, necessitam estar presentes nesse espaço, porque não só ampliam o poder de alcance público como conferem ao próprio meio (mídia) um poder de verdade, de seriedade (Fischer, 2000). Assim, a metáfora de Gitlin (2001) de que os meios de comunicação lançam uma luz sobre toda uma sociedade e uma cultura é a representação do concreto: o ponto geográfico não alcançado pela TV não existe em termos de interesse político.

Para as crianças que nascem em meio a esse turbilhão de imagens, a centralidade da mídia parece muito natural. É fácil mudar de canal, procurar estações no rádio, navegar na internet, enfim, encontrar algo melhor quando não gosta do que vê, lê ou ouve, caracterizando a cultura contemporânea da descartabilidade.

As experiências da infância dão forma ao futuro; se muitas pessoas acham hoje natural um ambiente repleto de mídia, certamente assim o é porque essa pessoa nasceu nele e não pode mais perceber como é extraordinário (Gitlin, 2001). De acordo com o autor (2001), a mídia está contrabandeando o hábito de viver com ela. Ele afirma que “nunca tantos comunicaram tanto, em tantas telas, através de tantos canais, absorvendo tantas horas de insubstituível atenção humana a respeito da comunicação” (pág. 12). O autor exemplifica essa afirmação, citando dois desconhecidos que se encontram por acaso e buscam algo de comum entre si. Eles trocam comentários sobre artistas ou programas de televisão, repetem os últimos bordões famosos de comerciais, indicam que tipos de apresentadores apreciam e assim por diante.

“As mídias são temas importantes em si mesmas”, diz Gitlin (2001). Sua centralidade na vida das pessoas está disfarçada pela expressão “sociedade da informação” ou “era da informação”. Gitlin (2001) questiona quem, em sã consciência, seria contra a informação ou gostaria de ficar sem ela, considerando que as expressões acima são propagandas de um modo de vida que pode ser considerado também um modo de progresso. Os meios de comunicação, ao tornarem-se referências, demonstram estar inseridos no espaço cultural e social do qual são frutos; do contrário, evidenciam seu deslocamento e abrem espaço para as inúmeras outras possibilidades de identificação dos grupos sociais. A televisão é um dos elementos que configuram e reconfiguram as identidades contemporâneas, por estar densamente inserida na sociedade e na cultura da qual faz parte, ainda que por muito tempo tenha sido considerada como um fator de desagregação, de desenraizamento e de descaracterização da cultura (Urdangarin, 2003).

Pensando na adolescência contemporânea, pode-se dizer que o público que mais tempo passa em “companhia” da mídia é o jovem e que o que é divulgado nos veículos, hoje, se torna tema comum de comunicação, principalmente, entre eles. Conviver com a mídia é uma das principais coisas que os jovens fazem em seu dia-a-dia, conferindo a ela um lugar de destaque em suas vidas. Enquanto a maioria dos pais passa o dia fora de casa, trabalhando, crianças e adolescentes passam em casa a maior parte do tempo, praticamente, sozinhos, em companhia dos mais variados tipos de publicações, da televisão, da informática e da eletrônica. Essa configuração das famílias brasileiras é um dos sintomas da chamada era globalizada, vivida de forma intensa por uma sociedade que é incitada, a todo o momento, ao consumo ávido de produtos e ideais e a um individualismo quase crônico.

Nesse cenário, os meios de comunicação desempenham um papel de relevância fundamental. Segundo Fischer (1996), o homem encontra-se totalmente sujeitado a um mundo eletrônico criado por ele. Esse mundo conduz, gradualmente, a novas formas de interação com os outros, moldando as individualidades das pessoas. Os indivíduos, em especial os adolescentes, convivem com uma grande quantidade de informações que recebem a todo o momento desses meios, enquanto formam sua personalidade e vivenciam a adolescência.

A mídia tem feito com que as pessoas, de um modo geral, passem por um processo de exposição de suas vidas e de sua intimidade. O tipo de poder em jogo atualmente é o que atinge o cotidiano das pessoas, que produz verdades nas quais todos devem reconhecer-se e pelas quais são reconhecidos (Fischer, 1996). Por meio

da mídia, em suas mais diversas formas de manifestação, os adolescentes são incitados a adotar uma determinada postura, atitude, peso, forma de se vestir, etc; segundo Fischer (1996), muitas vezes esse direcionamento é tão sofisticado na forma de textos e imagens, que iludem e inebriam, aprisionando os jovens a um padrão pré-estabelecido. Lasch (1987) esclarece que as sociedades que se baseiam na produção e no consumo em massa estimulam uma incrível atenção às imagens e impressões superficiais. As pessoas perdem a iniciativa e a autoconfiança, vivendo em uma eterna ansiedade e desconforto na busca de objetos oferecidos pelo mercado. Segundo Lasch (1987), a cultura organizada em torno do consumo de massa estimula o narcisismo (ver o mundo como um espelho), pois torna as pessoas frágeis e dependentes do olhar do outro.

Giongo (1998) constatou, em uma série de entrevistas com adolescentes realizadas em uma escola privada de Porto Alegre, que os jovens de nível sócio-econômico médio conferem à mídia um importante papel na construção de sua identidade. Para eles, ela exerce uma influência inegável em seu comportamento. Além disso, é associada à moda, oferecendo um modelo com o qual o adolescente se identifica. Conforme resultados dessas entrevistas, foi constatado que a mídia faz com que as crianças e adolescentes sejam expostos precocemente às mensagens veiculadas, exercitando afetos e comportamentos para as quais ainda não estão preparados; a mídia atinge com mais intensidade os jovens de classe social mais elevada, porque têm um acesso fácil às novas tecnologias e aos meios de comunicação social; os jovens absorvem o comportamento dos artistas, conforme as imagens que são passadas e, na questão da moda, associam a mídia à marca e aos grupos sociais.

Ora, se os adolescentes modelam seu comportamento conforme o comportamento dos artistas, em cenas que simulam cada vez mais “o real”, certamente também assimilam e adotam as atitudes e valores de personagens com os quais mais se identificam. Sendo *Malhação* um programa feito para jovens, em que os personagens das histórias são adolescentes, pode ocorrer aí uma identificação ainda maior entre os espectadores e os adolescentes da ficção, bem como com os conflitos vividos por eles. *Malhação* reproduz esses conflitos com base na “vida real” e meninos e meninas fazem de sua adolescência uma reprodução do que assistem na televisão.

O próprio programa teve esta percepção de reproduzir, de maneira mais fiel, o universo adolescente, ao realizar uma grande mudança em seu cenário principal: *Malhação* deixou de ser ambientada em uma academia de ginástica e passou a contar suas histórias em uma escola privada, tornando os conflitos vividos pelos personagens mais verossímeis e semelhantes à “vida real”. Na falta de referenciais mais estáveis ou fortes, a mídia assume um papel de “matriz” de modelos para constituição de identidades e *Malhação* é inserida na Rede Globo a partir desse modelo contemporâneo, contribuindo para a constituição da identidade dos indivíduos em um momento histórico caracterizado pela descartabilidade, que dita modelos com os quais os adolescentes se identificam, e interfere nas relações interpessoais.

Apoiado nos pontos apresentados acima, esse estudo investiga as técnicas pelas quais o programa *Malhação* sugere “formas de ser ou modos de se instituir no social” para o adolescente, abordando os temas que dizem respeito à construção de identidade na contemporaneidade. Admitindo que o programa *Malhação* produza e

divulgue valores aos jovens, esta pesquisa analisou a apropriação desses valores e modelos identificatórios veiculados neste programa em especial, bem como o espaço ou “hiato” percebido pelos adolescentes telespectadores, que possibilite ou não alternativas na constituição de sua identidade e no modo de interagir com seus pares.

Malhação, por meio da grande maioria de seus personagens, retrata a classe média, embora se saiba que jovens de outros níveis sócio-econômicos também assistem aos episódios. Dessa forma, esta pesquisa tem seu foco nos efeitos gerados nos adolescentes de classe média. Para este trabalho, este nível sócio-econômico foi definido com base em alguns indicadores informados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), já que este não apresenta uma definição exata de classe média. O Instituto inclui no nível sócio-econômico médio famílias que possuem dois ou mais televisores, um carro, cujos filhos estudam em instituições particulares, entre outros fatores. Nesta pesquisa, foram considerados os três indicadores acima para a seleção dos adolescentes. Este é o público atendido pela escola onde foi realizada a pesquisa, conforme foi possível comprovar pelas narrativas dos adolescentes, como veremos mais adiante.

O objetivo geral deste trabalho é explicitar o que é oferecido atualmente aos jovens em *Malhação* e quais os valores predominantemente disseminados pelo programa, além de propor um diálogo entre diferentes campos do conhecimento, problematizando duas temáticas de destaque na contemporaneidade: mídia e adolescência. Este trabalho aborda as mudanças ocorridas em relação à temática para o público alvo, a fim de verificar como adolescentes de classe média de Porto Alegre

estão constituindo sua identidade a partir de valores inseridos na cultura pela mídia e disseminados por meio de um programa feito especialmente para eles, para assim responder à questão que o norteia: como os adolescentes contemporâneos estão construindo sua identidade a partir dos valores em circulação em *Malhação*? Quais são os modelos identificatórios, com seus valores, objetos de desejo e de consumo - para sentirem-se “pertencendo” - que têm servido de referenciais para a construção de valores dos adolescentes telespectadores?

2 QUESTÃO NORTEADORA E METODOLOGIA

As questões que nortearam os rumos deste trabalho foram:

- *A fórmula “Malhação”, encontrada pela rede Globo ao longo dessa década, tem produzido quês efeitos na cultura adolescente?*

Para responder a essa questão, definiu-se que este estudo seguiria uma metodologia qualitativa, de caráter descritivo, integrando três etapas de investigação: material disponível sobre o programa *Malhação* (matérias divulgadas na imprensa, sites sobre o programa e conversas informais com pais, professores e ex-espectadores); o conteúdo dos episódios e fala dos personagens de *Malhação* e a narrativa de adolescentes acerca do programa (entrevistas semi-estruturadas).

2.1.DELINEAMENTO

Em um primeiro momento, este estudo buscou compreender e descrever como se dá a comunicação através da mídia no contexto mundial atual e o papel que esta desempenha para a adolescência hoje. A descrição da relação mídia/adolescência, dentro da concepção de globalização e assumindo as mudanças nos modos de relacionamento entre pais e filhos – a redução do tempo que passam juntos e a conseqüente diminuição do diálogo entre eles, que levam a um contato mais intenso

com as mídias disponíveis - é fundamental para a compreensão da relação do público - alvo desta pesquisa com o programa analisado.

Em um segundo momento, passou-se para a descrição do programa. Inicialmente, realizou-se uma descrição de cada uma das 11 temporadas – conforme a classificação da emissora na qual *Malhação* é exibida. Para esta descrição, considerou-se os protagonistas e os assuntos mais trabalhos em cada temporada, além das características mais marcantes e passagens interessantes de cada uma, a fim de contextualizar o programa e suas mudanças desde sua estréia, em 1995, até o presente ano (2005). Para fins de comparação e análise, este estudo agrupa as temporadas em duas etapas distintas: academia e escola. A troca de cenário é uma das mudanças mais significativas do programa, já que acarretou também uma modificação na abordagem dos temas definidos como “adolescentes”.

Foram analisados dois episódios de cada temporada, totalizando 22 capítulos, escolhidos aleatoriamente. Este material foi cedido por telespectadores e fãs-clubes de *Malhação*; dessa forma, pode-se afirmar que os episódios analisados foram exibidos em épocas distintas de cada ano, não estando sua exibição relacionada a um mesmo mês ou época do ano. Da temporada no ar quando da realização deste estudo, foi gravado e analisado um número maior de episódios. Paralelamente a esta análise, foram analisadas reportagens divulgadas na mídia impressa sobre o seriado, bem como de sites referentes ao programa, tais como o site oficial de *Malhação* e sites independentes, criados por fãs-clubes e interessados de maneira geral.

Em um terceiro momento, passou-se à análise das narrativas dos adolescentes entre 12 e 17 anos, telespectadores de *Malhação*, por meio de entrevistas semi-estruturadas, consentidas, realizadas em uma escola privada da capital gaúcha. Através da análise destas narrativas, foi possível observar o que os adolescentes pensam a respeito do programa, porque o assistem e o que esperam dele. As entrevistas também visavam à formulação de um perfil do grupo entrevistado.

2.2 PARTICIPANTES E PROCEDIMENTOS

Este estudo foi desenvolvido em uma escola particular de Porto Alegre, onde foi possível entrevistar, individualmente, adolescentes de ambos os sexos, dentro da faixa etária definida (12 a 17 anos). Optou-se por uma escola localizada na Zona Norte da cidade, que oferece educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e faculdade. De acordo com dados informados pela escola, os alunos que a freqüentam são provenientes de família de classe média, com alguns casos de alunos de classe média baixa – que estudam no colégio em questão devido à concessão de descontos, fornecidos pela Associação de Pais e Mestres.

Para a seleção dos entrevistados, foram utilizados critérios que garantiam a adequação dos participantes à idade e nível sócio-econômico definidos, bem como o acompanhamento freqüente ao programa. Após a apresentação da proposta aos alunos, os adolescentes deveriam, voluntariamente, manifestar interesse em participar da pesquisa e responder à entrevista. Para tanto, deveriam assistir ao seriado com

certa assiduidade (no mínimo, duas vezes por semana). Com relação à faixa etária, o corte estabelecido foi entre 12 e 17 anos, já que, de acordo com dados fornecidos pela emissora que exibe *Malhação*, o público que assiste ao programa concentra estas idades, predominantemente. Optou-se por investigar os efeitos dos valores em circulação na mídia em adolescentes de classe média, público predominantemente pautado pelo seriado.

Para que as entrevistas fossem realizadas nesta escola em questão, apresentou-se o projeto e seus objetivos para a coordenadora pedagógica, que se comprometeu a explicar a proposta do trabalho aos alunos e reunir os voluntários para a pesquisa conforme os critérios de seleção definidos. Por serem menores de 18 anos, todos os alunos selecionados entregaram um consentimento esclarecido e informado, assinado pelos pais ou responsáveis, autorizando a participação dos jovens na pesquisa³. As entrevistas foram aplicadas individualmente, durante duas manhãs. Os alunos tinham permissão de seus professores para se ausentar das aulas por, aproximadamente, 25 minutos, com a concordância da coordenação pedagógica da escola. As entrevistas semi-estruturadas dividem-se em duas partes: perfil do entrevistado e questões específicas sobre a *Malhação*⁴.

³ Tanto os alunos quanto os pais e a escola foram informados que seria mantido seu anonimato na divulgação dos resultados.

⁴ Ver anexos.

2.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para responder à questão norteadora deste trabalho, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo no exame das entrevistas, capítulos e material disponível sobre o programa, buscando estabelecer uma síntese do significado do programa e dos valores hoje em circulação. De acordo com Somemer e Somemer (1991), a análise de conteúdo é uma técnica que objetiva a descrição sistemática da forma e do conteúdo de material escrito ou falado. Os resultados obtidos com análise de conteúdo são descritivos, ou seja, revelam o conteúdo e a estrutura e não porque estes se apresentam de uma determinada forma. A análise de conteúdo utiliza procedimentos sistemáticos. De acordo com Stein (2000), ela também requer esforços de interpretação e oscila entre os pólos da objetividade e da subjetividade. Por essa razão, esse método de análise permite a realização de uma leitura fecunda dos discursos, a qual pode pautar-se por um objetivo de qualificação, que igualmente pode também atentar para um caráter mais subjetivo dos discursos, ou seja, para aquilo que permanece oculto, escondido e latente nas narrativas.

Ainda de acordo com Stein (2000), a análise de conteúdo permite uma análise sistemática de dados obtidos de arquivos e documentos. Dois processos estão envolvidos neste procedimento: especificação das características do conteúdo a ser analisado e aplicação de regras para identificar e registrar as características quando aparecem no material analisado. A partir deste material são identificadas as categorias emergentes das análises. Conforme Milnitsky-Sapiro (1996), são nomeadas categorias

uma palavra, termo ou expressão que melhor exemplifique e caracterize o conteúdo identificado nas análises.

2.4 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE

Para a análise do material disponível, foi aplicada uma técnica de triangulação. Dessa forma, foram analisados, inicialmente, os vídeos com os episódios do programa. Um breve resumo foi registrado por escrito, com comentários e transcrição de alguns diálogos dos personagens. Seguindo um delineamento qualitativo, aplicou-se na análise dos capítulos a técnica de estudo de casos múltiplos, em que o número de informações repetidas configurou um caso, até o encerramento deste caso, que se dá com a mudança de um evento. Uma vez percorridos os dez anos do programa, passou-se para a análise do material midiático sobre o seriado – matérias de revistas, jornais, sites e comentários informais de adolescentes, divulgados na imprensa, sobre o programa - e, finalmente, passou-se para a análise das entrevistas. Todas elas tiveram seu conteúdo, gravado em fitas cassete, transcrito para a aplicação do método de análise. Todo o material escrito foi lido para a apreensão de seu conteúdo; em seguida, foram identificadas unidades de sentido, em que se marcam frases ou parágrafos que, juntos, destacam-se nas narrativas por expressar um conteúdo significativo. Desse processo emergiram categorias, as quais constituíram os temas das narrativas dos adolescentes e permitiram que se respondesse à questão que norteia este estudo, visando contribuir para a produção de conhecimento sobre a função da mídia na construção de valores dos adolescentes.

3“EU VEJO VOCÊ, VOCÊ ME VÊ”⁵

A globalização, que atinge em cheio todos os países em suas mais variadas culturas e formas de comportamento, está produzindo um novo tipo de sujeito, que se desenvolve convivendo com a intercomunicação econômica e com a avalanche de informações que é injetada a todo o momento na sociedade por diversas vias (Fischer, 1996). Esse momento é vivido de forma intensa, principalmente, pelo mundo ocidental, caracterizado pela velocidade, descartabilidade e consumo. Nesse cenário, os meios de comunicação desempenham um papel de relevância fundamental. Vive-se, hoje, em companhia da mídia, da informática e da eletrônica, que constituem cenários e modos de “ser e relacionar-se” cada vez mais virtuais.

A mídia tem feito com que as pessoas, de um modo geral, passem por um processo de exposição de suas vidas e de sua intimidade, principalmente no que diz respeito à “verdade” desses indivíduos como sujeitos de uma sexualidade. Reproduzindo a “vida real”, a mídia aproxima ainda mais público-alvo e meio de comunicação, fazendo com que as pessoas se “encontrem” nas produções midiáticas e se identifiquem com histórias, personagens e situações.

Os jovens são incitados, tanto nas produções eletrônicas quanto impressas, a adotar uma determinada postura, certa atitude, peso, comportamento ou forma de se vestir. Lasch (1987), Bauman (1999) e Hall (1997) associam as sociedades à produção

⁵ Orwell, George. 1984. 21.ed. São Paulo: Nacional, 1989. 277 p.

e ao consumo em massa, estimuladas por uma incrível atenção às imagens e impressões superficiais. As pessoas perdem a iniciativa e a autoconfiança, vivendo em uma eterna ansiedade e desconforto na busca de objetos oferecidos pelo mercado.

Dentro desse contexto, uma mudança cada vez maior no comportamento masculino e feminino vem interferindo no processo adolescente. O mercado de trabalho que se abriu para as mulheres levou as mães de família para os escritórios e empresas, enquanto o século XX criou novas tecnologias de informação e divertimento. Dessa forma, a mídia se configura como a “figura educadora” que abriga e consola os sujeitos “abandonados” por seus pais (Menegaz e Milnitsky-Sapiro, 2000) e que vivem um momento de maior vulnerabilidade, como explicam Dolto & Dolto Tolitch (1993), utilizando uma metáfora para explicar os processos da adolescência.

Eles afirmam que os adolescentes vivem o “Complexo da Lagosta” em seu processo de crescimento. As lagostas, quando estão crescendo, precisam trocar de carcaça, perdendo a antiga e fabricando uma nova. Durante esse período de troca, ficam um tempo sem defesa e expostas a grandes perigos. O trabalho psíquico que o adolescente precisa desenvolver para encarar as mudanças que chegam com a puberdade pode ser comparado a esse processo, ou seja, o adolescente deverá “fabricar” uma nova imagem de si para enfrentar o que lhe será imposto a partir desse momento. O adolescente deverá assumir uma nova postura e adotar um novo papel. Os pais não podem mais “escorar” o sujeito adolescente e o jovem se depara com diversas dificuldades ao vivenciar as mudanças com seu corpo. Ele passa a sentir-se feio, gordo demais ou magro demais, muito alto ou muito baixo, com muita acne em seu

rosto, anormal. De acordo com Dolto & Dolto-Tolitch (1993), o adolescente passa a ler no olhar do outro sua imagem e, assim, tenta construir uma nova dimensão imaginária de si. É o semelhante de outro sexo que detém o poder de reconhecer o corpo do jovem, um corpo genitalmente maduro, desejável e desejante. Ocorre aí, além do reajuste da imagem, uma mudança em seu valor. Na infância, esse valor era ditado pelos pais. Agora, o adolescente precisa do olhar do outro, que ocupa as funções de ser semelhante, porém de outro sexo; de despertar o desejo do sujeito, sendo então um objeto; garantir a substituição dos pais como referentes últimos da palavra para poder ser amado (Rassial, 1990).

Para o adolescente, os pais lhe podem ser ausentes porque precisam trabalhar em busca do dinheiro que sustenta a família em suas necessidades e em seu lazer. Entenda-se por lazer a TV a cabo, o acesso à Internet, o aparelho de som com CD, o vídeo cassete ou o DVD, o aparelho de televisão, o vídeo game, as viagens nas férias, enfim. Estimulados pelas imagens, os adolescentes passam a querer a bolsa da moda, a calça do momento, os cadernos com foto de atores - vistos na televisão - na capa. Ora, se os pais não acompanham os filhos porque estão em busca da moeda de troca que permite o acesso a esses bens de consumo, o efeito esperado é que os adolescentes passem a querer esses objetos, que lhes conferem uma “verdade” enquanto indivíduos pertencentes a um grupo ou a uma “tribo” que valoriza o TER. Influenciados pela mídia e pelo suposto “abandono” por parte dos pais, “o que eu tenho” passa a ser mais importante do que “o que eu sou” para ao adolescente. O SER, que fica em segundo plano, é moldado pela mídia – o “ser magro”, “ser belo”, “ser popular”. O SER, portanto, nesse caso, diz respeito ao PARECER, já que o “ser inteligente”, “ser

bem informado” ou o “ser cidadão”, por exemplo, não é um assunto tão explorado pela mídia adolescente, conforme veremos mais adiante.

Esses aspectos do processo adolescente são abordados pela mídia a todo o momento, e são por ela explorados e incentivados sem critérios sociais ou morais. O TER, o PARECER e o SER estão presentes nos programas adolescentes como os temas abordados com mais freqüência, por meio de matérias / episódios que abordam comportamento, moda e beleza e que trazem consigo, ainda que de maneira “velada”, a publicidade e a venda de produtos, estimulando o parecer bem / comportar-se de maneira adequada para o outro, reconhecendo-se como sujeito através do olhar desse outro.

As revistas dirigidas às meninas, como a revista *Capricho*, por exemplo, preocupam-se com a “alma” da adolescente, com o estar “alegre”, estar “de bem com a vida”, não estar “de mal com o mundo”, de forma que possam lidar bem com os amigos, com os meninos, com a família e consigo mesmas. Presentes também estão as “verdades” da adolescente enquanto sujeito de uma sexualidade, de um corpo desejável e desejante que enfrenta mudanças que a tornam “anormal” e “estranha” ou “bela” e “interessante”.

Nos programas de televisão dirigidos aos jovens, como a *Malhação*, essas questões aparecem de maneira ilustrada através do comportamento dos personagens e dos discursos que os acompanham. Os temas se repetem nas mídias impressas e eletrônicas. Por exemplo: enquanto as revistas acrescentam em suas pautas matérias

sobre doenças sexualmente transmissíveis, os programas em formato de novela exibem situações que reproduzem o tema, como um personagem que adquire aids após uma relação sexual desprotegida, por exemplo. Os mesmos pontos que seriam abordados nas matérias, em duas ou três páginas, são exibidos nas histórias vividas pelo personagem, em situações de dia-a-dia, de maneira mais “real”, ou pelo menos, mais “visível”.

É importante salientar a relevância que o meio televisivo assumiu nas últimas décadas – considerando que este ocupa grande parte do tempo de não-trabalho das classes populares e é um dos lazeres fundamentais de outros segmentos, conforme Leal (1986) - os avanços tecnológicos que levaram a apresentação de dados cada vez mais próximos e recursos de cenários e ambientes externos que, conseqüentemente, propiciam a todos, principalmente aos adolescentes, o sentido de “vivenciarem” o que é sugerido.

A televisão, para Leal (1986), é percebida como uma modalidade de linguagem e utiliza códigos semelhantes aos que se utiliza para perceber a realidade. Segundo Bourdieu (1997), a televisão é o meio de comunicação mais controvertido da atualidade; para ele, a tela da televisão é hoje uma espécie de “espelho de Narciso”. Ao fazer essa afirmação, o autor se refere aos intelectuais (filósofos e escritores), acreditando que pouca coisa pode ser dita em um veículo que impõe o assunto, que oferece um tempo irrisório e que tem interesses econômicos invisíveis e inconfessáveis, fazendo da televisão um formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica. Além disso, para ele, a televisão exerce uma forma perniciosa de violência simbólica,

devido a diversos mecanismos; a violência – que se exerce nas relações sociais e, em particular, nas relações de comunicação pela mídia - é uma violência exercida com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la (Bourdieu, 1997). Este meio de comunicação desempenha uma função marcante na consolidação da identidade nacional.

Ainda segundo Bourdieu (1997), uma parte simbólica da televisão, no plano das informações, por exemplo, consiste em atrair a atenção para fatos que, por natureza, interessem a todo mundo. Os chamados “fatos-ônibus” são fatos que, como se diz, não devem chocar ninguém, que não envolvem disputa, que não dividem, que formam consenso, que interessam a todo mundo, mas que, de um modo geral, não tocam nada de importante (Bourdieu, 1997). Para o autor,

a televisão pode “ocultar mostrando”; mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso se fizesse o que supostamente se faz: informar. Ou ainda, mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se torna insignificante, ou construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade (pág. 24).

Filho (2001) se refere à televisão como um grande circo eletrônico, “que tem de tudo: nossos palhaços, nossos mágicos, nossas feras e até nossos trapezistas que, de vez em quando, saltam sem rede. Tudo para agradar crianças, velhos, mulheres, homens, ricos e pobres, todas as crenças e raças” (pág. 11). Para o autor, examinar esse circo é uma tarefa complexa e difícil, mas a grande característica da televisão é

sua íntima identificação com o lugar e a época em que é feita. O autor afirma que “quem faz e quem assiste à TV estão no mesmo barco. São cúmplices. E é essa cumplicidade que a gente deve buscar o tempo todo. Quer dizer, temos de entender para quem estamos falando e de quem estamos falando” (pág. 11).

Este é um fator importante para entender a TV brasileira, bem como seu sucesso, a audiência que formou, o tipo de relação que estabeleceu com o telespectador, o papel e o espaço que aos poucos foi ganhando na vida das pessoas. Quando a televisão surgiu, o rádio era a “paixão nacional”, mas a nova mídia foi muito rapidamente bem aceita pelo público, provavelmente porque este reconheceu nela algo familiar. Uma das razões é o fato de que a TV começou, praticamente, segundo Filho (2001), como um “rádio com imagem”, sendo quase toda sua equipe – particularmente os atores – proveniente do rádio. Cenógrafos e diretores chegaram à televisão através do teatro – inclusive do teatro de revista – dando origem à mistura que, na opinião do autor, originou a TV brasileira: rádio, teatro de revista e circo, manifestações que viviam em função do apelo popular.

O modelo da televisão brasileira, desde sua origem, é o americano. Os primeiros produtores nacionais foram aos Estados Unidos fazer cursos na CBS e na NBC, a fim de aprender as técnicas e os procedimentos fundamentais para implantar a televisão no Brasil, cuja primeira transmissão aconteceu em 18 de setembro de 1950. Hoje, além dos fundamentos técnicos, o modelo de programação também segue um formato americano, embora a televisão brasileira tenha conquistado uma identidade própria e reconhecimento internacional com o passar do tempo. No entanto, é impossível não

perceber que o estilo dos programas exibidos segue formatos consagrados nos Estados Unidos, como os *sitcoms* e os seriados; enquanto algumas emissoras produzem seus próprios programas dentro destes formatos, outras retransmitem produções americanas.

Para Gitlin (2001), a mídia é hoje ocasião e conduto de um modo de vida identificado com a racionalidade, a conquista tecnológica e a busca de riqueza, mas também de algo muito diferente, algo que se chama de diversão, conforto, conveniência ou prazer. As pessoas buscam saciar a fome de prazer, convidando imagens e sons a entrar em suas vidas, fazendo-os ir e vir com facilidade, numa busca interminável de estímulos e sensações. O negócio principal não é a informação, mas a satisfação, que segundo Gitlin (2001), é o sentimento ao qual se dá todo o tempo possível, não apenas em casa, mas no carro, no trabalho ou na rua.

Para o autor, a mídia não é apenas representação; é também promessa, e as pessoas voltam a ela querendo mais. Seduzido, o espectador é arrastado pela transparência do que lhe é enviado e não se dá conta de que mantém uma relação determinada com o veículo, mas acredita relacionar-se diretamente com o mundo (Chauí, 2004). A civilização desenvolveu uma forma particular de brinquedo: casar diversão com conveniência, banhando-nos em imagens e sons. Como diz Gitlin (2001), “a tela é brilhante; mais brilhante que a realidade comum” (pág. 82). Ou seja, na tela da TV, as pessoas visualizam aquilo que gostariam de ter, modos de ser muito mais atrativos que a “vida real”.

Pode-se dizer que a tela brilhante atrai, principalmente, os jovens, que são os telespectadores talvez mais expostos ao seu poder, levando-os a buscar novas formas de obter prazer, seja através de produtos oferecidos nos programas ou de atitudes vinculadas a personagens com os quais se identificam, dos quais absorvem os comportamentos representados.

Os meios de comunicação, especialmente a televisão, “coisificam” formas de se obter satisfação. A novela constitui uma das formas mais “canalizadas” de “coisificação” do desejo e da fantasia, pelo fato de ter uma seqüência que convoca à manutenção dessa fantasia “sugerida” pela TV, como veremos a seguir.

3.1 O ESTILO NOVELA

A novela, na televisão, é um produto consumido em busca de satisfação. Leal (1986) define a novela como um bem cultural, que é assistido, incorporado, vivenciado e reelaborado a partir do cotidiano das pessoas. No Brasil, o gênero novela (ou dramaturgia) teve início com a criação da TV Globo, em 1965, e é hoje um dos principais produtos de exportação da emissora para outros países. Este tipo de programa, que em sua origem tinha um estilo folhetinesco de “capa e espada”, como *O Sheik de Agadir*⁶, passou mais tarde a se voltar para a realidade brasileira, buscando, também, desempenhar um papel de sensibilização do público para os problemas políticos e sociais enfrentados pelo Brasil em cada período. Campanhas de

⁶ Novela de Glória Magadan, exibida em 1966 pela Rede Globo.

esclarecimento e denúncias sociais também passaram a integrar o roteiro das novelas, como o desaparecimento de crianças, drogadição, doenças como aids e câncer e doação de órgãos para transplantes. Esse caráter “pedagógico” ou de conscientização também é perceptível nos programas *teens*; em *Malhação*, por exemplo, diversos temas sociais e educativos foram incluídos nos episódios, conforme veremos mais adiante.

Especialmente as novelas exibidas no horário das 21h envolvem o público na temática que abordam. As pessoas falam, vestem-se e penteiam-se nas formas e nas modas identificáveis com as novelas do momento, fatos constatados e descritos por Leal (1986) e Filho (2001). Além disso, comentam, discutem e tomam partidos a respeito dos personagens que estão no ar. Desde muito tempo, a novela exibida depois do Jornal Nacional é definida como “a novela das oito”, tornando-se uma forma genérica que os produtores, receptores e as crônicas de jornais utilizam para se referirem às telenovelas, indicando, na forma como fazem referência ao programa, a familiaridade cotidiana e a predominância de um meio de comunicação, de uma emissora, de um horário e de um determinado tipo de programação. Segundo Leal (1986), “é um produto característico da Indústria Cultural, no sentido de ser racionalmente produzido visando um público massivo” (pág. 13).

A televisão acaba definindo horários para determinados públicos. O horário em que a novela das oito é exibida – o chamado “horário nobre” – é o momento que todas as emissoras transmitem programas direcionados às classes média e populares; por exemplo: o início da manhã é o horário da programação infantil, o início da tarde é mais direcionado a donas de casa e pessoas que não trabalham, enquanto o horário das 17h

é dos adolescentes – é nesta faixa horária que são transmitidos, na maioria das emissoras, as programações *teens* durante a semana. Ao definir estes horários, o veículo não considera eventuais telespectadores que não se enquadram no “público-alvo da faixa horária”, desconsiderando que uma mãe desempregada possa estar assistindo à televisão no final da tarde ou que jovens que freqüentam aulas pela manhã e à tarde só podem assistir à programação televisiva durante a noite.

Pode-se traçar um paralelo entre o fenômeno novela, entre os brasileiros em geral, e o fenômeno *Malhação*, entre os adolescentes. Segundo Leal (1986) e Filho (2001), as séries (ou minisséries e seriados) utilizam a mesma tecnologia das novelas e se valem da mesma estrutura: um capítulo inicia onde terminou o capítulo anterior e seu final será sempre o início do capítulo do dia seguinte. Ocorre uma continuidade e uma provocação para que o telespectador volte a assistir ao programa, já que cada capítulo encerra no clímax daquele episódio. Tanto nas novelas quanto na *Malhação*, há também uma promoção de ídolos, reforçados por outros meios de comunicação de massa, que falam, especialmente, de suas vidas pessoais, tais como as revistas. Utilizando-se de recursos da matemática para exemplificar, pode-se dizer que os atores de novelas estão para a revista *Caras* assim como o elenco de *Malhação* está para a revista *Capricho*. Ocorre aí um “apelo identitário” reforçado pela repetição, que segundo Leal (1986), se baseia na mobilização de afetos. Para a autora,

a novela é um discurso compensatório que trata de noções abstratas como o mal, o amor, a felicidade e onde se organizam e se resolvem afetos de personagens junto a um público que encontra, nas intimidades e nas soluções oferecidas pelas

imagens, diferentes níveis de gratificação, e que acredita na autoridade da narração televisiva (pág. 37).

Outro ponto que deve ser destacado com relação ao fenômeno novela – e que se pode comparar com a *Malhação* - é a absorção da linguagem televisiva. Principalmente por parte de sua audiência popular, o vocabulário de personagens é incorporado e reproduzido nas interlocuções pessoais. A televisão tem uma influência muito direta no que se refere a vocabulário e à visualização de palavras escritas. Esse fenômeno é facilmente identificável nas crianças; como descreveu Leal (1986), o efeito, nesse sentido, é o inverso de um apassivamento diante do que é apresentado na mídia. Os mais jovens têm um repertório mais vasto que os mais velhos, com marcas de diálogos e jingles da televisão. A *Malhação*, que reproduz um universo essencialmente adolescente, contribui para esse fenômeno com as gírias que insere na linguagem televisiva. Ao reproduzir um estilo de linguagem de um determinado grupo de jovens, o programa dissemina aos mais variados grupos aquilo que é falado, “padronizando” a linguagem juvenil. Expressões e gírias são incorporados pelos jovens, da mesma forma que a novela leva à incorporação de determinadas falas por um público mais velho – *Malhação*, no entanto, o faz com a “autoridade” que é conferida a um espaço exclusivamente juvenil. O “novo” vocabulário pode permanecer com o espectador pelo tempo de duração do programa ou da permanência de determinado personagem no ar, tanto na novela quanto na *Malhação*.

Se, ao abordar estes temas, a novela se insere em um universo mais adulto e consolida-se como meio de “satisfação”, aos quais os espectadores retornam

repetidamente, os programas dirigidos aos adolescentes utilizam as mesmas técnicas para atrair seu público-alvo. Mudam-se as temáticas, as sinopses e roteiros passam a contemplar assuntos de um “universo mais jovem”, mas a estrutura permanece. A seqüência de capítulos segue o padrão novela, dando continuidade, no dia seguinte, à história e aos conflitos dos personagens naquele momento, que só se resolvem, definitivamente, ao final da “temporada” (é necessário salientar, aqui, que o período de duração do seriado é maior que o de uma novela – uma temporada de *Malhação* tem duração de um ano, enquanto a novela não costuma ultrapassar seis meses).

Mas se em alguns pontos o seriado segue a estrutura da novela, em outros ele lembra, em muito, os chamados “enlatados” americanos; fórmulas prontas que apenas repetem temas, mudando somente os personagens e mantendo o foco em um único público, enquanto a novela cria diversos “núcleos”, com os quais os espectadores se identificam mais ou menos, conforme sua idade, sexo e classe social.

4 MALHAÇÃO: A “NOVELA” DOS JOVENS

“Tá bom, a gente se encontra depois da Malhação!”

Essa resposta de Tati, personagem de Heloísa Perissé em um quadro exibido no programa Fantástico, da Rede Globo, define bem a importância de *Malhação* no espaço cultural do adolescente contemporâneo. Ao propor para a turma um encontro para as cinco da tarde, horário em que o programa é transmitido, a jovem teve sua sugestão rejeitada pelos colegas. Já que a televisão determinou que este é o horário da programação juvenil, os adolescentes precisam adaptar seus compromissos de forma que estejam disponíveis para assistir a seus programas na faixa horária que lhes “cabe”.

Exibido há 10 anos, *Malhação* é o programa dirigido ao público adolescente há mais tempo no ar. É também a principal produção nacional voltada aos jovens, além de ser transmitida na emissora brasileira de maior audiência, a Rede Globo. De acordo com dados publicados na imprensa, o programa é a “galinha dos ovos de ouro” do canal; em 2004, seus índices de audiência bateram recordes, obtendo média de 34 pontos no Ibope, a maior pontuação de sua história. Em seus melhores momentos, ainda em 2004, chegou a atingir 42 pontos, número superior ao das novelas das 18h e das 19h.

Antes de *Malhação*, somente *Confissões de Adolescente*, outra espécie de “novelinha”, descreveu o cotidiano e a adolescência de quatro jovens irmãs, filhas de pai viúvo, moradoras do Rio de Janeiro. Produções nacionais dirigidas especialmente aos jovens são ainda pouco freqüentes; no Brasil, os adolescentes convivem com uma infinidade de mídias, que trazem as mais diversas informações até eles pelos mais variados meios. São desde *outdoors* de rua até propagandas de produtos nas capas de cadernos, sites na internet e, claro, programas de televisão. Meninos e meninas convivem com as mais diversas possibilidades e experiências através dos meios de comunicação e identificam-se com os mais diferentes produtos culturais oferecidos por eles. De acordo com *Veja Online*⁷, em matéria publicada em junho do ano passado, uma pesquisa recente mostrou que dos dez programas preferidos pelos jovens entre 12 e 17 anos, apenas *Malhação* e *Altas Horas* se dirigem a eles. Este último, no entanto, com características muito diferentes do seriado.

Se os produtos da mídia virtual são quase todos voltados para os jovens, o mesmo não se pode dizer dos produtos televisivos. Ainda que os adolescentes assistam a todos os programas exibidos na televisão, poucos são aqueles produzidos, especificamente, a eles, especialmente nos canais abertos. Na Rede Globo, por exemplo, além da *Malhação*, o único programa produzido para os jovens chama-se *Altas Horas*, exibido nas madrugadas de sábado. Mesmo assim, seu perfil não é especificamente adolescente, mas juvenil, já que atinge jovens de até 25 anos de idade. No programa, artistas e personalidades são entrevistados pelos jovens presentes

⁷ Sob o título *Um programa bem maduro*.

no estúdio, sem qualquer tema pré-estabelecido ou roteiro prévio de questões. Atrações musicais também fazem parte do programa.

No SBT, a segunda emissora de canal aberto mais expressiva entre os adolescentes, não existe uma produção brasileira dirigida a esse público. Os programas juvenis veiculados pela emissora são seriados de aventura americanos, como *Smallville*, que narra as aventuras do Super-Homem quando jovem, entre outros. A MTV, canal totalmente direcionado aos jovens e primeira emissora no país a privilegiar uma programação para este público, possui um repertório predominantemente musical. Os programas que fogem deste tema e buscam oferecer uma visão mais crítica de determinados assuntos do universo adolescente (tais como sexo, relacionamentos, etc), exibem uma simplificação da complexidade das informações, devido ao pouco tempo que permanecem no ar semanalmente. Nos canais a cabo, as opções não são muito diferentes. Filmes e seriados de aventura americanos predominam na grade de programação desses canais, abordando superficialmente assuntos relativos à família e a relacionamentos adultos (tais como *Friends*, *Sex and the city*, entre outros), sem qualquer aprofundamento em questões da adolescência.

Dessa forma, *Malhação* é o programa *teen* mais expressivo da mídia brasileira (e mesmo entre a programação “estrangeira” oferecida nos canais a cabo). O programa aborda assuntos que interessam aos adolescentes - embora, de acordo com a direção do seriado, *Malhação* fale sobre adolescentes e não para adolescentes⁸ - e atrai com sucesso seu público-alvo. *Malhação* tem média de audiência de 41 pontos no Ibope,

⁸ Em matéria publicada no caderno TV+Show, do jornal Zero Hora de 26/12/2004.

sendo um produto melhor sucedido do que algumas novelas exibidas no horário das 19h. *Começar de Novo*⁹, por exemplo, mostrava cenas gravadas na Rússia e contava com um elenco definido como “de peso”, como Eva Wilma, Marcos Paulo, Antonio Abujamra, entre outros, mas não conseguiu superar o seriado em audiência. Os protagonistas de *Malhação*, invariavelmente, batem o recorde de correspondências recebidas através da emissora – Guilherme Berenguer, 24 anos, que protagonizou o seriado na penúltima temporada como o personagem Gustavo, já foi o campeão de correspondências da Rede Globo: no período em que esteve no ar, chegou a receber em torno de mil cartas por mês e cerca de 300 e-mails diários, de acordo com informações divulgadas pela emissora.

Malhação “adolescentizou” o horário das 17h, que durante muito tempo ficou perdido entre a Sessão da Tarde e a novela das seis sem uma programação bem definida ou um público específico. Uma tentativa anterior de atrair os jovens para a faixa horária foi feita com a exibição de *Radical Chic*, um programa de games que viabilizava uma disputa sobre conhecimentos gerais entre alunos de escolas do país. A produção, no entanto, ficou pouco tempo no ar, não atingindo o público-alvo conforme esperado.

Já *Malhação*, que tinha previsão de permanecer no ar por três anos, superou as expectativas e foi evoluindo ao longo do tempo. De uma academia de ginástica como cenário principal, o programa ampliou os espaços de atuação dos personagens, criando restaurantes, produtoras de vídeos, lojas e as casas dos protagonistas, até transformar seu cenário principal em uma escola, abandonando a academia. Do formato original,

⁹ Exibida em 2004.

restou apenas o nome; a abertura e a música tema do programa também foram alteradas (ou “atualizadas”), buscando uma maior identificação do público com a produção.

5 FASES E TEMPORADAS

De acordo com o *Dicionário da Rede Globo*¹⁰, organizado e editado pelas Organizações Globo, *Malhação* inaugurou um novo conceito de teledramaturgia na emissora, semelhante aos das *soap operas* norte-americanas, em que, entre outras características, não há previsão de término. A proposta inicial do programa, que se mantém até hoje, era abordar temas relativos ao universo jovem, como relacionamentos amorosos e entre pais e filhos, amizade, ciúme, virgindade, gravidez, aborto, aids, estudos, entre outros. Para desenvolver uma história dentro dessa nova estrutura, foi instituída uma segmentação por semanas, ou seja, a trama iniciava na segunda-feira e encerrava na sexta, quando surgia já o fio condutor para o assunto da semana seguinte.

Malhação permaneceu com este formato ao longo dos dois primeiros anos; depois, as ações passaram a ser contínuas, sem a preocupação de concluir a história. Atualmente, a saída de personagens antigos e a chegada de personagens novos (principalmente os protagonistas) – mudanças que são representadas pela chegada de novos alunos na escola onde a trama é desenvolvida atualmente – determinam o fim de uma temporada e o início de outra. Todos os personagens têm sua história concluída quando deixam o programa, independente do momento em que isso acontece (alguns atores deixam *Malhação* antes do encerramento da temporada).

¹⁰ Dicionário da TV Globo, v.1: programas de dramaturgia & entretenimento / Projeto Memória das Organizações Globo – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

Malhação está em sua 11ª temporada, de acordo com as reformulações que sofreu. Até dezembro de 2002, contabilizava cerca de 1900 capítulos exibidos e já tinha sido vendida para quinze países, entre eles Cabo Verde, Chile, Eslovênia, Indonésia, Moçambique, Paraguai, Polônia, Portugal, Rússia e Venezuela. Atualmente, a história é ambientada em uma escola privada de ensino médio, mas seu cenário principal nem sempre foi assim. O programa estreou fazendo referência ao título que o acompanha desde o lançamento, tendo como cenário principal (e único) uma academia de ginástica, onde os personagens viviam conflitos típicos da adolescência e se colocava em pauta diversos assuntos relativos ao processo adolescente.

Ano I¹¹ (1995):

A primeira temporada inicia tendo a fictícia academia de ginástica *Malhação*, localizada na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, como cenário. O personagem de destaque é Hércules, um jovem ingênuo do interior que se muda para o Rio para estudar e trabalhar e se emprega na academia. É ele quem conduz as outras tramas. O primeiro tema debatido no programa é a virgindade. Também se destaca o relacionamento entre a dona da academia e seu casal de filhos adolescentes; a menina, apaixonada pelo professor de artes marciais, que a vê como uma criança, enquanto o menino entra na puberdade e vive os conflitos comuns deste período. Nesta temporada, o personagem Mocotó marcou a história com expressões que viraram moda entre os adolescentes (como, por exemplo, o famoso “isso é coisa de frutinha”¹²). O

¹¹ A classificação das temporadas segue a nomenclatura definida pela Rede Globo, de acordo com o *Dicionário da TV Globo*.

¹² Fazendo referência aos homossexuais. Entre os adolescentes, a gíria frutinha tem o mesmo significado de gay. Frutinha tornou-se um estigma para o adolescente homossexual.

cenário montado para a academia contava com piscina, bar, vestiário, terraço, estacionamento e entrada principal. Em janeiro de 1996, foi transmitido o *Malhação de Verão*, que exibiu a viagem de férias da turma da academia para o Rancho da Maromba, com duração de duas semanas.

Ano II (1996):

A nova temporada começa com o fim do verão na colônia de férias. O cenário é reformulado e novos personagens entram na trama. A academia é vendida para um novo dono, que falece e deixa o estabelecimento como herança para a filha e a segunda esposa, que não se entendem. Com essa mudança na “administração”, a trama começa a fazer incursões no mundo adulto. As histórias passaram a ter duração maior que uma semana e novos ambientes foram incorporados à academia: um fliperama, uma sauna a vapor, um restaurante, um sushi-bar, uma parede de alpinismo e uma rampa de patinação. Os temas em discussão na academia permanecem os mesmos nesta temporada: sexo, relacionamentos, saúde, entre outros.

Ano III (1997):

Há uma mudança na equipe de roteiristas e diretores, mas os tópicos abordados, a estrutura e o cenário principal permanecem os mesmos. A administração da academia é ainda tema de destaque, com a chegada de um misterioso empresário, que se declara herdeiro de metade do estabelecimento. O personagem Mocotó, um dos poucos que permanecem no ar desde a primeira temporada, arruma uma namorada, mostrando o “amadurecimento” do jovem que, antes, só contava vantagens e não admitia a vontade de assumir um relacionamento com nenhuma menina. É também

nessa temporada que o jogador Ronaldinho faz uma participação na trama, como namorado de Mariana, personagem de Suzana Werner e namorada do jogador na vida real, na época. A participação do jogador marca a saída de Mariana da trama; a jovem vai viver com o amado na Itália, repetindo o que aconteceria com os dois na vida real meses mais tarde.

Ano IV (1998):

É na quarta temporada do seriado que acontece a primeira grande mudança em *Malhação*. Trama e elenco são reformulados e a ação deixa de ter a academia como centro. O programa continua abordando temas do universo jovem, seus conflitos e descobertas. Os protagonistas não são adolescentes, mas dois jovens acima dos 20 anos, jornalistas, que trabalham em uma produtora de vídeos e encontram dificuldades para viver seu relacionamento. Nessa fase, *Malhação* passa a contar com cenas externas e mostra o universo das corridas de carro. O dia-a-dia da produtora também é bastante explorado na trama, que conta ainda com outros cenários fixos, como a praia de Mucum, onde fica a loja de equipamentos esportivos de dois jovens e o restaurante freqüentado pela turma. Um dos destaques da temporada é o namoro de Cacau e Barrão, dois adolescentes que precisam amadurecer rapidamente quando a adolescente engravida inesperadamente.

A temporada encerra com grande parte do elenco deixando o seriado e iniciando uma nova fase, que já se anuncia no final da quarta temporada; Mocotó volta à trama e conta aos amigos que gostaria de escrever a história de *Malhação* (a academia) pela Internet. O estabelecimento é vendido pelo vilão da temporada, que foge com o

dinheiro. A turma se une para impedir que a academia seja demolida para se transformar em uma fábrica de cal, mas não conseguem evitar a implosão do prédio. Os técnicos são mostrados desmontando o cenário que, durante quatro anos, serviu de base para o programa. A última cena da temporada é exibida ao vivo, com Mocotó em casa, explicando o que irá acontecer a partir de então.

Malhação ao Vivo (outubro de 1998):

Uma semana após a estréia da temporada, em novo formato, o programa ganha o título de *Malhação.com*. Agora apresentado ao vivo, o seriado tem apenas um cenário: um quarto, apelidado de “Muquifo do Mocotó”. A nova temporada faz uma espécie de retrospectiva do programa e monta um álbum virtual de memórias, com a participação dos telespectadores por telefone e web. Foi criado um site na Internet, para estimular a interatividade com o público e permitir a discussão de diversos temas do universo jovem. O primeiro assunto discutido é a saída da casa dos pais. A trama desenvolve-se a partir do próprio Mocotó, que morava sozinho na época em que o seriado começou. Inúmeros antigos personagens do programa começam a visitar o amigo Mocotó, para relembrar as histórias da academia. Um mês após o início da nova temporada, o cenário ganha dois novos ambientes fixos (um bar e um prédio em ruínas, que acabou sendo transformado pelos personagens em centro cultural), mas continuou sendo ainda menor que os cenários anteriores.

Malhação Múltipla Escolha:

- 1º Fase (outubro de 1999):

Em 18 de outubro de 1999, *Malhação* ganha o cenário que mantém até hoje: o colégio particular *Múltipla Escolha*, onde os ex-frequentadores da academia passam a estudar. A idade dos personagens é “alinhada” pela produção, já que deve ficar restrita à faixa etária dos jovens que ainda frequentam o ensino médio, mas alguns adultos, assim como jovens em idade universitária, passam a fazer parte da trama, bem como as famílias dos personagens.

Da temporada anterior, apenas três personagens permanecem no ar e a protagonista passa a ser Tatiana, uma jovem que acaba se apaixonando pelo namorado da melhor amiga, Érica. Unidas e confidentes, elas sofrem juntas com a situação, até que Érica conhece e se apaixona por Touro e deixa o caminho livre para que Tati namore Rodrigo. Os quatro formam dois casais de amigos que vivem juntos os problemas próprios da idade. Outro casal de destaque desta fase é Marquinhos e Marina; mesmo apaixonado pela jovem, ele não quer assumir o namoro publicamente, até que a adolescente engravida e o rapaz é obrigado a sair da casa dos pais para assumir a família. O enfoque do programa continua sendo o universo jovem, mas com foco maior para as relações entre gerações, além da exibição de temas com enfoques sociais: em determinado momento da história, Érica descobre que é portadora do vírus HIV, permitindo que o programa discuta a questão da aids; o preconceito racial também é abordado neste temporada, com o relacionamento entre uma menina branca e um rapaz negro. Além da escola, destaca-se como cenário também o Guacamole, um bar que serve de ponto de encontro dos alunos e que, mais tarde, passaria a se chamar Gigabyte.

- 2º fase (2000):

Na segunda fase do *Múltipla Escolha*, alunos novos se misturam aos veteranos e novos professores chegam à escola. Um deles, Afonso, é viúvo e cria sozinho três filhos adolescentes; já a nova professora, Linda, mora com a filha mimada e cria uma sobrinha que é o oposto da prima. As duas meninas se apaixonam por um dos filhos de Afonso, mas ele se encanta com a segunda e os dois começam a namorar. Linda e Afonso se casam e unem as famílias em uma só casa, que se torna um dos cenários principais do seriado nesta temporada. A fase termina com o encerramento do ano letivo e com o casamento de Tatiana e Rodrigo, Érica e Touro (este último casal chega ao altar depois de enfrentar inúmeras dificuldades, inclusive o preconceito do pai do rapaz em ver o filho casando com uma portadora do vírus HIV). É nesta fase que o personagem Cabeção entra para a história, permanecendo no ar até os dias atuais. O adolescente (que utiliza um aparelho auditivo) é um jovem muito engraçado e um pouco irresponsável, que com o passar do tempo vai amadurecendo, porém sem perder o lado cômico que o acompanha.

- 3º fase (2001):

Afonso assume a direção da escola e a trama passa a ter como foco o romance entre Nanda e Gui, uma história marcada pela perseguição de Valéria, apaixonada por Gui, e pelo sofrimento do irmão mais novo do rapaz, também apaixonado por Nanda. Nesta fase do programa, foram feitas algumas “campanhas” de cunho social, num total de 346 inserções sobre gravidez na adolescência, aids e riscos das drogas. A personagem Bia, por exemplo, depois de engravidar precocemente do namorado e ser abandonada por ele, ilustra as dificuldades de ser mãe jovem e solteira, ainda

dependente dos pais e vivendo os conflitos adolescentes típicos da idade. Há também a história da personagem Vera, mãe de Gui, que descobre ter câncer de mama.

Malhação (2002):

Um novo casal de protagonistas entra em cena. Pedro e Júlia são apaixonados, mas sofrem com as armações de Taíssa, apaixonada por ele, para separá-los. Os dois ainda enfrentam uma rivalidade familiar, já que, por um erro médico, o pai de Júlia afeta seriamente a vida de César, pai de Pedro. O programa também discute a capoeira e a importância de se praticar esportes para estimular o espírito de equipe e companheirismo. Nesta fase, o programa volta a reunir os atores Kadu Moliterno e André di Biasi, que viveram os personagens Juba e Lula no seriado de aventura *Armação Ilimitada*, também um programa voltado para os jovens e que fez muito sucesso nos anos 80, porém tendo o humor como base.

• Nova fase (2003):

Rivalidade entre famílias ainda é tema de *Malhação* nesta fase. O jornalista Paulo sofre um acidente de carro e acaba perdendo um amigo no acidente, por impossibilidade de socorrê-lo. A filha de Paulo (Luíza) e Vitor, filho da vítima, que são namorados, acabam brigando, devido ao acidente, e a prima de Luíza tenta se aproximar do ex-namorado da jovem, inventando mil armações para manter o casal afastado. Paulo se aproxima da família do amigo falecido com a intenção de ajudá-los, mas acaba se envolvendo com a viúva e a família dela não aceita o namoro. Nessa fase, o pai de Nanda (que casou com Gui e foi morar fora do país) monta uma espécie de república, onde alguns alunos do Múltipla Escolha passam a morar; entre eles,

Cabeção, que optou por não se mudar para Vitória com a família, mas permanecer no Rio de Janeiro, estudando no Múltipla Escolha.

Malhação (2004):

Luiza, Vitor e Carla deixam a trama e uma nova turma chega ao Múltipla Escolha. Entre eles estão Letícia, uma jovem estudiosa e socialmente comprometida (realiza trabalho voluntário e está sempre engajada em campanhas sociais), proveniente de uma família de classe média baixa, e Gustavo, um rapaz de classe média alta, líder de uma banda em que toca com dois amigos e que, inicialmente, apresenta um perfil de jovem irresponsável. No início da trama, os integrantes da banda de Gustavo, juntamente com o irmão de Letícia, se envolvem em um violento trote escolar, que acaba prejudicando um colega de escola. A turma é processada, criando uma antipatia entre Letícia e Gustavo. O processo enfrentado pelos jovens é trabalhado durante toda a temporada; Gustavo é o primeiro a ser sentenciado e tem como pena o desenvolvimento de trabalho voluntário em uma instituição carente. Letícia trabalha na entidade – chamada de Amparo Social – e a convivência aproxima os dois. Gustavo amadurece e se torna um rapaz mais responsável à medida que convive com Letícia; enquanto isso, os colegas de banda continuam aprontando mil armações e se envolvendo com “más-companhias”. A mãe de Letícia passa a trabalhar no Múltipla Escolha, enquanto os pais de Gustavo se separam. Além de propor uma discussão sobre trotes violentos, a temporada aborda a diferença de classes, voluntariado, penas alternativas, *bullying*, relação pais e filhos, entre outros assuntos.

A banda formada por Gustavo e seus amigos ganha destaque e a jovem atriz Marjorie Estiano (que interpreta a personagem Natasha, vocalista da banda) é lançada também como cantora, inclusive com a gravação de um CD. Um dos destaques desta temporada é o envolvimento de Cabeção e Miyuki; apaixonado, o jovem se envolve em mil armações, até conquistar o coração da japonesinha.

Malhação (2005)

A última temporada analisada mantém na história alguns personagens do ano anterior – como Gustavo, Letícia e Natasha - porém traz um novo trio de protagonistas. Betina e Jaqueline são grandes amigas, porém acabam se apaixonando pelo mesmo menino, sem saber que estão se envolvendo com a mesma pessoa. Bernardo é apaixonado por Betina, mas acaba engravidando Jaque e decide namora-la devido à gravidez. As duas meninas tentam manter a amizade, mas o amor por Bernardo acaba afastando-as. A certa altura da trama, Jaque briga com o pai e vai morar com Bernardo; o namoro acaba, mas os dois se mantêm amigos e unidos por causa do filho. Algum tempo depois, a adolescente perde o bebê e Bernardo decide tentar reatar a história com Betina, mas os dois enfrentam dificuldades para poderem assumir o namoro. Jaque finge ser amiga de Betina para se aproximar dela e evitar que ela fique com Bernardo.

A temporada destaca ainda os “pegas” de carro e uso de anabolizantes, com a inserção, na história, de uma turma “da pesada”, e discute a questão dos diabetes e uso de insulina na adolescência, por meio do personagem Gustavo, que descobre ter a doença aos 18 anos. A temporada permanece no ar. No núcleo “adulto” da história, o

seriado aborda o difícil relacionamento de um casal, quando a esposa decide trabalhar fora devido a dificuldades financeiras enfrentadas pela família (depois de ter passado um longo período como dona de casa) e o marido não aceita o trabalho da mulher.

6 O CONTEXTO DOS JOVENS ENTREVISTADOS

Percebe-se, na atualidade, que a adolescência tem sofrido uma ampliação com relação a sua duração. O que acontece nos dias de hoje – e que não era percebido no início do século passado – é que, de um modo geral, o processo adolescente inicia mais cedo e termina mais tarde, embora se saiba que o início e o término da adolescência eram e continuam sendo determinados por aspectos como condição social, econômica e cultural de cada grupo adolescente, impossibilitando que sejam estabelecidas definições arbitrárias quanto a sua duração.

A precocidade da adolescência é bastante perceptível na cultura ocidental. Segundo Outeiral (1994), pode-se dizer que o processo adolescente tem acontecido antes mesmo do início da puberdade. Crianças têm agido cada vez mais cedo como adolescentes, influenciadas pelo seu ambiente social, que inclui mídia e cultura. Na mídia, percebe-se o incentivo à manutenção de uma cultura juvenil, que leva ao alcance precoce da adolescência e influencia no social, principalmente no que se refere às classes alta e média (Tonatto, 2000).

Com relação ao papel da cultura neste processo, Ruffino (1995) afirma que não se pode mais apenas dizer que a passagem para a vida adulta exige um “completo reposicionamento do sujeito frente a três anseios: o de sua relação com o outro sexo, o de sua relação com a ordem da filiação e quanto às conseqüências de seus atos concretos” (p.46). Para ele, o que é positivo e válido em um determinada cultura, em um

determinado momento, pode não sê-lo em outra; assim, torna-se impróprio falar de forma arbitrária sobre os fatores que influenciam o início e o término deste processo na contemporaneidade, já que os jovens, no mundo todo, apresentam diferenças entre si. No entanto, como já mencionado, há um incentivo comercial para a manutenção de uma cultura adolescente globalizada; mesmo assim, as formas como os adolescentes se apropriam dela sofrem modificações de acordo com o grupo envolvido e com as influências recebidas da sociedade em questão, como explicam Tonatto e Milnitsky-Sapiro (2002).

A influência da mídia no comportamento desses jovens é bastante abrangente e perceptível em todos os níveis sócio-econômicos; na classe média – NSE analisado neste trabalho – a cultura juvenil está intimamente relacionada ao consumo e às “imposições” do mundo moderno, que no Brasil se caracterizam pelo medo da violência e das doenças, o isolamento e os relacionamentos virtuais.

O’Dougherty (1998), ao analisar a classe média paulistana, diz que as famílias deste NSE tinham seu modo de viver baseado em emprego estável, educação, habitação, poupança e facilidade de consumo.

Logo descobri que o consumo é um fator fundamental para a classe. O entendimento de que o consumo (bens e práticas) tem um papel importante na construção da identidade da classe média não é uma opinião exclusiva dos analistas sociais; os próprios ‘nativos’ pensam assim. De fato, o discurso falado de meus informantes¹³ mostrou que o consumo era seu principal critério de definição, fundamental tanto para suas próprias representações

¹³ Pessoas entrevistadas pela autora para a pesquisa.

sobre as diferenças de classe, quanto para suas representações sobre outros grupos igualmente membros da classe média. Padrões de consumo eram freqüentemente citados, a bem dizer eram onipresentes na conversação. Em certo sentido, se o dinheiro é padrão e medida de valor, o consumo também funciona na linguagem como uma espécie de moeda que mede as classes – trata-se de um dos mais importantes recursos através dos quais as pessoas de classe média verbalizam suas avaliações de classe em geral (pág. 02).

A autora diz que várias pessoas entrevistadas por ela fizeram extensas descrições de classe média que incluíam carro, casa própria, educação em escolas particulares para os filhos e atividades de lazer, especialmente cinema, teatro e viagens. Porém, posteriormente, quando pediu que definissem o que é a classe média, quase todos responderam que ser de classe média é “ter casa própria e um carro”. Conforme Saes (in Barbosa, 2002), a classe média (classe de trabalho não-manual, constituída principalmente por profissionais liberais e funcionários administrativos) começou a se formar no Brasil a partir de 1950, com a maior organização do governo. Essa classe teve também algum reforço graças ao café, mas seu crescimento somente se deu, efetivamente, com o advento da indústria.

De acordo com a autora, quantificar o fenômeno é um pouco difícil, pelo fato de existirem inúmeras definições diferentes de classe média. A definição mais concreta, baseada na renda mensal, é a apresentada por Ferrari (2001, in Azevedo, 2004). Segundo o autor, a classe média é constituída por pessoas com renda mensal entre 25 e 10 salários mínimos; dentro desta faixa salarial, a classe média pode se aproximar da classe alta ou da classe baixa.

Para este estudo, a classe média é representada por famílias que possuem um carro, um aparelho de televisão, um imóvel próprio e têm seus filhos matriculados em escolas particulares, como mencionado na introdução desta pesquisa. Os jovens entrevistados são provenientes de famílias que se enquadram neste perfil.

6.1 OS JOVENS

Os 15 adolescentes - sujeitos participantes desta pesquisa - estudam em uma escola particular de Porto Alegre, localizada em um bairro de classe média da Zona Norte da cidade, onde estão localizados supermercados, um shopping center, cinemas, praças conhecidas e algumas escolas privadas da capital gaúcha. A escola oferece aulas regulares, e atividades extra-classe como esportes, cursos de língua e dança. Além de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, funciona nas dependências do colégio uma faculdade, inaugurada recentemente. Trata-se de uma escola de orientação religiosa, mantida pela congregação Salesiana, com o objetivo de ser uma “casa que acolhe, igreja que evangeliza, escola que encaminha para a vida e pátio onde todos se encontram como amigos”, conforme a filosofia Salesiana.

Contrariamente à maioria das escolas públicas e algumas particulares, as dependências da escola são limpas, amplas e arejadas. Pintadas em tons de verde, as paredes das salas de aula contrastam com as marcas de grafite nas mesas, contendo letras de músicas, fragmentos de matérias escolares e declarações amorosas, revelando que, por ali, passam diariamente crianças e adolescentes. Laboratórios, canchas para jogos, salas de ginástica, biblioteca, salão de festas e uma capela

completam as dependências internas. O prédio é preservado pelos alunos, que entendem a escola como uma extensão de suas casas.

O pátio, local preferido dos alunos, abriga uma pista de corrida, utilizada para longas caminhadas durante os recreios e para atividades de educação física. Três quadras de futebol e duas canchas de vôlei e basquete estão à disposição dos alunos, também para o recreio e atividades físicas. Uma pracinha, freqüentada, principalmente, pelos alunos mais novos, ocupa um dos cantos do pátio; o canto oposto, sob o pórtico coberto, abriga o bar da escola, há mais de vinte anos sob o comando dos mesmos ecônomos, que conhecem cada aluno pelo nome. A biblioteca tem saída para o pátio, possibilitando o acesso dos alunos durante recreio e intervalos.

Durante os períodos de aula, quase não se vê alunos circulando pelo pátio. As quadras e a pista são ocupadas apenas pelas turmas em educação física e os bancos, por um ou outro aluno que, por alguma razão, perdeu o período. Do quadro de funcionários, circulam pelo pátio os serventes e os porteiros responsáveis pelas duas portarias; a sala dos professores permanece, praticamente, vazia nestes períodos.

O recreio, para o turno da manhã, tem início às 10 horas e duração de 20 minutos. É o momento considerado mais importante para os alunos, quando acontecem as paqueras, combinações para o final de semana e conversas mais íntimas com os colegas. É um momento de “liberdade” dentro da instituição, como foi possível identificar nas entrevistas. Trata-se de um espaço bastante valorizado na rotina

adolescente, pois possibilita uma interação sócio-afetiva que não acontece em sala de aula.

Os alunos moram em apartamentos, em bairros próximos à escola e, na maioria dos casos, pai e mãe possuem carro para levar e buscar os filhos no colégio; alguns percorrem o trajeto casa/escola – escola/casa a pé e apenas dois utilizam o transporte escolar para se locomover entre a casa e o colégio. Como ocorre na maioria das famílias de classe média contemporâneas, mais da metade são filhos de pais separados e moram com a mãe; em alguns casos, o pai mora em outra cidade e o contato com o filho se dá, em grande parte, por telefone. Os que têm o pai morando na mesma cidade mantêm um contato freqüente com ele, inclusive durante a semana.

Os jovens demonstram uma percepção de naturalização das famílias reestruturadas. Não foram relatadas rivalidades entre filhos e companheiros do pai ou da mãe. Todos os adolescentes afirmaram manter um bom relacionamento com padrastos e madrastas e seus meio-irmãos, quando é o caso. Alguns têm pouco contato com a nova família do pai, mas dizem que não têm ciúmes dos mesmos. Para todos eles, o relacionamento familiar é considerado bom, mesmo que ocorram brigas eventualmente. O convívio com a família, durante a semana, é restrito ao período da noite. “Eu almoço sozinha. A mãe deixa pronto (o almoço) e eu só esquento. Mas quando tenho esportes, eu almoço aqui no colégio”, conta Letícia¹⁴, 14 anos.

¹⁴ Os nomes dos adolescentes, pais e ex-expectadores citados neste trabalho foram alterados para preservar a intimidade dos entrevistados.

“Normal” é a palavra mais utilizada pelos adolescentes para definir o ambiente familiar. Para todos os entrevistados, a palavra tem o mesmo significado que o dado a ela por Letícia, 14 anos: “a gente se dá bem. De vez em quando a gente briga. Ah! É normal”. Considerando que todos os pais dos jovens entrevistados trabalham fora e passam pouco tempo com os filhos, pode-se dizer que os jovens consideram “normal” essa convivência restrita e entendem que brigas fazem parte desse convívio, porque sempre viveram esta realidade familiar, como pode-se observar nas falas de Jaques, 17 anos, e Diego, 15 anos: “Lá em casa sempre foi assim, minha mãe trabalhando e meu pai. Eu tô acostumado. Eu até gosto de ficar sozinho” (Jaques).

É mais nos fins de semana que eu converso com a minha mãe. De noite quase nunca dá, tem que fazer tema, né? E a minha mãe faz a janta e depois ela vê um pouco de TV comigo e com o meu irmão. Mas a gente gosta... Eu gosto de ficar sozinho, eu vejo TV e tal... Dá para a gente aprender a se virar (Diego).

Também entre os adolescentes entrevistados, “união” é um termo bastante recorrente para descrever o convívio familiar, empregado no sentido de confiança. “A gente é bem unido, é bem legal. Todo mundo se conta as coisas, assim... A gente se ajuda”, diz Luíza, 15 anos.

Os amigos desempenham um papel preponderante na vida do jovem, pois servem de apoio nesta rede de significados. Além do papel de controle que exercem uns em relação aos outros – do “espelho” que representam para os pares - os amigos

são procurados para troca de conselhos e conversas sobre assuntos que envolvem o processo que estão vivendo. A confiança é tanta, que os adolescentes costumam chamar seus amigos de “parceiros”, o que, ao mesmo tempo, os enquadra em um determinado grupo, uma “tribo”.

As “galeras” estão sempre juntas, formando grupos que facilitam a identificação entre eles. Ao ver um grupo, é possível identificar uma determinada turma, que apresenta comportamento semelhante e interesses parecidos. Ao falar dos diversos grupos existentes na escola, os jovens já apresentam uma “classificação” dos colegas, como podemos perceber na fala dos jovens entrevistados. “No recreio, tipo, tem vários grupinhos: os guris que jogam futebol e tal. O meu grupo, a gente joga vôlei e, às vezes, fica conversando. O recreio é bem animado. A gente fala de futebol e vídeo game. Guria é o que mais rola” (Luis, 15 anos).

O recreio é meio parado, normal. Nós conversamos e andamos em volta da quadra. Aí depende das amigas que eu ando, quando eu tô com umas eu falo sobre esportes, quando eu to com outras eu falo sobre os ex-namorados delas e com outras eu falo sobre o que aconteceu na aula. Eu tenho um grupo só, mas a gente se divide para fazer as coisas (Leticia, 14 anos).

Eu tenho um grupo grande de amigas, umas oito, mas a gente não anda sempre juntas. A gente vai no bar, caminha, vai na biblioteca. Como eu sou nova aqui, eu procuro andar com todo mundo, para não parecer antipática, sabe? Eu tô me dando bem com o pessoal aqui, ainda não tiveram diferenças comigo. Eu tenho uma colega que veio para cá e, com ela, eles têm diferença. No colégio que eu estudava, os guris me achavam antipática, mas como eu já estava lá há seis anos, eu tinha uma turma bem legal. Aqui é meio estranho algumas coisas. Tipo, teve um grupo de religião e a professora me chamou na frente para escolher o meu grupo e daí eu escolhi quem eu mais me dava, né? Porque o que

adianta eu escolher uma pessoa e ela dizer 'não, eu não te conheço'. Aí ficaram brigando que o meu grupo é sempre o mesmo (Luna, 13 anos).

Luna ilustra bem essa importância ao relatar sua experiência com a turma na nova escola: ela procura se relacionar bem com todos para ser aceita, mas ainda não encontrou o grupo com o qual mais se identifica para “pertencer”. A identidade do adolescente está intimamente relacionada ao grupo ao qual pertence, pois são classificados de acordo com ele. Tainá, 17 anos, diz que

na turma, sempre tem o grupinho das patricinhas, dos mauricinhos, dos nerds... Tem os guris que jogam futebol, as gurias que gostam de esportes e as que só caminham na pista o tempo inteiro. Tem aqueles que ninguém se dá muito bem, porque se acham... As turmas são sempre cheias de grupinhos.

As características que identificam um determinado grupo de jovens são observadas nos personagens de *Malhação* e fazem com que os jovens se identifiquem e identifiquem uns aos outros com eles. Por exemplo: meninas estudiosas são consideradas parecidas com Letícia, a CDF da turma de *Malhação*; os meninos que freqüentam academia são relacionados a Kiko, que, na trama, freqüenta uma academia para aumentar os músculos para, com a mudança do corpo, tornar-se modelo. As narrativas dos adolescentes revelam essas identificações. “A Gabi, minha amiga, lembra a Betina, porque ela teve um namorado e não consegue ficar com ele porque ele traiu ela também, que nem o Bernardo” (Luiza, 15 anos).

Eu acho que a minha amiga Grazi se parece com a Rafa, é bem o jeitinho da Rafa. Eu também tenho uma amiga que é parecida com a Letícia. É por causa do jeito delas. Tipo, a Letícia é super responsável e gosta desses projetos sociais e a minha amiga também. A Rafa é porque ela é super patizinha e a Grazi também é assim, o jeitinho meiguinha” (Letícia, 14 anos).

“Tinha um tempo que os guris diziam assim: ‘eu sou o João, tu é o Marcão’. Daí eles imitavam eles em postura e tal. Acho que o Zé tem alguma coisa do João. Mas é assim, tem o grupinho do João e o grupinho do Marcão” (Laila, 13 anos).

Como um aspecto determinante da categoria “jovem”, há um elenco de características que os distinguem dos “outros” (não-jovens ou não-adolescentes). Constitui uma normatização subjacente ao “modo de ser” jovem, que permite o seu enquadramento nessa categoria, assim como o identifica pelo olhar de um outro não-jovem.

Tudo é culpa do adolescente, sabe? O adolescente é que não respeita os pais. É sempre o adolescente que tá errado, que fez coisas erradas. Meus amigos também reclamam disso. Eu acho que não é bem verdade essa coisa de não obedecer os pais. Têm crianças que desobedecem os pais, os adultos também são desobedientes. Mas tem mais adolescente que faz isso, daí fica parecendo que todo adolescente é rebelde (Letícia, 14 anos).

Os meus professores falam que adolescente é sempre tudo igual. Que a gente fala sempre das mesmas coisas. Eu não sei, a gente fala de festas, garotos. Tem de tudo, mas eu não sei se é assim com todo mundo, se é igual (Aline, 14 anos).

É que ser adolescente influencia muito os pais, né? Ficam falando que adolescente é rebelde, que tem que ficar sempre de olho porque estão sempre aprontando. E meu pai e minha mãe são muito meus companheiros, nunca falaram que eu sou adolescente, que eu sou rebelde, não sei o quê. Nunca falaram isso pra mim, mas eu também nunca dei motivos, fazer algo

errado usando a desculpa que eu sou adolescente (Graziela, 14 anos).

Deise, 27 anos, arquiteta, ex-expectadora de *Malhação*, critica o que chama de padronização da sociedade em relação ao que é ser adolescente.

É verdade quando se diz que a nossa sociedade vê os jovens de uma maneira muito negativa. Acho que isso é no Brasil, não sei, mas acho que a gente vê todos os jovens, mesmo que não sejam daqui (Brasil), de um jeito errado. A gente acha que todo jovem é drogado, é rebelde. Eu li um texto que diz que os jovens são sem cultura, desinformados... É bem assim que a gente pensa deles, é o que a gente acha. E sei lá, eu já fui adolescente e não me achava isso, não achava que eu era assim, mas acho que as pessoas me viam como todos os adolescentes. Eu acho que as pessoas estão é assustadas com tanta coisa ruim que acontece que são os adolescentes que fazem...

Fischer (2000), ao analisar a *Malhação*, sugere que “o programa reitera o quanto o adolescente é um ser de classe média, que se reduz a sexo, escolhas amorosas, escola e conflitos familiares” (pág. 48). É importante incluir nesta categorização outras marcas, tais como delinqüência, rebeldia, inseqüência, que o seriado também explora. Assim, vê-se que a novelinha reforça a representação do adolescente na sociedade contemporânea como um ser “estranho”, composto por “sexo, drogas e rock n´roll” (vê-se as *raves* na atualidade).

A maioria dos jovens entrevistados aproveita a estrutura oferecida pela escola para a realização de atividades extra-classe. Os meninos – e algumas meninas – jogam

futebol no colégio. Poucos freqüentam academia e, entre os entrevistados, é pequeno o número de estudantes de línguas.

Os jovens entrevistados dividem-se quando o assunto é vaidade. No depoimento dos adolescentes, meninos atribuem menos importância à aparência, mas dizem que costumam “caprichar no visual” quando vão a festas ou a encontros com outros adolescentes. “Eu tento sair o máximo bonito possível”, diz Pablo, 12 anos. Já as meninas demonstram uma preocupação constante com a aparência. É importante estar bem, mesmo que os atributos “confortável e informal” sejam válidos para a roupa usada para ir à escola. Já para outras ocasiões, uma produção mais elaborada é necessária, sendo que, para as meninas, estar “arrumada” constitui um pré-requisito de inclusão no grupo.

Eu ando no meu sentido normal. É que eu tenho muitas amigas ‘patricinhas’ e, comparando com elas, eu não sou nada... Mas assim, a única coisa que eu gosto é de combinar. Não gosto de brinco, só uso nas festas. Não gosto de botas. Acho que o meu estilo é bem-vindo com as minhas amigas, é normal, mas elas, às vezes, me obrigam a pôr brinco (Leticia, 14 anos).

Entre as meninas, observa-se uma “conformidade visual”. Além do mesmo estilo de roupas, praticamente todas usam o cabelo igual: comprido quase até a cintura, tingidos no cabeleireiro ou com shampoos específicos para esse fim, e lisos. Todas afirmaram usar chapinha para alisar os cabelos. “Cabelo liso é mais bonito. Eu não consigo fazer chapinha todos os dias, mas sempre que dá eu faço. Eu não gosto de crespo”, diz Laila, 13 anos. Muitas das meninas entrevistadas não cortam sequer as

pontas do cabelo. “Eu tenho medo que fique curto, cabelo curto é feio. Ninguém gosta”, diz Tainá, 17 anos. Os cabelos são como um ícone para essas meninas. Estão relacionados à beleza e à possibilidade de aperfeiçoá-la conforme a ocasião; por exemplo, um rabo de cavalo elaborado é válido para a escola, mas para uma festa, cabelo solto chama mais a atenção dos meninos, conforme explicou uma adolescente. Percebe-se que o cabelo também está relacionado à sedução do sexo oposto.

Essa conformidade é reforçada pelas personagens femininas de *Malhação* – atuais e de temporadas antigas. A maioria usa o mesmo estilo de cabelo que as meninas entrevistadas. Para todas, principalmente as protagonistas, cabelos longos e lisos são regra. A maioria é loira, como as protagonistas mais recentes, Júlia, Letícia e Jaque, e as antagonistas, Valéria, Taíssa e Carla. Morenas, apenas Nanda, de temporadas mais antigas, Luíza e Betina, a protagonista atual. As personagens de *Malhação* refletem o estilo das telespectadoras, que por sua vez, assimilam e copiam o que vêm no programa, como diz Tainá, 17 anos.

Eu cortei o cabelo igual ao da Taíssa, sabe? Ele era no ombro, era mais curto. É que eu achava ela tri bonita e achava que era por causa do cabelo, mas ficou tri ruim. Eu não gostei. Aí eu deixei crescer, cabelo comprido é mais fácil.

O cabelo comprido, para as meninas, conforme Tainá, também está relacionado à aceitação no grupo e apresenta uma relação estreita com a feminilidade; quanto mais comprido, mais feminina a menina se torna. O cabelo curto não é bem aceito pelas

adolescentes, implicando em alguns pré-conceitos, como podemos observar na narrativa das jovens.

É que mulher tem que ter cabelo comprido, né? Fica bem mais bonito, mais delicado, eu acho. No meu colégio, as gurias que usam cabelo curto são aquelas que jogam futebol e se vestem que nem homem às vezes. Quem usa cabelo curto não é patricinha, nem as gurias normais. A gente até desconfia, até pelo jeito delas, parecem homens... (Tainá, 17 anos).

Em *Malhação*, a personagem Natasha, que foi a vilã da última temporada, usa os cabelos ruivos bem curtos, com um penteado arrepiado. Depois de se redimir e se tornar uma cantora de sucesso, Natasha se tornou ícone dos telespectadores, sendo citada como um dos personagens mais queridos da trama. O comprimento do cabelo, nesse caso, não faz diferença para as adolescentes, que revelam, além de uma exclusão imposta às meninas que consideram “diferentes”, uma “intimidade” com os personagens, como se eles fizessem parte da vida de cada uma. Tainá, 17 anos, diz que

a Natasha é diferente, ela é cantora, é estilo, né? Ela canta rock também, essas cantoras são assim. Mas a Natasha a gente conhece, sabe como ela é, né? Eu acho ela tri bonita. Mas é que as gurias essas do meu colégio a gente não conhece e eu acho que elas nem querem. É diferente quando a gente conhece.

A popularidade de Natasha a torna diferente e possibilita que ela lance uma outra “marca” – o cabelo curto, relacionado a um modo de ser artístico e rebelde. Na trama, Natasha é uma cantora em ascensão. Após o fim da *Vagabanda*, banda composta por

ela e mais dois amigos, que, na história, fez muito sucesso, Natasha seguiu carreira solo e ficou famosa como cantora. As composições da *Vagabanda* ficaram tão famosas na trama, que acabaram sendo gravadas de fato pela atriz Marjorie Estiano, intérprete de Natasha.

Curiosamente, nenhum dos 15 adolescentes entrevistados atribuiu um lugar especial à música, apesar de afirmarem que gostavam da Vagabanda. Os autores de *Malhação* acreditam que há uma identificação dos jovens com música, tanto que criaram o grupo musical. Para o autor Ricardo Hoffstetter, “a música é sempre um ingrediente que conquista as pessoas, por isso criar um núcleo que tem uma banda como tema foi um dos grandes acertos”. A banda saiu de cena, as músicas foram agrupadas em um CD – como brinde da revista do seriado – e a vocalista do grupo acabou virando cantora de fato, gravando um CD com seu nome na vida real. Os hits da Vagabanda e de Marjorie Estiano, atualmente, tocam nas rádios e estão entre as músicas mais pedidas pelos ouvintes.

6.2 A ROTINA: “GOSTAR DE SER ADOLESCENTE”

É um período de descobertas. É diferente, tô aprendendo, porque não sou criança nem adulto, fica no meio termo. Tem coisas que eu posso fazer, tem coisas que já não é mais da minha idade e também coisas que eu ainda não posso, mas quero. Mas eu gosto. (Graziela, 14 anos)

Assim os jovens expressam seu sentimento em relação ao momento que vivem. É uma mistura de liberdade com vigilância, de obrigações com desconfiança, de

sentimentos intensos, conflitantes, ambíguos e contraditórios, que faz com que os adolescentes também considerem difícil esse processo.

Eu gosto de ser adolescente porque a gente tem liberdade, mas ao mesmo tempo, se a gente sai sem avisar para os pais, depois a gente vai tomar uma bronca. Mas daí, sempre que eu saio eu levo meu celular. Por exemplo, quando eu vou numa festa, meu colega me pega e quando eu chego lá, eu ligo para a minha mãe e digo que cheguei. Quando eu tô saindo eu aviso e ela diz para eu ir que ela está me esperando. Só que de madrugada eu não ligo porque eles estão dormindo. (...) Eu gosto de ter limites, porque sempre que a gente quer alguma coisa a gente tem, porque se a gente for só pedir, não vai ter nada. Por exemplo, quando eu pedi meu vídeo game, minha avó disse que, se eu passasse, eu ganhava, então eu fui lá, estudei e passei (Luís, 15 anos).

Ah, né, eu gosto de ser adolescente, mas tem coisas, assim, que tu tem que passar por cima... Quando te mandam fazer coisas, quando dizem que tu não é mais criança, mas aí tratam como se fosse... (Jonas, 12 anos).

Eu tô achando difícil. Agora eu e minha mãe estamos tendo umas brigas, porque antes eu não respondia, mas agora eu respondo, porque eu não gosto de ficar calada. Mas acho que é só essa parte. Acho que é normal, né? Agora é a época que a gente está ficando mais e tal... Eu gosto bastante (Luíza, 15 anos).

Quando os adolescentes descrevem suas rotinas, é marcante uma ausência de compromissos, como constatado em suas falas. É como se houvesse um roteiro pronto para ser seguido e todos os adolescentes o fizessem, agindo padronizadamente. A aparente falta de opções com relação ao que fazer com o tempo livre, após as aulas e aos finais de semana, demonstra que o consumo de ideais e produtos está cada vez mais enraizado na cultura desses jovens, que dividem seu tempo entre a televisão e o shopping center.

A rotina sugere que seu único compromisso é com o horário da escola e com o horário da *Malhação*. Os jovens que entrevistamos, invariavelmente, passam a tarde em suas casas, assistindo à televisão ou no computador. Suas demais atividades restringem-se a cursos de língua, futebol ou academia.

Os adolescentes dedicam à televisão a maior parte de seu tempo disponível após a escola. O horário a que começam a assistir à televisão varia bastante, mas todos garantem que não perdem o horário da *Malhação*. “A partir da *Malhação* é certo que eu vejo. De noite, né? Eu vejo até a novela e vou dormir. Eu vejo todos os dias, sempre que eu estou em casa. Nunca perco”, diz Luis, 15 anos. A rotina de Aline, 14 anos, não difere da rotina da colega.

Quando eu fico em casa, segundas e quartas, eu assisto televisão direto. De noite eu assisto com a minha mãe, não tanto quanto de tarde. De tarde eu assisto o Vídeo Show, Vale a Pena Ver de Novo, *Malhação* e, uma vez que outra, a novela das seis. E depois a novela das oito, com a minha mãe. Na hora da novela das sete, que eu não gosto, eu vou tomar banho e escutar música.

Pode-se afirmar que a rotina dos adolescentes, durante a semana, resume-se a escola, recreio, almoço, uma atividade extra-classe e televisão. Todos seguem, aproximadamente, o mesmo esquema durante os dias úteis; nenhum adolescente menciona encontro com os amigos durante a semana, realização de trabalho voluntário ou leituras. O cotidiano dos jovens está impregnado de mídia, predominantemente pela televisão, revelando em seus relatos que não percebem o quanto restringiram suas

opções. A televisão parece suprir a ausência de outras pessoas, preenchendo as possíveis lacunas.

Eu sempre assisto TV. Quando eu estou em casa, eu nunca deixo de assistir. É que eu tenho muito tempo sem ter o que fazer, aí eu vejo TV. Eu gosto também, é legal ver TV. Eu nunca via de tarde, porque eu estudava, mas aí, quando eu vim estudar de manhã, eu comecei a assistir (Luís, 15 anos).

Eu assisto a Malhação, daí passo para o cinco¹⁵ e depois vejo a novela das sete. Minha mãe vê o Jornal Nacional, eu tenho pavor, aí eu vou para a cozinha e vejo Floribela, que dá no canal dez¹⁶. Depois eu vejo América e vou dormir. Eu nem sempre vejo TV. Tem vezes que eu estou com vontade de ler, aí se tem alguma coisa para ler, eu leio. Não sou fã de TV, Malhação é o meu único programa predileto. Mas é que às vezes é isso, não tem nada pra fazer e a minha mãe não me deixa sair, é perigoso, né, andar na rua... Aí eu vejo TV. Mas se eu tiver que estudar, não vou deixar de fazer isso para ver TV (Luna, 13 anos).

Nossa, a TV para mim é a TV. Eu chego em casa e vou assistir. Eu gosto das novelas, to sempre assistindo TV. Eu vejo toda a programação do canal doze¹⁷, do Vídeo Show até Alma Gêmea. Daí eu paro, faço o que eu tenho que fazer e depois fico até às onze da noite assistindo. Então é de tarde vendo TV e mais a noite (Laila, 13 anos).

Um dos fatores que têm mantido esses jovens dentro de casa é a violência do cotidiano. “Minha mãe diz que se sente mais segura, sabendo que eu estou em casa enquanto ela trabalha. Ela tem medo que eu fique sozinha por aí, é perigoso assalto e essas coisas”, diz Tainá, 17 anos.

¹⁵ SBT.

¹⁶ Bandeirantes.

¹⁷ Rede Globo / RBS TV.

Saber que seus filhos estão em casa, “em segurança”, traz tranqüilidade aos pais, como se pode observar na fala desta mãe de um adolescente de 16 anos.

A gente ouve falar em tanta coisa, não é... Assaltos, jovens que se envolvem com drogas e acabam se prejudicando... Eu tenho, na família, filhos de primos meus que se perderam por causa disso, ficavam na rua com companhias que os pais não conheciam. Eu sempre trabalhei, preciso trabalhar, meu marido também, então a gente tem que deixá-los em casa. Eu me sinto mais tranqüila sabendo que eles estão dentro de casa, sei quem entra e quem sai de lá. O prédio tem porteiro, zelador, vizinhos, amigos caso eles precisem de ajuda. Mas o mais importante é que a gente sabe o que eles estão fazendo. Não acho que televisão seja lá muito saudável, é claro, eu incentivo que façam esportes, procuro levar e buscar sempre que eu posso, mas hoje não se tem muita alternativa. Dos males o menor, eu penso.

Outro aspecto importante a ser destacado na rotina adolescente com relação à televisão é a predominância dos canais de televisão aberta na programação assistida pelos adolescentes. Conforme Fischer (2000), tudo indica que a TV aberta continua a ser, ainda hoje, a grande fonte de lazer e informação para a maioria da população. Apesar de todos os entrevistados afirmarem que possuem assinatura de televisão a cabo em casa, todos assistem, durante a tarde, a programação da Rede Globo e do SBT, com poucas variações. Os meninos costumam assistir à televisão a cabo com uma freqüência um pouco maior, já que gostam dos canais de esportes exibidos.

Ainda, outra característica importante da rotina dos adolescentes é seu isolamento compartilhado com a televisão, pois na maior parte das vezes os jovens dormem sozinhos e possuem televisão e computador no quarto, o que faz com que

limitem-se a esse ambiente da casa durante boa parte do dia. O convívio se estabelece mediado pela tela, quer seja da televisão ou do computador. Mesmo os jovens que compartilham o quarto com seus irmãos negociam estes espaços em torno da tela – o momento de assistir a televisão ou de usar o computador. Em relação a *Malhação*, por exemplo, não ocorrem disputas, já que todos os jovens afirmam que o seriado é consenso entre eles.

A televisão está para os dias úteis assim como o shopping center está para os finais de semana. Essa é a principal atividade dos jovens aos sábados domingos.

O shopping costuma ser muito legal. Eu já fui mais, agora vou menos porque tem o vestibular e, quando vou, eu vou mais no cinema. Mas é que tem muita coisa para fazer. A gente olha as lojas de roupas, compra alguma coisa quando dá; aí tem a hora do lanche e sempre a gente acha um monte de conhecido, fica legal, todo mundo na praça de alimentação. É onde a gente começa a ficar... Porque lá a gente consegue conversar com os meninos, ir conhecendo... A gente não fica no shopping, mas as historinhas começam lá... É bem legal. É que no shopping a mãe não fica toda hora ligando, querendo saber onde a gente tá... Lá ela fica segura, porque se eu to num parque, ela liga toda hora. No shopping a gente fica mais livre (Tainá, 17 anos).

A segurança que os shoppings oferecem é apontada pela mãe de um adolescente de 16 anos como um fator fundamental para que os pais prefiram que os jovens freqüentem estes locais.

É aquela coisa, no shopping a gente sabe onde eles estão, o que tem lá e o que é oferecido a eles. Tem segurança, né, isso é fundamental. Meus filhos às vezes vão para os parques; eu acho bom que façam atividades ao ar livre, peguem um sol, mas me sinto muito mais segura quando estão no shopping.

É como se o shopping fosse o templo dos dias atuais. Um templo de consumo, onde é possível adquirir (para “ser”) os produtos oferecidos pela mídia, e também um templo bem guardado e seguro, que garante a quem o frequenta e aos que ficam de fora uma “tranqüilidade” diferenciada. Utilizando-se das figuras de linguagem, pode-se dizer que segurança é como um afago com farda e walkie talkie; uma relação totalmente impessoal que proporciona um acolhimento aos adolescentes, fazendo com que se sintam bem e convidando-os a retornar.

Para os eventos, meninos e meninas têm um roteiro pré-definido. Vão e voltam dos locais com os pais ou com pais de amigos. Pais e mães se revezam para buscar os filhos nas festas durante a madrugada – o horário de voltar para casa varia conforme a ocasião.

Malhação não costuma reproduzir o ambiente de danceterias. Os adolescentes do programa realizam suas festas no *Gygabite*, uma espécie de lanchonete / barzinho onde a turma se encontra para almoçar, lanchar e dançar. É o “point” da galera; sempre que combinam de sair à noite, a sugestão é ir ao Gyga; quando decidem realizar alguma festa – seja para fins beneficentes, despedidas ou aniversários – o Gyga é o local escolhido para tal atividade. A lanchonete / barzinho apresenta uma ambientação *high tech* – com computadores para acesso à Internet – e “incentiva” uma vida saudável por meio dos lanches que oferece, tais como sanduíches naturais, sucos de frutas e saladas.

Dançar e ficar é o que eu gosto de fazer em festas. Eu nunca bebo ou fumo. Até costumo não ir em festa com bebida liberada porque não acho legal. Não adianta eu ser responsável e quem está perto de mim não. Beber demais ou coisa assim pode não ser só eles os prejudicados, eu também posso ser, então eu costumo não me sujeitar a esse tipo de coisa (Graziela, 14 anos).

O Gyga sintetiza a “segurança e tranqüilidade” que os pais sentem em relação ao shopping center na “vida real”; na trama, seus filhos freqüentam o mesmo local há anos, localizado perto da escola onde estudam, onde não são oferecidas bebidas alcoólicas e cujos proprietários são pessoas conhecidas. No seriado, os pais dos personagens conhecem o Gygabite e até freqüentam o local algumas vezes. Os personagens adultos chegam a falar do lugar com a mesma intimidade com que seus filhos na ficção falam, chamando-o, inclusive, pelo mesmo apelido que os jovens costumam chamá-lo: Gyga. A mãe de um adolescente destaca o Gyga como um ponto positivo do programa.

Assisti (Malhação) durante as minhas férias. Ah, como eu queria um Gyga na vida dos meus filhos... (risos)! Seria muito melhor se eles freqüentassem lugares assim e não quisessem ir para danceterias. A gente não faz a menor idéia do que acontece nesse tipo de lugar. Acho a idéia do Gyga ótima, um conceito excelente para adolescentes. Acho que o Gyga é o sonho de consumo de muitos pais...

Também faz parte da rotina dos adolescentes visitas à família aos finais de semana. Para alguns, é uma compromisso habitual passar o dia na casa de avós ou tios. Luís, 15 anos, diz que “domingo eu já tenho um compromisso, eu vou para a minha avó por parte de mãe ou por parte de pai”. Letícia, 14 anos, também tem a casa da avó

como programa dominical. Luna, 13 anos, que ainda não sai à noite porque a mãe a considera muito nova, costuma ir para o sítio onde mora sua avó em todos os finais de semana. “A minha prima me busca de noite, na sexta, e eu fico lá até domingo. Eu fico com minha avó, meu avô, minha tia e minha prima lá, ela tem 25 anos”. Laila, 13 anos, tem o hábito de visitar a madrinha aos finais de semana. “Eu vou bastante na minha dinda. Nesse último eu fui! Eu gosto de ficar lá com ela, conversando. Gosto de ver ela. Eu sinto falta, porque ela mora meio longe da minha casa.”

A família está entre os fatores considerados importantes pelos adolescentes. Além de pais e irmãos, avós e tios também são referências para os jovens, que fazem questão de estar com eles sempre que possível. Todos os entrevistados mencionaram que costumam visitar seus familiares com frequência e, aqueles que têm essas visitas como um compromisso habitual dos finais de semana dizem que gostam de estar na casa de tios e avós; visitar periodicamente a família aos sábados e/ou domingos não incomoda os adolescentes. A maioria menciona o fato de ter liberdade para conversar com os parentes como um ponto importante para as visitas habituais, como é possível observar na fala de Tainá, 17 anos.

Eu gosto muito de conversar com a minha tia, então gosto quando vou na casa dela. É mais fácil falar com ela, ela é mais aberta que a minha mãe, sabe... Mas a minha prima não consegue conversar muito com ela porque ela diz que a minha tia é a mãe dela... Acho que ninguém consegue muito conversar com a mãe. Mas eu adoro, às vezes estou com problemas e aí vou na casa dela e ela me ajuda, me dá conselhos... É bom ter com quem conversar na família, além da mãe.

O vínculo familiar é muito importante para os jovens entrevistados; tios e avós desempenham um papel semelhante ao conferido aos amigos, porém com o status de parentes, alguém com mais conhecimento e experiência. “Eu sempre levo a sério os conselhos que meu tio e meu primo me dão. Eles são da minha família, não vão querer me prejudicar... Por isso é bom conversar com eles”, diz Jaques, 17 anos. Graziela, 14 anos, diz que “eu adoro a minha família. São sempre eles mesmo que te ajudam quando você precisa mesmo de alguém...”

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

7.1 ACADEMIA X ESCOLA: UMA GRANDE MUDANÇA?

Ao longo de suas 11 temporadas, pode-se dizer que *Malhação* passou por uma grande reformulação em seu contexto: a mudança de cenário, que deslocou o enfoque academia de ginástica para escola de ensino médio. Até que a mudança de academia para escola se consolidasse, *Malhação* passou por um período de transição, com temporadas ao vivo e cenários alternativos, que, necessariamente, não estavam vinculados ou faziam referência ao título do seriado. Em 1999, o programa assumiu a configuração que apresenta hoje. Além de substituir a academia por uma escola, *Malhação* passou a ter também como cenário a casa de alguns personagens, lanchonetes, clubes e ambientes de trabalho de alguns adultos, tais como consultórios médicos, oficinas mecânicas, pontos de táxi, entre outros.

A mudança de cenário principal parece proporcionar uma maior identificação do público-alvo com o produto, ou seja, a trama com seus ícones de consumo. Os adolescentes que estudam no colégio Múltipla Escolha lembram, de fato, adolescentes entre 12 e 17 anos; já os jovens frequentadores da academia apresentavam atitudes mais identificáveis com adultos na faixa dos 21 aos 30 anos. No entanto, os personagens costumam ser, na maioria das vezes, jovens politizados, bem informados e socialmente comprometidos, o que já lhes confere uma característica mais adulta. Dessa forma, “restringi-los” a um ambiente escolar legitima seu lugar enquanto adolescentes e evita que, por suas atitudes, eles sejam identificados na categoria

“adultos”. O cenário escolar permite que os personagens sejam compreendidos como tais, considerando que, socialmente, espera-se que somente jovens de até, no máximo, 18 anos freqüentem o ensino médio – dessa forma, é socialmente aceitável que jovens mais velhos pratiquem atividades em uma academia, mas não que ainda estejam na escola, muito embora jovens na faixa etária contemplada neste trabalho pratiquem esportes físicos com certa regularidade nestes ambientes.

O local onde os personagens de *Malhação* estão inseridos hoje também se assemelha a ambientes que fazem parte da realidade de adolescentes brasileiros de classe média na “vida real”: ainda que eles freqüentem academias de ginástica, pode-se afirmar que estes jovens passam, no máximo, algumas horas semanais neste local, enquanto que o período que permanecem na escola supera bastante o tempo passado na academia. Nesse caso, pode-se considerar não apenas o turno em que estão oficialmente em aula, mas as disciplinas extra-classe, atividades físicas e mesmo os encontros com colegas no ambiente escolar, conforme foi constatado nas conversas com os adolescentes.

Em *Malhação*, durante a fase da academia, os adolescentes circulavam por ela tanto quanto circulam hoje pela escola, ou seja: quase um dia inteiro. Além disso, por mais bem equipadas e modernas que sejam as academias atualmente, poucas podem ser comparadas à *Malhação*, a qual agregava, em um só local, vários ambientes que viabilizavam a realização dos mais diversos esportes, incluindo rapel e escalada, o que normalmente não acontece nas academias que os adolescentes freqüentam na “vida real”, como eles mesmos afirmam. Assim, a academia era um ambiente,

essencialmente, ficcional; já a imagem física da escola (o Múltipla Escolha) disseminada por *Malhação*, está mais próxima das escolas “da vida real” da classe média, o que conduz a uma identificação mais plausível.

A mudança também buscou atrair o público adulto. Considerando-se que pais de adolescentes costumavam assistir aos episódios em busca de subsídios para poder conversar com os filhos a respeito de assuntos comuns da adolescência – e que, não raras vezes, são tabus para os pais – com a inserção de uma escola na trama e de cenários ditos “neutros” (casas, locais de trabalho, etc) abriu-se a possibilidade de se trabalhar temas não necessariamente relacionados à adolescência. De acordo com o autor do seriado¹⁸, a inserção de histórias como a de José, que enfrentava a suspeita de câncer de próstata na época da reportagem, “se aliam a temas debatidos em temporadas anteriores, como câncer de mama, crises conjugais e campanhas de prevenção à aids, e tiram de *Malhação* a marca de novelinha teen, mas sem esquecer o público original”. Com esta afirmação, o autor visa explicar o que a emissora define como um excelente índice de audiência apresentado pelo programa e a crescente participação popular, sugerindo que a inserção de temas mais adultos atrai a atenção de um público mais velho, além do já tradicional público adolescente.

Essa inclusão de temas “menos adolescentes” e “mais adultos” vem atrelada à mudança de cenário principal, que por ter diversificado e aumentado a quantidade de cenários exibidos – acrescentando a eles a casa de alguns personagens, por exemplo –

¹⁸ Em matéria publicada na revista Istoé Gente, de junho de 2004, intitulada *Novela diversifica público e sobe na audiência*.

possibilitou que estes assuntos fossem abordados de modo mais “humanizado”, ou seja, ilustrado a partir da experiência de personagens “reais”. Até então, os “temas adultos” a que o autor se refere eram apenas mencionados pelos freqüentadores da academia e não, necessariamente, apresentados ao telespectador. Por exemplo: durante a fase da academia, alguns personagens enfrentaram dramas familiares parecidos com o de José, porém a situação somente era colocada ao telespectador por meio de conversas entre o personagem em questão e seus amigos. O telespectador sabia do que estava ocorrendo, mas não via a situação se desenvolvendo de fato. Já na fase escola, o drama do trabalhador (José) foi exibido ao público, bem como a reação da família do paciente – especialmente da filha, Letícia – acompanhado de todo o desenvolvimento e resolução do caso.

O formato que originou o nome já consolidado entre os adolescentes permaneceu como forma de manter o vínculo com os jovens. O cenário mudou, mas a proposta ainda é a mesma: discutir assuntos relativos ao universo adolescente. A música de abertura também foi atualizada: tanto a antiga quanto a atual são canções bastante ouvidas pelos adolescentes em suas “épocas” e também não fazem referência ao tema ou ao nome do seriado, mas propiciam uma identificação do público-alvo com o programa.

Muitas semelhanças entre a *Malhação/academia* e *Malhação/escola* ainda são bastante perceptíveis, mostrando que a proposta base do seriado permaneceu ao longo desses 10 anos. Uma das principais características que se percebe ainda hoje é o público pautado pelo programa: tanto em *Malhação/academia* quanto em

Malhação/escola, os adolescentes tematizados são jovens de classe média ou de grande poder aquisitivo. Entre os diversos personagens das histórias, poucos são de nível sócio-econômico inferior: na penúltima temporada de *Malhação* (2004), apenas uma família não tinha condições de manter os filhos no *Múltipla Escolha*; estes estudavam na instituição graças a bolsas de estudo recebidas porque os pais eram funcionários do colégio. Na primeira temporada do seriado, apenas Hércules não pertencia à classe média que freqüentava a academia; ao contrário dos amigos, o jovem, que havia acabado de chegar do interior, era funcionário de *Malhação*, não aluno, e morava em um quartinho nos fundos da academia, já que não tinha onde morar no Rio de Janeiro. Hércules, protagonista da primeira temporada, era o único personagem desta fase de quem se conhecia a “casa” (por estar dentro do ambiente), já que, nesta época, nenhum outro cenário fazia parte da história, a não ser a academia.

Depois de Hércules, que, na trama, já contava mais de 18 anos, um protagonista do seriado só voltou a ser alguém de nível sócio-econômico inferior quando o casal Letícia e Gustavo foi inserido na trama. Letícia era uma menina pobre, em comparação com os colegas, que não tinha vergonha da situação de sua família e não se importava que a mãe fosse funcionária da escola onde estudava. Já o irmão da menina, Cadu, também aluno do *Múltipla Escolha*, procurava esconder a situação social da família e mentia para os colegas, afirmando que era rico. Em um determinado ponto da história, Cadu se apaixonou por uma colega rica, de família tradicional, e manteve a farsa sobre a origem da família, visando conquistá-la. Mesmo após a revelação da verdadeira “identidade” do rapaz, o namoro prosseguiu, mas enfrentou diversos preconceitos

sociais; mesmo tendo, aparentemente, aceito melhor a diferença social que havia entre ele e os colegas, Cadu sempre desejou ter dinheiro para adquirir bens de consumo caros – como roupas, sapatos, CDs, relógios, perfumes, etc – e estar incluído no nível sócio-econômico da namorada e dos colegas.

Letícia também iniciou um namoro com um rapaz de família abastada, mas a forma como a adolescente e o namorado encaravam a diferença social entre eles era bem distinta da forma como Cadu via a situação: o casal Letícia e Gustavo trabalhava junto em uma instituição de apoio social a crianças necessitadas e não questionavam as condições financeiras um do outro. Nas narrativas dos adolescentes, pôde-se perceber uma grande empatia do público adolescente com este casal em particular; as meninas, principalmente, conseguem relacionar muitas de suas amigas com a personagem Letícia “pelo jeito dela e por essa ‘coisa’ do trabalho social que ela faz”, como explicou uma jovem de 14 anos, que afirmou achar a melhor amiga muito parecida com a personagem de *Malhação*.

Em todas as temporadas, um – e apenas um – personagem ou família vive essa situação. Os demais são caracterizados a partir do nível sócio-econômico privilegiado pelo programa – a classe média alta. De acordo com esse panorama, percebe-se que os valores veiculados por *Malhação* são voltados para a classe média ou são pautados seguindo a realidade de jovens que freqüentam escolas particulares, são sócios de clubes e praticam esportes, fazem cursos de línguas ou habilidades artísticas, possuem instrumentos musicais, andam de carro e saem à noite para barzinhos. Em termos de cenário, também é possível afirmar que, desde sua origem, é a classe média que pauta

os temas e episódios de *Malhação*: na academia, os jovens viviam os conflitos da adolescência em meio ao “culto ao corpo”, em um ambiente disponível apenas àqueles que podem pagar por ele, assim como acontece na instituição de ensino privado.

7.2 REPETIÇÃO DE TEMAS: A BANALIZAÇÃO NO AR, INCULCANDO VALORES

Outra característica mantida pelo seriado durante este tempo em que tem sido exibido é a repetição dos temas ditos “adolescentes” trabalhados nos episódios. Ao longo das temporadas, os assuntos se repetem; mudam os personagens, modifica-se o contexto em que estão inseridos, mas a natureza dos conflitos se mantém. Gravidez na adolescência, por exemplo, é um desses temas que já foi abordado mais de uma vez na trama; o assunto foi trabalhado em quatro diferentes temporadas, sendo que, em uma delas, representou o principal conflito vivido pelos protagonistas: na última temporada analisada para este estudo, o trio de protagonistas – Jaque, Bernardo e Betina – sofria com a inesperada gravidez da primeira jovem, que iniciou a seriado esperando um filho de Bernardo, namorado da amiga. Nessa temporada, no entanto, a gravidez serviu de mote para que a trama se desenvolvesse a partir da relação repleta de conflitos entre os três protagonistas; as dificuldades enfrentadas por um jovem casal que espera um bebê não foram trabalhadas com profundidade nesse caso. A personagem, inclusive, perdeu a criança no decorrer da história, encerrando o assunto gravidez na temporada, simplificando o desenlace e evitando, assim, uma reflexão crítica.

O tema gravidez na adolescência foi trabalhado, pela primeira vez, em uma das temporadas de transição entre academia e escola, quando os adolescentes Cacau e Barrão descobriram a gravidez da menina. As dificuldades enfrentadas por eles, no entanto, não foram tão profundamente trabalhadas quanto nas temporadas seguintes - supõem-se que em função da diversidade dos temas desenvolvidos no período; a situação do casal foi apresentada de maneira caricata, ocultando o pretense objetivo de conscientização.

Na segunda vez em que abordou o tema, *Malhação* buscou aprofundar o conflito. Marina engravidou de Marquinhos quando ambos tinham 17 anos; Marquinhos era um aluno de destaque no Múltipla Escolha e Marina, além de estudante, trabalhava no Guacamole, lanchonete da qual se tornou sócia posteriormente. Apaixonados, os dois casaram e passaram a morar juntos, vivendo os conflitos de relacionamentos e da maternidade unidos e sem apoio financeiro das famílias. Marquinhos chegou a questionar o sentimento por Marina e as responsabilidades como marido e pai; envolveu-se com outra jovem, sofreu um acidente e ficou preso a uma cadeira de rodas. Além de sustentar a casa e cuidar do filho, Marina precisou aprender a lidar com a nova condição do marido.

Mesmo com todas as dificuldades, o casal prosseguiu com os estudos (Marquinhos foi aprovado no vestibular), o trabalho e terminaram juntos. Houve, neste caso, uma inversão de papéis – os dois jovens assumiram a posição de pais, responsabilizando-se pela educação de uma criança e o sustento de uma família, sem a orientação e o apoio financeiro de familiares. A complexidade que envolve a

constituição de uma família e a educação de um filho foi retratada com certo *glamour*: a família morava em uma casinha pequena, porém charmosa; Marina não teve dificuldades para conseguir um emprego e, rapidamente, se tornou sócia do estabelecimento onde atendia como garçomete; Marquinhos pôde continuar seus estudos e comemorar a aprovação no vestibular; apesar dos percalços, ambos eram apaixonados um pelo outro e pelo bebê que tiveram, reduzindo as dificuldades da situação que viviam a meros clichês e, mais uma vez, evitando a reflexão sobre a passagem para a vida adulta.

Em 2001, na terceira fase de *Malhação Múltipla Escolha*, a personagem Bia engravidou do namorado, Perereca, e foi abandonada pelo jovem, quando este soube da gravidez. O nascimento de Bernardinho serviu de gancho para que se trabalhasse o amadurecimento da, até então, adolescente mimada e egoísta, que somente demonstrava real interesse pelo consumo. Durante essa fase, o seriado visou trabalhar, de fato, o tema, detalhando o processo vivenciado por uma mãe jovem; uma das dificuldades enfrentadas por Bia foi a constituição de novos relacionamentos após a gravidez: ou o namorado não aceitava o filho da menina, ou a família do namorado impunha restrições ao namoro devido ao passado da jovem.

Observou-se aí um pretense caráter pedagógico, característica emergente nas narrativas adolescentes; uma tentativa de conscientização e educação dos jovens para o início da vida sexual. Discursos definidos pelos entrevistados como “politicamente corretos” fizeram-se bastantes presentes nos diálogos entre os personagens, reforçando o caráter pedagógico conferido à temporada: a grande inserção de temas

definidos como “sociais”, envolvendo sexualidade, tais como gravidez, aids e campanhas de conscientização sobre o uso da camisinha.

Assim como nas novelas, “bandidos e mocinhos” são presenças indispensáveis no seriado. É prática comum em *Malhação* ter um trio de protagonistas, que invariavelmente formam um triângulo amoroso; nesse contexto, um casal apaixonado sempre encontra dificuldades para viver seu romance, já que há uma terceira pessoa que procura separar os dois. Na temporada de 2005, o casal Betina e Bernardo é impedido de ficar junto pela jovem Jaque, que utiliza o sentimento que nutre por Bernardo como uma justificativa para “armar” contra o rapaz e a melhor amiga. “Jaque se faz de amiga, mas é má”, diz um adolescente sobre a personagem. “A Betina é toda boazinha, certinha. Chata. Já era assim antes: a Nanda era toda certinha, a Valéria era má; a Luísa era boazinha, a Carla só fazia maldades. Sempre tem a vilã e a perfeitinha”, comenta outra menina, em tom de reprovação a esta prática do programa. “E sempre tem um casal que nunca consegue ficar junto, só no final. É até sem graça, porque todo mundo sabe que eles vão ficar juntos depois, mas passa o tempo inteiro tudo dando errado para eles, porque alguém quer impedir que eles namorem. A gente vê *Malhação* esperando que aconteça alguma coisa de diferente, mas no fim é sempre a mesma coisa. Cansa”, completa uma terceira adolescente.

Especificamente em relação à trama de 2005, percebe-se uma contradição entre a sinopse definida para a temporada e o que foi exibido ao público. A idéia inicial, segundo os autores, era a ausência de vilões na história. “Uma das principais mudanças é a ausência de vilãs. O programa não vai ser tão maniqueísta quanto nas

outras fases”, disse Ricardo Hofstetter, um dos autores, em entrevista à mídia¹⁹. “A vida cria seus próprios vilões: as doenças, os desencontros e até o azar de duas amigas gostarem do mesmo cara”, foi a explicação dada por Flávia Lins e Silva, outra autora, na mesma reportagem. Essa mudança fez crer, inicialmente, que a percepção do público havia sido apreendida pela autoria do programa, o que acabou não se confirmando. Apesar de não ter o perfil dos vilões tradicionais de *Malhação*, Jaque arma contra Betina, a quem chama de melhor amiga. O que difere esta jovem das antigas vilãs é que a primeira não possui a frieza de suas antecessoras e demonstra carinho para com a família, os professores e os demais amigos. No entanto, mesmo com esta mudança, o caráter menos maniqueísta é uma característica latente do programa, não sendo percebida pelos telespectadores. Mocinhos e vilões continuam representados na história.

A repetição de temas é identificada por muitos estudiosos como uma prática comum do pós-modernismo, conforme constatou Fischer (1996). Presente em todos os meios de comunicação, essa característica é marcante em *Malhação* – trata-se de um apego ao superficial ao invés do profundo, que remete à banalização dos temas. Quanto mais se repetem os mesmo assuntos ou se mostra imagens semelhantes, mais banais e designificantes estes vão se tornando. No caso da *Malhação*, observa-se a banalização do sexo, das conseqüências de uma gravidez prematura, das relações de amor e amizade, da exposição de corpos e intimidades.

¹⁹ Matéria publicada no jornal Zero Hora de 28 de dezembro de 2004, no caderno TV + Show.

A técnica de repetição torna-se mais evidente quando há uma mudança de temporada. A cada nova sinopse, percebe-se que, embora o fio condutor da história tenha sido modificado, os demais assuntos a serem abordados não são novidades. A repetição exaustiva de temas causa a sensação que

tudo se mescla, liquidifica, tudo cabe (...). A pulverização dos assuntos e sua permanente 'reciclagem' configuram-se como uma estratégia de economia de criação, cujos investimentos se voltam para uma multiplicação da forma e para a repetição, ad nauseam, dos mesmos temas (Fischer, 1996, pg. 214).

7.3 A LINGUAGEM DO SERIADO: SIGNIFICADOS SUBJACENTES

O coloquial e as gírias típicas dos jovens estão presentes nos textos de *Malhação*, que chegam até o público por meio das falas dos personagens. O seriado não força em demasia nos termos que usa, mas utiliza a linguagem cotidiana e familiar dos jovens na busca por uma maior aproximação com seu público. Os meninos e meninas entrevistados sentem-se acolhidos pelo seriado, como se pode observar na fala de Luís, 15 anos, quando questionado sobre a razão pela qual assiste ao programa: “acho que é por causa dos adolescentes, né? É bem adolescente, é como as pessoas da nossa idade são mesmo, o jeito que eles falam, que se vestem, tudo. Eles vão pra escola que nem nós, é como nós.”

Cabeção²⁰, citado por muitos adolescentes entrevistados como seu personagem preferido na trama, é o jovem que mais utiliza gírias em sua linguagem “ficcional”. “Fiquei irado”, “Vazei” (no sentido de “fui embora”) e “Desencana” são alguns dos termos mais falados por Cabeção e seus colegas do *Múltipla Escolha* – gírias também utilizadas pelos jovens da “vida real” em suas conversações cotidianas, especialmente entre os colegas de escola. A identificação é imediata. Segundo Luís, 15 anos, “tu ouve ele falar e vê que ele é igual a ti de cara. Tá, tem aquele jeito de carioca falar, aquele ‘x’ que a gente não fala, mas o resto é igual. Não tem como não gostar, ele fala e tu pensa: é como eu.”

Na primeira temporada de *Malhação*, Mocotó - personagem que é, até hoje, uma referência quando se fala do passado do seriado – disseminou bordões carregados de juízos de valor que ficaram famosos e se tornaram mania entre os adolescentes. “Isso é coisa de frutinha”, dizia o jovem quando não queria fazer alguma coisa ou não concordava com algo, fazendo referência à opções sexuais diferentes da sua. Se algo não era “masculino” o suficiente para ser realizado por um homem, era coisa de frutinha (homossexual), e portanto, não era aceitável que um ‘homem’ como ele o fizesse.

A gíria – que virou marca registrada do personagem – deixou a telinha para fazer parte do vocabulário adolescente daquela época (1995/1996). Era o primeiro ano de *Malhação* e uma novidade para os jovens, que até então não tinham um programa com esse formato dirigido a eles na programação televisiva. Na época, o número de jovens

²⁰ Cabeção é o personagem de *Malhação* há mais tempo no ar: está na trama há seis temporadas e, quando esta pesquisa foi realizada, não havia previsão sobre uma possível saída do personagem do programa.

que admitiam assistir ao seriado era bem maior que o atual - os jovens não tinham vergonha em dizer que assistiam ao programa, repetir as gírias e assumir como seus os discursos dos personagens, como diz Ana²¹, 25 anos, formanda de odontologia, que começou a assistir a *Malhação* aos 14 anos.

Eu lembro que a gente não tinha vergonha de dizer que assistia e não mentia, dizendo que assistia só de vez em quando, mas não gostava. Todo mundo via, curtia. Uns mais, outros menos, mas ninguém era criticado por ver *Malhação*. Hoje eu vejo pela minha irmã que não é assim: ela assiste, mas quando está com as colegas fala mal e diz que não vê sempre, só quando não tem nada melhor para fazer. Já ouvi essas 'gurias' dizendo que acham ridículo alguém querer se vestir que nem a Jaque, que cada um tem que ter seu jeito de se vestir, mas elas mesmas se vestem igual! Só faltam engravidar também. (...) A gente, na nossa fase, via mesmo e falava e dizia que gostava. Parecia que tinha mais gente que via *Malhação* naquela época, mas eu acho que o que é diferente agora é só que o pessoal não fala, mas todo mundo assiste. E a gente falava que nem os personagens. Tinha umas coisas engraçadas que todo mundo repetia. (...) 'Isso é coisa de frutinha' eu nunca esqueci, porque uma vez deu briga no colégio. Um guri disse para outro que sei lá o quê era coisa de frutinha e o outro foi para cima, querendo bater porque tinha sido chamado de gay. Algumas pessoas, acho que os meninos mais, levavam aquilo muito a sério. As meninas levavam mais à sério a coisa de malhar, de querer ficar sarada, mas os gurus tinham essa coisa de mostrar que eram homens e parecia que chamar de frutinha podia, não ia ofender, porque o Mocotó falava na televisão. Hoje eu penso que isso estimulava o preconceito contra os gays.

Deise, 27 anos, chegou a fundar uma espécie de 'clubinho' com as amigas para assistirem a *Malhação* juntas todos os dias.

Quando a gente é adolescente, a gente sempre não tem muita certeza do que pensa a respeito das coisas. Um guri até pode dizer que não tem nada contra os gays, mas no fundo tem, porque não entende muito bem ou porque não sabe mesmo o que pensar

²¹ Dados obtidos em conversas informais com jovens mais velhos, que assistiam a *Malhação* quando o programa foi lançado (época da academia) e informado com o consentimento dos mesmos.

sobre homossexualismo. No fundo, quando a gente é adolescente é mesmo meio preconceituoso e se não tem uma boa orientação sobre isso acaba levando isso depois, sendo contra gays e tal. Eu acho que a TV é assim sempre, é hoje assim, incentiva essa coisa de preconceito. O que mais eu lembro é do Mocotó, que falava de frutinhas e na época a gente achava engraçado, eu não via, como hoje, que isso fazia com que a gente se sentisse à vontade para falar dos gays, falar mal. Tinha gente na *Malhação* que até tentava mostrar que não era assim, mas o que a gente assimilava mesmo era essa parte de preconceito, que era mais marcante. Hoje eu penso 'meu Deus', como é que a gente podia... Quantos colegas nossos deviam ser gays e a gente falava assim, com deboche, de uma coisa que devia ser super difícil para eles.

Deise refere que a 'linguagem' de *Malhação* 'evoluiu' da época em que ela assistia ao programa para a atual. "Parece que hoje não é tão carregada de mensagens escondidas", diz ela. A linguagem do programa hoje se limita a termos mais usuais, já incorporados ao vocabulário adolescente. Não há invenções de novas gírias ou jargões. Os termos e expressões utilizados pelos personagens de *Malhação* são comumente falados pelos adolescentes; a linguagem que está no ar parece ser uma reprodução do que os jovens falam. Deise e Ana acham que "não é mais a *Malhação* que determina as gírias que os adolescentes vão utilizar, mas os adolescentes que determinam a linguagem que os personagens vão falar".

Esse fenômeno é bastante perceptível com relação às novelas. A incorporação dos assuntos abordados na teledramaturgia, bem como do vocabulário, é um indicador da absorção da linguagem televisiva por sua audiência. De acordo com Leal (1986), em termos de vocabulário e de visualização de palavras escritas, a televisão tem uma influência direta, o que é facilmente detectado nas crianças, mas são os jovens que possuem um repertório mais vasto, em relação aos mais velhos. Por se tratar de um

vocabulário com marcas de diálogo, as expressões ora são incorporadas pelo veículo, ora são criadas e disseminadas por ele, como podemos observar nos casos a seguir.

Na novela *A Próxima Vítima*, de Sílvio de Abreu, exibida pela Rede Globo, a personagem Karina (Déborah Secco) utilizava a expressão “Socorro!” em diversas situações, como podemos observar nos diálogos abaixo:

Exemplo 1:

Mãe: Mas o que os outros vão pensar, minha filha? Isso são modos de uma moça?

Karina: Ah, socorro, né, mãe? Eu to lá preocupada com os outros?

Exemplo 2:

Karina: Então é verdade que eles estão namorando? Socorro!

Amiga: Verdade verdadeira. Eu vi tudo!

O vocabulário da menina, pensado especificamente para essa personagem, não foi aprovado pelos telespectadores, que pediram para o autor diminuir o número de vezes em que ela falava ‘socorro’. Apesar de não ter sido aprovado, muitos jovens que assistiam à novela repetiam a fala da moça, como diz Deise, 27 anos: “eu lembro que algumas amigas minhas falavam. Era chato, mas quando tu via, tava todo mundo falando. A gente repete muito o que ouve na TV.”

7.4 A PREOCUPAÇÃO “COM O SOCIAL”

Uma característica marcante de *Malhação* é a inclusão de temas com enfoque social na pauta do seriado. Aparentemente mantendo uma postura “politicamente

correta”, o programa mistura aos temas comuns do universo adolescente assuntos de caráter social em destaque na mídia no momento, tais como cuidados com o diabetes, trabalho voluntário, trote, *bullying*, uso de anabolizantes, vestibular e trabalho. Coincidentemente, nos capítulos analisados não há nenhuma referência a homossexualismo – o tema não aparece nas narrativas dos jovens e sequer é mencionado nos capítulos analisados. Sabe-se que *Malhação* já teve entre seus personagens um jovem gay, ainda no início de *Malhação / escola*, mas o adolescente homossexual permaneceu pouco tempo no ar. O mesmo programa que exclui o tema de sua pauta lança bordões como “isso é coisa de frutinha”, incentivando o preconceito.

Recentemente, *Malhação* trabalhou o voluntariado em sua pauta, abordando duas frentes: a realização de trabalho voluntário como uma escolha pessoal, proveniente de uma conscientização e preocupação com o próximo, e trabalho voluntário como uma medida de correção (pena) por um ato criminoso. Os personagens Letícia e Gustavo foram os protagonistas das ações de voluntariado exibidas pelo programa nas duas situações mencionadas acima: Letícia, uma adolescente socialmente responsável, era voluntária na mesma instituição onde Gustavo foi designado para cumprir sua “pena” por ter participado de um trote violento contra um colega de escola. Os dois acabaram se envolvendo afetivamente com os alunos da instituição – denominada Amparo Social – e passaram a atuar juntos e espontaneamente em benefício do local.

O “Amparo Social” era uma instituição que necessitava de ajuda da comunidade para se manter. Atendia a crianças carentes, oferecendo ensino em turno integral (as

crianças, no entanto, moravam com seus pais). Possuía um prédio moderno, com materiais escolares e brinquedos em perfeitas condições para os alunos; todos usavam uniformes (incluindo os monitores e voluntários) e predominava um clima de harmonia entre as crianças e os “professores”. A aparência da instituição era bastante agradável e as situações prazerosas e recompensadoras vividas pelo casal no local remetiam a uma falsa idéia de que a realização de trabalho voluntário é algo fácil e agradável, que todos os locais são bonitos, limpos e possuem recursos para o atendimento a seu público. O romance de Letícia e Gustavo, fruto da aproximação de ambos nas tardes em que passavam no Amparo, deixou como mensagem que a realização deste tipo de atividade proporciona encontros amorosos, romantizando o assistencialismo – ou seja, quem é voluntário em uma instituição está sujeito a encontrar uma pessoa bonita, inteligente, solidária e bem-resolvida para se relacionar. Tainá, 17 anos, confirma essa característica.

Tem muitas coisas boas que a gente tira de lá. Às vezes, né? Mas eu me liguei em trabalho voluntário, que eu nunca tinha pensando em fazer. É uma coisa diferente, né? Olha que legal que é naquele lugar onde o Gustavo e a Letícia trabalham. (...) Pensei em ser voluntária porque vi que é uma coisa boa e importante e que não é assim tão triste quanto a gente pensa. Porque a gente pensa, né, que as crianças são tudo marginais... Mas aí tu vê que não é assim sempre. Minhas amigas falaram em montar um grupo e fazer essas coisas, mas aí a gente tá com vestibular agora e tem que estudar, mas se a gente passar e não precisar estudar mais depois, dá pra ser...

Apesar de não estar tão em foco no seriado ultimamente, o Amparo ainda é motivo para diversas atividades idealizadas e postas em prática pelos alunos do Múltipla Escolha. A fim de conseguir donativos para a instituição, a turma já organizou

torneios de futebol, shows e distribuição de panfletos, relacionando trabalho voluntário à diversão e atividades em grupo. Há uma idealização das atividades sociais, que motiva o jovem a agir da mesma forma, como demonstra Tainá, 17 anos: “eu penso: se eles fazem, porque eu também não posso fazer? Eu deveria fazer alguma coisa. É importante e é legal também...”

Ana, 25 anos, ao falar sobre a academia, revela uma característica que se encaixa perfeitamente à questão do Amparo Social.

Tipo a academia... Era tri legal e tal, tinha todas as coisas que tu queria fazer em um só lugar, uma turma bacana, todo mundo bonito, corpinho no lugar... Todo mundo era amigo, ficavam o dia inteiro na academia. Eu também queria uma academia daquelas. Tudo mundo ficava com vontade de ir pra academia quando via a Malhação, só que não é, né? Aqui não tem nenhuma academia assim, não existia, mas a gente achava que academia era bom. É bom, né, só que a gente não queria só fazer exercício, a gente queria uma lugar legal para ter amigos, conhecer caras... Enganava! Tipo, eu até acho que ajudou, porque exercício é importante e muita gente deve ter ido fazer academia por causa da Malhação, então aí é uma coisa boa, mas quem não tava muito afim, sei lá... Eu nem fui pra academia, mas acho que não teria ficado em lugar nenhum que eu tivesse ido...

Observa-se aí a manifestação de um desejo a partir da imagem e do que vem atrelado a ela. A decisão de freqüentar uma academia não está ligada, necessariamente, a uma preocupação com a saúde, assim como o desejo de realizar trabalho voluntário está relacionado, inconscientemente, a um modo de vida que inclui possibilidades de satisfação por meio da obtenção de status, relacionamentos amorosos e uma fuga do cotidiano (rotina).

O tema trabalho voluntário entrou na pauta de *Malhação* “linkado” a outro tema polêmico, considerado pela autoria do seriado como tema de enfoque social: o trote escolar. Gustavo foi encaminhado como voluntário ao Amparo Social como uma pena alternativa por sua participação em um violento trote escolar, aplicado em um colega de escola. Gustavo e mais três colegas levaram o aluno novo do Múltipla Escolha a um clube, onde o garoto acabou sendo empurrado do alto de um trampolim, sofrendo inúmeras lesões e permanecendo inconsciente por bastante tempo. Durante toda a temporada, o mistério permaneceu no ar: quem, de fato, empurrou o menino? Todos os envolvidos foram indiciados e julgados: a dois deles, coube a pena alternativa, que relacionou voluntariado a castigo; ao jovem que havia, de fato, empurrado o colega, a pena foi o encaminhamento a uma instituição pública de reclusão.

Durante toda a temporada, os personagens utilizaram este episódio para discutir a ‘validade’ do trote; “até que ponto uma brincadeira passa a ser algo sério e grave?”, questionavam os personagens em seus discursos. O posicionamento do seriado, neste caso, mantinha o mesmo tom politicamente correto dos demais assuntos de enfoque social abordados. Em *Malhação*, os ‘vilões’ foram punidos por sua participação em um trote violento, mas o caso trabalhado foi bastante extremo: a vítima do trote sofreu lesões sérias, que poderiam ter comprometido, inclusive, funções orgânicas vitais. No entanto, as conseqüências de um trote de ‘menores proporções’ não foram questionadas. Nos discursos dos personagens, os trotes que não acarretavam em agressões ou lesões físicas como conseqüências eram definidos como trotes ‘inocentes’. *Malhação*, dessa forma, classificava os tipos de trotes existentes, legitimando a aplicação dos ditos ‘inocentes’, já que estes não traziam conseqüências

físicas à vítima. Mais um exemplo do quanto à linguagem do programa está atrelada a juízos de valor.

Ao longo do ano, a vítima do trote sofreu nas mãos dos colegas, que o intimidavam para que ele não revelasse quem o havia empurrado de fato. Os dois jovens mais envolvidos na “brincadeira” eram mostrados como pessoas com visões distorcidas de certo e errado, e agiam, muitas vezes, como vilões de novela das 20h e não como jovens alunos de segundo grau. O desenrolar da história e o desfecho da mesma foi considerado exagerado pelos espectadores, ainda que o tema trote, por ser novidade no programa, tenha agradado.

Eu achei legal a história do trote, porque tem muita gente se machucando com essas coisas, mas eu achei que só acontecesse nas faculdades e não em colégios. Só que os caras foram sacanas com o guri, né, ameaçaram... Não sei se as pessoas fazem isso mesmo na vida real. Também nunca vão presos, eu acho que não, né? Eu não sei, mas podiam ter mostrado de um outro jeito (Jaques, 16 anos).

O *bulling* foi outro tema trabalhado pelo seriado, envolvendo alguns dos adolescentes que participaram do trote no início da temporada. Sem saber que o que faziam contra um colega tinha esse nome, Catraca e Natasha debochavam de um garoto recém-chegado à escola; faziam piadinhas com a maneira como ele se vestia, com o material escolar que carregava, o tom de voz, o jeito de andar. Tudo era motivo de deboche para com o colega, que se sentia cada vez mais fragilizado e inferiorizado diante dos dois jovens. Com o passar do tempo, o garoto foi assumindo uma postura

bastante assustada em relação aos dois, e o medo que sentia deles tornou-se perceptível a alguns colegas.

A “revelação” de que as atitudes de Catraca e Natasha caracterizavam a prática do *bullying* seguiu uma estrutura bastante didática, como é característica do seriado. Um dos ataques morais dos dois jovens contra o menino é presenciado por alguns colegas, entre eles, Letícia e Gustavo; o grupo afasta Natasha e Catraca do jovem, que treme visivelmente, e os acusam de estar praticando *bullying* contra ele. Envergonhados, os dois tentam se defender das acusações, mas acabam deixando escapar que desconhecem *bullying* e o que esta prática significa. Levados à diretoria, Natasha e Catraca ouvem uma longa explicação do diretor da escola a respeito das conseqüências de seus atos à vítima, sendo obrigados a se desculpar com o colega que vinham maltratando.

Este tema foi trabalhado em *Malhação* apenas uma vez, em dias muito próximos a exibição de reportagens sobre o assunto no Fantástico, sugerindo um link entre as duas produções como forma de complementar as informações. Enquanto o programa jornalístico dominical focou suas matérias no *bullying* infantil, *Malhação* complementou as informações, mostrando que *bullying* é uma prática comum também entre os adolescentes. Relacionar o seriado a um programa de informações reforça o pretense caráter pedagógico / informativo que a autoria e a direção de *Malhação* buscam conferir ao programa.

Outro tema bastante explorado por *Malhação* é saúde. Dentre as diversas doenças trabalhadas neste âmbito, a aids aparece com maior destaque, conforme se observa na narrativa de Tainá, 17 anos.

Teve aquela história da Érica, que tinha aids e namorava o Touro. Eu não assistia muito, né, porque eu tinha aula, eu estudava de tarde, mas eu via nas férias e eu lembro que eles namoravam e ela tinha aids, mas tinha aquela coisa de que ela não estava doente, mas tinha o vírus e podia passar para alguém. Eu não sei como é isso, mas eu sei que era assim. Eu não sei como ela pegou aids e não vi o final, que foi quando ela casou com o Touro, mas eu gostava da história dela, eu gostava que o Touro gostava dela e a aids não fazia diferença. Eles eram um casal 'tri dez'!

A doença de Érica – também a única vez em que o tema aids foi abordado em *Malhação* – permitiu ao programa “exercitar”, mais uma vez, seu pretense caráter pedagógico: desde que a adolescente descobriu que era portadora do vírus, o seriado estruturou e seguiu uma lógica para falar da doença. Inicialmente, tratou-se dos aspectos fisiológicos da aids: sintomas de um portador do vírus, como tratar e contra-indicações; em seguida, abordaram-se aspectos como as condições e expectativa de vida de Érica, como dar a notícia aos amigos e explicar o desenrolar e desenvolvimento da doença, a aceitação da adolescente por seus pares, a continuidade do relacionamento com Touro e a readaptação à vida (ou a tentativa por manter uma vida normal após a descoberta da doença), delineando, situando, sugerindo e estimulando uma determinada forma de existência coletiva e de relação consigo mesmo e com o outro, como diz Fischer (2000).

Em uma pesquisa realizada pela autora sobre exposição de intimidades, a TV e a mídia de um modo geral são identificadas como fonte de estímulo permanente da vivência sexual cada vez mais precoce e, paradoxalmente, como lugar de controle e vigilância desses mesmos atos incitados. Assim, a possibilidade de contaminação pelo vírus da aids, veiculada por *Malhação*, além do pretense objetivo de educar e informar serve também de controle da vivência da sexualidade na adolescência, estimulada pelo programa.

Outro tema relativo à saúde que chamou a atenção dos adolescentes entrevistados foi a descoberta do diabetes do personagem Gustavo. Quando a doença foi diagnosticada e a necessidade de aplicação diária de insulina confirmada, Gustavo teve de aprender (e “ensinar ao público”) como conviver com a doença com responsabilidade e naturalidade, sem que isso se tornasse um peso ou um problema para a vida dele. Sintomas, tratamentos e conseqüências da diabetes passaram a ser colocadas aos jovens por meio de conversas entre Gustavo, a namorada, os médicos e os colegas, sempre em tom bem didático.

Eu aprendi um monte sobre diabetes. Eu acho legal mostrar que as pessoas podem ter uma vida normal mesmo se estiverem doentes, como uma doença assim, que é séria, mas que dá para conviver com ela sem problemas. Eu não sabia um monte de coisas e tô aprendendo. Tem muita gente que têm essa doença e agora isso tá na *Malhação*, tá mostrando mais as coisas que acontecem na vida real (Tainá, 17 anos).

Para Jaques, 17 anos,

saúde é uma coisa importante. Não é só aids que os jovens podem pegar, eles podem ter muitas doenças que eles nunca mostram na Malhação. Diabetes a gente nunca pensa que é coisa de jovem, mas eu tenho colegas com diabetes e outras doenças e tava na hora de aparecer na Malhação. Tenho uma amiga que teve câncer e as pessoas se assustaram, mas agora ninguém mais vai se assustar se alguém tiver diabetes, porque parece que ficou normal porque saiu na Malhação. É bem importante isso, eu tô gostando.

A “saúde” foi um dos temas escolhidos para ser oficialmente abordado na temporada de 2005, embora já estivesse na pauta da trama há alguns anos. De acordo com o autor Ricardo Hoffsteter, *Malhação* deveria falar em 2005 de saúde mental, emocional, física, sexual, saúde nas relações e no trabalho; dessa forma, o tema “saúde” seria envolvido em todas as tramas trabalhadas, conferindo um caráter “social” a todos os tópicos, desde o uso de anabolizantes até o relacionamento entre pais e filhos – resumindo tudo a saúde.

Observando-se estes aspectos de *Malhação*, pode-se concluir o quanto o programa se auto-propõe como meio predominantemente educativo, pedagógico e didático, conforme veremos na análise das narrativas adolescentes.

7.5 CATEGORIAS

A partir das narrativas dos adolescentes entrevistados para esta pesquisa, da fala de pais de adolescentes, de ex-espectadores e do material disponível sobre o

programa – incluindo a opinião dos adolescentes sobre o seriado, disponível em sites na internet – emergiram categorias que revelam a função que a *Malhação* desempenha no processo de construção de identidade dos adolescentes contemporâneos. São elas:

Categoria	Fala dos Entrevistados
<i>Malhação</i> : a companhia da tarde	“Eu vejo todos os dias”
A identificação	“ <i>Malhação</i> foi feito para adolescentes”
Repúdio aos estereótipos: o “não” à padronização	“Todo mundo é sempre igual na <i>Malhação</i> ”
A crença na simulação da realidade	“Eu acho que é bem a realidade das coisas”
Aspectos Marcantes	“É o que está acontecendo na história”
Repetições	“É sempre a mesma história”
Pedagogia em <i>Malhação</i>	“Eles ensinam”
Os valores adolescentes em <i>Malhação</i>	“Ela está fazendo isso com a melhor amiga dela e eu acho errado”

7.5.1 *Malhação*: a companhia da tarde

“Eu vejo todos os dias”
(Pablo, 12 anos)

Malhação é, por unanimidade, o programa mais assistido pelos jovens, sendo a companhia com a qual compartilham uma parte pequena de seu dia durante a semana. “Eu adoro a *Malhação*, realmente é uma das sete maravilhas do mundo, sem ela eu não sei o que seria de mim nos finais de tarde”, diz uma adolescente paulista, 17 anos, em um site sobre o programa existente da internet, chamado *Malhação Forever*. O programa é como um amigo que oferece meia hora de sua companhia aos jovens, que

esperam por ele, rotineira e fielmente, todas as tardes, de segunda a sexta. Em um dos muitos sites existentes sobre o programa na internet, uma adolescente de 17 anos, moradora da cidade de Canoas (RS), diz que “queria que todos soubessem que a *Malhação*, para mim, não é apenas um entretenimento, mas sim uma ótima novela, que deveria ter mais tempo no ar. Afinal, também merecemos um programinha só nosso...”

Malhação é como um pacote pronto de sonho, fantasia, desejo, que os jovens buscam avidamente todas as tardes. Há uma expectativa pela continuamente, por saber “o que vai acontecer depois” – e para continuar a experimentar as sensações proporcionadas pelo programa. Ao final do seriado global, a mudança de canal estende um pouco mais o momento exclusivo do jovem – o SBT transmite o seriado *Rebelde* logo após *Malhação*. “É uma diversão maravilhosa para os jovens”, diz um menino de 14 anos em um site sobre o seriado. “Eu acho que eles falam um pouco da nossa adolescência, por que tipo, eles estudam num colégio e a gente também... Tem coisas que não acontecem com a gente, por isso é legal ver...” (Luiza, 15 anos)

Malhação desperta o interesse de dois tipos de jovens: os que amam e os que odeiam o programa. O que esses adolescentes têm em comum? Todos assistem à novelinha e dedicam seu tempo a falar e discutir sobre ela – os que não gostam passam mais tempo envolvidos com essa tarefa do que aqueles que dizem gostar do programa. Chama a atenção o fato de que jovens que garantem não gostar de *Malhação* dediquem parte de seu tempo a “detonar” o seriado, como eles mesmos dizem. Na internet, é possível encontrar diversos sites independentes sobre *Malhação*; alguns, oferecendo ao adolescente um espaço para conversas a respeito do programa

e do que é veiculado e outros que se caracterizam como um espaço onde o jovem tem a possibilidade de falar e ser ouvido sobre tudo o que não gosta no seriado.

Um dos sites “anti-Malhação” – chamado *Xô Malhação* - é editado por um jovem de pouco mais de vinte anos. O editor chama a atenção para vários aspectos que considera negativos no programa e os jovens leitores comentam a respeito do que é destacado pelo site. Um dos comentários diz: “é claro! No MMMM (Múltipla Escolha) não há gente necessitada. É um mundo onde todos são felizes e não há problema!” Ele chama a atenção para o fato de que *Malhação* apresenta um mundo idealizado aos espectadores. Uma adolescente responde, como que “despertando” para essa característica do programa: “nossa, Malhação é mesmo muito podre, né? Fala sério! O site de vocês ta de parabéns, pois odeio esse programa inútil com muitos atores e atrizes péssimas!”

O editor e os visitantes do site *Xô Malhação* recriam os nomes dos personagens, de forma a destacar, ironicamente, algum aspecto negativo ou fantasioso dos mesmos, e descrevem minuciosamente os “furos” que encontram nas histórias. Todas as descrições são tão cheias de detalhes que fica evidente tratar-se de uma audiência freqüente do programa. A personagem Betina, protagonista e heroína da temporada atualmente no ar, é chamada pelo site de “Betina Fantasia”. O nome faz referência a uma característica muito comum das “mocinhas” de *Malhação* – o que os adolescentes chamam de “ser do bem” – e que, em Betina, é excessivamente estereotipado. Os adolescentes entendem que a personagem beira à perfeição e “perfeição não existe, é viagem”, como diz Jaques, 17 anos. Betina é bonita, inteligente, estudiosa, dedicada à

avó e aos amigos, socialmente responsável e preocupada em ser sempre justa. Todos a adoram e os meninos são apaixonados por ela – entre eles, o protagonista Bernardo. É como se Betina vivesse em um mundo que não existe nem na ficção – daí o nome Betina Fantasia. Os adolescentes que dizem gostar do programa também não entendem esse exagero na caracterização do personagem. “Eu não gosto da Betina, ela é muito certinha. Sempre tem as mocinhas, que ajudam todo mundo, mas a Betina nunca faz nada, ela é sempre a coitada. Nada a ver...” (Letícia, 14 anos)

O desejo por um “programa só nosso”, como disse a adolescente de 17 anos, e o pouco tempo que *Malhação* permanece no ar faz com que os jovens busquem outros programas, como forma de dar continuidade ao que experimentam com *Malhação*. A maioria dos adolescentes afirma assistir às novelas da Rede Globo, mas todos têm como “substituto” oficial de *Malhação* o seriado mexicano *Rebelde*, exibido no Brasil pelo SBT. O programa é ambientado em um colégio interno – no formato das *high schools* americanas – onde estudam meninos e meninas de famílias abastadas. O ambiente é propício para que jovens ricos cometam injustiças, contra as quais a heroína da história tem de lutar. “É adolescente também... Se passa numa escola também, num internato. E eles são todos rebeldes”, diz Letícia, 14 anos. *Rebelde* começa a ser exibido ao final de *Malhação*. Apesar da semelhança com o seriado global, os jovens identificam uma diferença muito importante entre os dois programas.

Rebelde é num colégio dos riquinhos. A diferença da Malhação para esse é que a Malhação trata mais do amor, né? E esse tem outras coisas também. O Rebeldes tem bastante injustiça, por ser colégio de riquinho. Se acontece alguma coisa com o filho, o pai

vai lá, dá dinheiro e resolve. E a guria lá não quer as coisas assim, ela luta para mudar isso (Juliana, 13 anos).

Considerando-se a afirmação de que os adolescentes “merecem um programa só deles”, percebe-se que os jovens constituem uma grande demanda por essas produções, à medida que consomem uma produção estrangeira que segue a linha “feito para adolescentes”. O horário “imposto” pela Globo como um “horário adolescente” extrapola a própria emissora. Há um público certo para consumir este tipo de programação nesta faixa horária – um público que se acostumou a ter esse horário como “seu”. O encontro virtual com os adolescentes da ficção proporciona aos jovens uma vivência de fantasia com aquilo que deseja experimentar na vida real.

7.5.2 A identificação

“Malhação foi feito para adolescentes”
(Juliana, 13 anos)

A frase acima resume o aspecto do programa mais mencionado pelos jovens: a identificação com aquilo que é veiculado por *Malhação*. Essa identificação se dá pelos temas abordados – principalmente sexualidade, relacionamentos e comportamento – que os jovens dizem ter “tudo a ver” com o momento que vivem e pelo desejo de experimentar, na “vida real”, histórias semelhantes às vividas pelos personagens de *Malhação*. Ao se enxergarem nos personagens, os jovens experimentam um sentimento de pertencimento àquele mundo ficcional, como podemos observar na fala de Luís, 15 anos, quando diz que tem um amigo tão próximo que faz com que a amizade entre os dois se pareça com o relacionamento fraterno entre os personagens

Download e Marley. Luis diz que se identifica com o personagem porque vive uma experiência semelhante na vida real e, assim, entende que sua realidade é retratada no seriado.

Eu me identifico com o Download e o Marley. É por isso que a Malhação é legal, porque tu consegue te ver ali, vivendo aquelas coisas. É claro que é diferente, porque pra eles tudo é fácil, eles estão sempre juntos, andam sozinhos, saem sem avisar como se fossem adultos. Não é assim pra gente, mas sempre tem um pouco da gente ali.

O jovem diz que “o mais legal no programa é que é como os adolescentes são hoje em dia”, sugerindo que os adolescentes acreditam que suas vidas são bastante semelhantes às deles. Há um sentimento de pertencimento à realidade criada pelo seriado, muito embora o cotidiano da vida real, a rotina quase automática vivida pelos jovens, impeça o incremento da “liberdade” vivida pelos personagens de *Malhação*, como Luis menciona acima. O pertencimento é virtual, num momento em que esta realidade substitui a realidade “real”, mas os jovens contemporâneos parecem se satisfazer com essa substituição. Sem perceber, vivem essa realidade virtual em seu dia-a-dia, consumindo produtos que os façam parecer ainda mais com os ideais oferecidos pelo seriado.

Quando o consumo (ou a impossibilidade de acesso a ele) não satisfaz o desejo de pertencimento do adolescente, que não se sente integrado ao grupo, podem ser observadas disfunções nos jovens, tais como violência, uso de drogas, entre outros. Esses jovens são retratados em *Malhação*. Na temporada atual, uma turma de “*bad*

boys”, formada por Urubu, João e Kiko, entre outros, representa os chamados “rebeldes sem causa”, que participam de rachas, envolvem-se com companhias duvidosas e amedrontam os colegas. Há quem repudie esse tipo de comportamento e até afirme que na vida real não é assim, mas também existem os adolescentes que admiram os personagens, seja por uma identificação com as atitudes deles, seja porque a maldade parece mais “real” do que a perfeição característica dos mocinhos criados pelo programa. Na narrativa dos adolescentes, é possível observar esses dois aspectos. “Eu gosto do Urubu. Gosto do jeito dele aprontando. É ele tirando fotos no celular. É ele tentando ralar o Bernardo. E ele é tri bonito também” (Laila, 13 anos).

Eu não gosto desse negócio das pessoas armarem, que nem a turma do João. Eu fico com uma raiva disso, porque eles estão fazendo aquilo e está dando certo. Eu sei que é mentira, eu sei que depois vai voltar tudo ao normal, mas eu não gosto. Olha o negócio de pega com o João que deu errado. Eu acho que acontece aqui fora também, mas não tanto como a gente vê na Malhação, só que eu não gosto de ver isso (Letícia, 14 anos).

Admitindo que o programa estereotipe o jovem como um ser interessado em sexo, conflitos e estudos, os adolescentes se reconhecem nessa estrutura, na medida em que afirmam que se identificam com o seriado porque ele trata de adolescência. “Eu assisto porque me identifico com as coisas que acontecem. É bem adolescente. Tem bastante coisas parecidas, disputa por algum guri, fazer joguinho, às vezes brigar com as amigas por causa disso” (Graziela, 14 anos). “Atrai bastante. Malhação foi feito para adolescentes. O que nos interessa: esportes, estudos e namorar.” (Pablo, 12 anos)

Ao ser compreendido como um espaço exclusivo para os jovens, *Malhação* legitima os ditos “temas do universo adolescente”. Ainda que outros programas busquem discutir esses assuntos, o “ser feito para adolescentes” confere a *Malhação* autoridade para falar sobre estes temas. De acordo com Fischer (2000), é possível observar o quanto se cria um conjunto de estratégias de acolhimento do público, formas de identificação, mesmo quando se trata de espectadores cujo perfil, a priori, não se enquadra nos tipos humanos ali narrados. Em se tratando de jovens de classe média, cujo perfil é o pautado pelo programa, as estratégias de identificação são ainda mais eficazes - os adolescentes identificam em sua realidade tipos semelhantes aos mostrados pelo seriado. Na vida real, há também as patricinhas, os bad boys, os CDFs; há os mocinhos e os vilões.

Fischer (2000) diz que a TV – e aqui cabe particularizar para a *Malhação* – mistura uma boa dose de verossimilhança a aspectos amplamente passíveis de identificação, como os que se referem ao desejo de amar e ser amado, ao medo da traição, aos conflitos de gerações, ao grande segredo do sexo, entre outros. A jovem Luiza, 15 anos, comprova isso ao relatar que tem uma amiga que não consegue ficar com o namorado porque ele a traiu, assim como Bernardo traiu Betina em *Malhação*. Ainda segundo a autora, são esses elementos que constam na elaboração das tramas novelescas, entrelaçados a valores, prescrições, opiniões. “Esses produtos tematizam a juventude brasileira, falam com ela, dirigem-se a ela, buscam-na avidamente na condição de público consumidor” (págs. 48 e 49). Ao dizer que *Malhação* fala da vida, como as pessoas são, os adolescentes confirmam o pensamento dos autores – e da própria mídia – de que *Malhação* é um artigo raro na televisão brasileira, um bem-

sucedido programa para adolescentes e também sobre adolescência, como definiu o site Veja Online, em matéria publicada sobre o seriado²².

7.5.3 Repúdio aos estereótipos: o “não” à padronização

“Todo mundo é sempre igual na Malhação”
(Tainá, 17 anos)

Apesar de se enxergarem nos diversos personagens do seriado, os jovens demonstram certo repúdio a esses tipos comumente retratados por *Malhação*. Ao revelarem suas preferências em relação aos personagens, os jovens falam de sua admiração pelos tipos engraçados, diferentes das “pessoas comuns”, mas que fazem parte de sua realidade – tipos que existem na “vida real”.

Em suas narrativas sobre *Malhação*, apesar de mencionarem que gostam de Betina e Bernardo, os mocinhos da temporada atual, os adolescentes costumam destacar o personagem Cabeção como o preferido. O jovem é um dos filhos de Afonso, professor e diretor do Múltipla Escolha nas temporadas de 2000 e 2001; com problemas auditivos, o adolescente fala alto e rapidamente e está sempre armando confusões com seu jeito “estabanado”. A família de Cabeção, na trama, acabou se mudando para Vitória, mas o adolescente decidiu permanecer no Rio de Janeiro e no Múltipla Escolha, onde estavam seus amigos. Cabeção passou a morar em uma república de estudantes, onde moram outros alunos do colégio fictício, mantida pela avó da heroína Betina.

²² “Um programa bem maduro”, junho de 2005.

Malhação retratou o amadurecimento do personagem com a mudança da família. Além de aprender a cuidar sozinho de si, Cabeção teve de lidar com a dúvida sobre o vestibular – qual curso desejo seguir? – precisou arrumar um emprego, comprou e perdeu um carro que adorava e, finalmente, iniciou um namoro sério com a oriental Myuki, por quem o adolescente sempre foi apaixonado.

Mesmo com este crescimento, Cabeção sempre foi um adolescente diferente. Ao invés de ser um mocinho ou um vilão em sua totalidade, o menino é somente um jovem “do bem”, que arma uma ou outra confusão, eventualmente, para se dar bem com as meninas ou sair mais cedo do trabalho; ao invés de ter sido um CDF ou um adolescente com dificuldades na escola, Cabeção foi um aluno mediano, que tirava boas notas (mas nada de excepcional) e passava de ano, o que no final das contas, é o grande objetivo de todos os adolescentes na escola. Ao invés de ter entrado na faculdade, Cabeção optou por trabalhar e crescer profissionalmente, mesmo sem ter um curso superior. E principalmente, ao invés de ser bonito e “sarado”, o adolescente usa aparelho, é magro, baixinho, desajeitado e, por isso mesmo, na opinião dos adolescentes, muito engraçado.

Fisicamente, Cabeção já é um tipo diferenciado. O aparelho ortodôntico e o aparelho auditivo que utiliza o excluem do estereótipo “bonito e perfeito” ao qual estão atrelados os personagens de *Malhação*. Cabeção não é CDF, não é mauricinho, não é nerd, não possui um talento que o diferencia dos demais, não é bonito. Está fora do padrão dos grupos criados pelo seriado e nos quais os novos personagens sempre se

encaixam. Ao admirarem Cabeção, os adolescentes demonstram não concordar com o padrão imposto pelo programa.

Todo mundo é sempre igual na Malhação, é isso que é chato. Sempre tem as mesmas pessoas. A boazinha, a má, o mau. A patricinha, a burrinha... Eu gosto das coisas diferentes, gosto do Cabeção, dos meninos da República. Eles são tri engraçados, são diferentes (Tainá, 17 anos).

Eu gosto do Cabeção porque ele é todo atrapalhado, um jeito bem diferente. E é um adolescente e trabalha no Gyga. Ele tem aqueles tics nervosos dele, um jeito diferente de adolescente para mostrar para as pessoas (Luis, 15 anos).

Eu gosto da história quando ela não sai da minha realidade. As partes engraçadas são as que eu mais vejo, porque até tem muita coisa engraçada na nossa vida, né? (Luna, 13 anos).

Observa-se que os adolescentes procuram fugir do padrão por perceber que este não se enquadra em sua realidade, mesmo que busquem por ele diariamente, quando acessam a TV Globo para assistir à *Malhação*. Os estereótipos desagradam os adolescentes por seu exagero e pela repetição dos mesmos. “Não gosto do Bernardo. Não sei por quê. Acho que ele é bonzinho demais. Sem graça, ninguém é assim”, diz Juliana, 13 anos. Laila, também 13 anos, concorda com a colega: “eu não gosto do Bernardo. Ah! Ele é muito certinho, é sempre o anjinho. E da Betina também não. Enche o saco. Nunca tem culpa de nada. Até parece que alguém pode ser assim tão bonzinho, perfeitinho.”

Ao repudiar os estereótipos, os adolescentes demonstram uma “resistência” aos modelos impostos pela mídia como ideais – corpo belo e bem cuidado, cabelos longos, roupas da moda, comportamento adequado e semelhante ao dos famosos. *Malhação*

mostra como o jovem deve “ser ou não ser”, para que possam pertencer. Bauman (1999) exemplifica.

A mulher que se exercita possui seu próprio corpo pela identificação com uma imagem que não é a sua própria, mas a dos corpos que lhe são oferecidos como exemplo. (...) Jane Fonda é bastante explícita sobre a essência do que oferece e bastante direta sobre o tipo de exemplo que seus leitores devem seguir: ‘gosto muito de pensar que meu corpo é produto de mim mesma...’ (...) Ao dizer tudo isso, Jane Fonda se oferece como exemplo: ‘sou famosa e amada, sou um objeto de desejo e admiração.’ (pg. 79)

É como se a individualidade das pessoas também fosse padronizada. Ilustrando, é como dizer que todas as mulheres serão únicas se todas forem como Jane Fonda. Bauman (1999) identifica este aspecto, citando um comercial de televisão como exemplo.

Numa sociedade de consumo, compartilhar a dependência de consumidor é a condição sine qua non de toda a liberdade individual; acima de tudo, da liberdade de ser diferente, de ‘ter identidade’. Num arroubo de sinceridade (ao mesmo tempo em que acena para os clientes sofisticados que sabem como é o jogo) um comercial de TV mostra uma multidão de mulheres com uma variedade de penteados e cores de cabelos, enquanto o narrador comenta: ‘todas únicas, todas individuais; todas escolhem X’ (X sendo a marca anunciada de condicionador). A identidade – única e individual – só pode ser gravada na substância que todo mundo compra e que só pode ser encontrada quando se compra (pg. 99).

Bauman (1999) faz referência ao formidável poder que os meios de comunicação de massa exercem sobre a imaginação popular, coletiva e individual. Ele fala que

“imagens poderosas, mais reais que a realidade, em telas ubíquas, estabelecem os padrões da realidade e de sua avaliação e também a necessidade de tornar mais palatável a realidade vivida” (pg. 99). O autor diz que a vida desejada tende a ser a vida vista na TV; “a vida na telinha diminui o charme da vida vivida e esta parece irreal e continuará a parecer assim enquanto não for remodelada na forma de imagens que possam aparecer na tela” (pg. 99).

O fato de os jovens repudiarem os padrões “conhecidos” e já em circulação (mocinhos e bandidos, CDFs e nerds, patricinhas e mauricinhos, etc) não representa uma compreensão e fuga dessa “realidade”, mas um esgotamento dos padrões atuais, acompanhado de uma busca por novos padrões a serem seguidos. O personagem Cabeção está mais próximo da vida real, mas ainda assim é uma figura moldada pela mídia e que faz sucesso entre os adolescentes; essa “fama” do personagem entre os jovens é o que promove, de certa forma, essa “migração” e busca por novos padrões.

7.5.4 A crença na simulação da realidade

“Eu acho que é bem a realidade das coisas”
(Juliana, 14 anos)

Ao mesmo tempo em que reagem à padronização da imagem de adolescentes veiculada por *Malhação* e discordam dos estereótipos divulgados pelo programa, os adolescentes acreditam que os episódios refletem sua realidade e mostram situações que são, de fato, vivenciadas pelos jovens na vida real. “Lá as pessoas armam, né? Eu sei que é mentira, mas eu acho que tem aqui foram também. Não acho que acontece

muito, com muita freqüência, entre amigos, mas acho que acontece, por isso que eles mostram, né?” (Letícia, 14 anos)

Algumas situações são consideradas exageradas pelos jovens em determinados momentos, mas mesmo nelas os adolescentes conseguem identificar um aspecto semelhante com a vida real.

Eu acho até que acontece maldade na vida, mas não desse jeito que eles mostram. E também eu acho que a novela mostra a pessoa muito burra, sabe? Aparece a cena dos namorados e, bem naquela hora, chega o outro. Acho que exageram, porque se acontece isso, a pessoa vai perguntar o que foi, vai querer entender, não vai já sair acusando e dizendo que a pessoa tá fazendo coisa errada. Ela pode até estar, mas nem todo mundo vai (estar fazendo coisa errada) (Luna, 13 anos).

A crença dos adolescentes de que *Malhação* retrata a sua realidade tem a ver com a rotina dos personagens, semelhante ao do jovem contemporâneo. A escola, por exemplo, item importante – senão fundamental – na vida dos jovens de hoje é nada menos do que o cenário principal do programa, onde são desenvolvidas as tramas e onde os adolescentes vivenciam seus conflitos. “Eu acho que é bem a realidade das coisas, mostra a vida dos adolescentes. Certo que tem coisas que não acontecem sempre, mas é bem parecido. (...) Acho que as coisas do colégio mesmo, a sala de aula...” (Juliana, 14 anos).

As salas de aula do Múltipla Escolha nada têm em comum com as salas da escola onde estudam os adolescentes entrevistados, a não ser pelo quadro negro. As classes são diferentes, assim como as cadeiras e a mesa do professor. Além disso, as salas do Múltipla Escolha estão localizadas em andares térreos, diferentemente da escola porto-alegrense; os dois colégios possuem uma filosofia bem diferente uma da outra, o que torna o ambiente e o clima pouco semelhantes entre eles. O Múltipla Escolha é a escola ideal para esses adolescentes, a escola idealizada; é como eles desejam que o colégio onde estudam fosse de fato. Tainá, 17 anos, identifica esse aspecto.

É a nossa vida, tem a escola, os namoros, as festas, mas na verdade é bem diferente, né? É mais como a gente gostaria que fosse, que a nossa escola fosse que nem o Múltipla Escolha, mais liberal, que tivesse o clube, a piscina, que todo mundo do colégio fosse sócio e tal... Mas tem as nossas coisas ali, o que a gente faz...

Ana, 25 anos, questiona até que ponto a realidade é apenas reproduzida no programa; para ela, trata-se de um círculo vicioso, em que os adolescentes passam a agir e se comportar como os personagens, ao mesmo tempo em que os autores do seriado acreditam estar simulando as ações juvenis. De acordo com Fischer (1996), “a mídia delinea, situa, sugere e estimula determinadas formas de existência coletiva ou de relação consigo mesmo e com o outro em suas produções para os jovens” (pg. 44). Vida real e realidade virtual se misturam e se confundem. “Vivemos em mundos crescentemente múltiplos e – o que é mais desconcertante – virtuais. A mídia encurta a velocidade com que as imagens viajam...” (Hall, 1997, pg. 01).

Vidas narradas e vidas vividas estão inter-relacionadas e são interdependentes. Códigos sociais e culturais, visíveis e vividos no interior dos diferentes espaços sociais constituem, pautam, normalizam e normatizam não só a própria criação, a elaboração das narrativas, como ainda o modo pelo qual elas são lidas, percebidas, recebidas (Fischer, 2000, pg. 48).

Ana acredita que os adolescentes não percebem isso.

A gente acha que vê a nossa vida na *Malhação*, mas na verdade eles é que inventam como que os adolescentes devem ser e a gente imita, aí fica achando que eles é que imitam a gente. Não é não e a gente não se dá conta. A gente é que vai imitando a televisão e pensa que é ela que nos imita. Às vezes, ela até coloca coisas na nossa cabeça.

Luíza, 15 anos, confirma este aspecto observado por Ana.

Esse negócio que acontece na novela sobre o amor não tem nada a ver. É legal, a gente sempre quer que eles fiquem juntos no final e tal, mas acho que não é isso que acontece na verdade. Eu sempre achei que ia ter uma pessoa que eu gostasse e que teria alguém para atrapalhar, mas nunca veio isso.

Bauman (1999) diz que, libertos dos obstáculos físicos devido às novas tecnologias de informação e comunicação, muitas pessoas podem se apropriar de um fantástico mundo de imagens, dados e sons. O autor afirma que as pessoas têm um poder que não é deste mundo, que confere a todos uma capacidade imensa de se mover e atuar à distância. Assim é o movimento realizado pelos adolescentes nesse aspecto de *Malhação*.

7.5.5 Aspectos marcantes

“É o que está acontecendo na história”
(Luna, 13 anos)

A academia é um período pouco mencionado pelos adolescentes entrevistados, que começaram a assistir ao programa quando o *Múltipla Escolha* já era o cenário principal da trama. Todos lembram dos personagens marcantes desta fase de *Malhação*, mas foi a partir das quatro últimas temporadas que assistir ao seriado tornou-se rotina para esses jovens.

A temporada que exibiu o casal Júlia e Pedro, interpretados por Juliana Silveira e Henri Castelli – dois adolescentes que sofriam as conseqüências de um erro médico e não podiam ficar juntos devido ao ódio existente entre as duas famílias – é a mais mencionada pelos jovens, sendo a preferida, inclusive, de quem acessa o site *Xô Malhação*. “O site de vocês está de parabéns, *Malhação* só foi legal na época do Pedro e da Júlia”, diz uma menina de 16 anos. O editor do site chega a pedir, em alguns de seus comentários, que a autora da história, na época, retome essa função junto ao programa, já que, desde então, as temporadas não têm agradado aos telespectadores que se manifestam neste site. As razões desta preferência não são esclarecidas e os jovens entrevistados pouco sabem explicar sobre esse fato; a maioria se limita a dizer que “era diferente”, mas ninguém consegue explicitar, exatamente, onde está essa diferença.

Ana, 25 anos, acredita que a maturidade do casal e a semelhança da história dos dois com a “vida real” impressionaram os adolescentes.

Foi a última temporada que eu assisti inteira. O Pedro e a Júlia eram diferentes porque eles não pareciam adolescentes, apesar de terem lá uns 17, 18 anos na história, eu acho. Eles pareciam adultos, eram responsáveis e as histórias deles não eram essas bobagemzinhas de agora. Tinha a história do erro médico e da Júlia tentar entender o que houve, mostraram o avô dela, sei lá, era uma coisa mais séria e até mais real. Hoje eu vejo como uma bobagem atrás da outra, o casal bonzinho sempre meio que como heróis, fica fora da realidade mesmo. Imagina se eu ia brigar com a minha família e ir morar na casa do meu namorado, na maior, como a Jaque fez... Nada a ver, tem que ter muita imaginação para acreditar que isso acontece mesmo. A Júlia e o Pedro pareciam mais de verdade, gente como a gente mesmo.

Além de Pedro e Júlia, os adolescentes citam Gustavo e Letícia – protagonistas da penúltima temporada – como o casal preferido dos quatro últimos anos. A beleza da dupla é uma das razões para esta escolha – no site *Malhação Forever*, Gustavo e Letícia foram escolhidos como o casal mais bonito de *Malhação* – mas muitos adolescentes mencionam seu engajamento social como um dos fatores mais impactantes para a empatia do casal com os telespectadores. Ana concorda.

Eles eram bacanas com as crianças, as pessoas gostam disso. Eu gostei, apesar de não ter visto muito. Acho que tem essa cultura do super herói, mas era mais um benefício de alguma coisa de verdade do que dessa bobagem de sempre fazer tudo certinho, nunca ter culpa de nada...

De acordo com Hall (1997),

nas ciências sociais, em particular na sociologia, o que se considera diferenciador da ação social é que ela requer e é relevante para o significado. Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam como para os que

a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou código de significado (...) nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas 'culturas' (pg. 01).

Assim, pode-se dizer que a identificação dos adolescentes com este casal em particular está intimamente relacionada à cultura desses jovens, que conferem às boas iniciativas e ao engajamento social um significado importante.

Ainda segundo o autor,

mesmo que as pessoas não sejam satisfatoriamente representadas por nenhum conjunto de imagens, provavelmente se sentirão mais atraídas por um do que pelos outros, vendo-se representadas ou refletidas em alguns deles. Por exemplo, você começou a investir ou a se identificar com um ou outro conceito do que é ser inglês e, ao adotar tal posição de sujeito, está se tornando mais este tipo de inglês do que outro (pg. 08).

A preferência dos jovens por Pedro e Júlia ou Gustavo e Letícia está relacionada ao fato de que a maturidade do primeiro casal e o engajamento do segundo, por exemplo, refletem, de certa forma, determinados conceitos adotados pelos adolescentes.

Hall (1997) diz que a identidade emerge do diálogo entre os conceitos e definições que são representados pelos discursos de uma cultura e pelo desejo, consciente ou inconsciente, de responder aos apelos feitos por estes significados, ou

seja, de que sejam investidas as emoções em uma ou outra imagem para que haja uma identificação. Dessa forma, podemos dizer que os aspectos de *Malhação* mais lembrados pelos jovens estão relacionados a emoções e sentimentos de identificação, atrelados à cultura desses adolescentes que, por sua vez, também é produzida pela mídia.

Quando questionados sobre o que mais chamava sua atenção com relação ao que estava acontecendo na história no momento da entrevista, os adolescentes mencionavam os mesmos acontecimentos. As entrevistas foram realizadas durante duas semanas, o que significa que todos os entrevistados estavam assistindo aos mesmos acontecimentos neste período; no entanto, dentre as mais variadas situações que poderiam ter sido mencionadas, duas delas em particular foram o fio condutor das respostas. Podemos ressaltar aqui a identificação com umas e não com outras imagens, chamando a atenção para o fato de que os mesmos acontecimentos marcaram este grupo de adolescentes, remetendo à padronização discutida anteriormente.

Ah, agora é aquela história do processo do Bernardo. E daquele rolo que tá dando com a dona Vilma, que perdeu a memória. O processo do Bernardo é porque o Urubu acha que foi ele quem estourou o gerador do show dos Detonautas, porque tinha gasolina na moto dele. O pai dele está ajudando ele agora, tem um advogado e ele tá procurando testemunhas para defender. E a dona Vilma, o Bruno, o gurizinho tava andando de bicicleta, que tava sem freio, bateu nela e ela caiu e perdeu a memória (Luís, 15 anos).

O Bernardo está sendo acusado pela explosão do gerador, o Download está sendo acusado de tirar as fotos (das meninas no vestiário para publicar na internet). A Aline pensa que o Leonardo

é apaixonado por ela, porque ele salvou ela dos ladrões. A dona Vilma tinha perdido a memória, agora ela voltou (Leticia, 14 anos).

O Urubu tirou fotos das gurias no banheiro, mas o Download achou o celular e estão pensando que foi ele. O Urubu e a Jaque estão fazendo chantagem um com o outro por causa disso, porque se ela fala que foi ele, ele vai contar uma coisa que ela fez também (Juliana, 13 anos).

A explosão do gerador no show organizado por Urubu e a publicação das fotos das meninas semi-nuas no site são os assuntos mais comentados pelos adolescentes. A gravidez de Jaqueline, que deveria ser o fio condutor da história, se perdeu no decorrer da trama e foi “solucionada” com a perda do bebê, que encerrou de vez o assunto. Observando-se estas passagens mencionadas pelos adolescentes, podem-se destacar dois aspectos importantes que marcam o programa: a cultura do herói e a invasão de privacidade, atrelada à sexualidade.

A cultura do herói é bastante clara em *Malhação*. Essa característica maniqueísta do programa foi, inclusive, revista pelos autores da última temporada do seriado, mas apesar da tentativa de mudar o perfil “mocinho e bandido” dos protagonistas do programa, a velha fórmula acabou voltando a orientar o comportamento dos personagens Jaque, Bernardo e Betina no decorrer da trama. Ao triângulo amoroso principal, juntou-se um quarto integrante – Urubu – gerando a formação de duas duplas distintas, com objetivos antagônicos: Bernardo e Betina, apaixonados, batalhando para viver seu amor, e Urubu e Jaque, apaixonados por Betina e Bernardo, respectivamente, fazendo de tudo para dificultar e impedir esse romance.

Os mocinhos, na definição dos próprios adolescentes, são sempre “perfeitinhos”: inteligentes, estudiosos, justos, ambiental e socialmente responsáveis, engajados, educados e bonitos. Mantêm um bom relacionamento com todos, lutam para defender os amigos de injustiças, estão sempre envolvidos – ou são os líderes – de atividades na escola, raramente cometem erros e, invariavelmente, são injustamente acusados por algo de que não têm culpa. Os mocinhos da história sempre formam um casal que não pode ficar junto, seja porque uma mentira maldosa fez com que ambos desconfiassem um do outro, seja porque o relacionamento dos dois impediria a felicidade de outras pessoas. De maneira geral, os mocinhos de *Malhação* sempre sacrificam sua felicidade pelo bem dos outros.

Os vilões, de maneira geral, são também muito bonitos e charmosos. Dissimulados, fingem-se de amigos para conquistar a atenção e a admiração dos mocinhos, por quem são apaixonados. Também muito inteligentes, estão sempre armando situações que colocam os mocinhos em posições desfavoráveis, para que eles, os vilões, possam ficar “bem na foto²³” com seus amados.

Uma estratégia interessante utilizada por *Malhação* na composição de mocinhos e vilões é a caracterização dos nomes, que sempre faz uma referência positiva ou negativa aos personagens. Na temporada atual, essa caracterização é bem clara: Bernardo, o nome do mocinho, ainda que não reflita uma imagem máscula, como é comum nos heróis, tem um tom mais angelical, passando uma idéia de “bom moço”. A aparência de Bernardo, inclusive, transmite essa idéia. A mãe de duas adolescentes de

²³ Expressão utilizada por uma adolescente de 16 anos para se referir aos vilões.

15 anos reforça: “mas olha o Bernardo, o que é esse menino... É o genro que toda mãe pediu a Deus, todo educadinho...”

Já o nome Urubu não deixa dúvidas sobre a índole do personagem. O verdadeiro nome do adolescente é Alexandre – nos primeiros episódios, Betina o chamou diversas vezes pelo nome e não pelo apelido – mas os adolescentes não se recordam desse fato. Nenhum entrevistado lembrou do nome do personagem, mas todos conhecem o apelido do rapaz. Urubu é um jovem forte, musculoso, muito bonito e com um ar sério, que lembra muito a imagem clássica dos super-heróis. Não há nada de angelical nele e suas atitudes e aparência contrastam muito com Bernardo. Além do vilão protagonista, a temporada atual conta ainda com uma turma, da qual faz parte Urubu, de jovens “do mal”, como os adolescentes os definem. Um deles é João, um adolescente que tem por hábito resolver seus conflitos por meio de ameaças e da força. O comportamento de João reflete as atitudes do pai, um homem machista e “durão”. João é um jovem de boa índole, mas inseqüente; envolve-se em atividades perigosas e não demonstra medo em situações de perigo. Está sempre com uma expressão fechada, por vezes raivosa; João – nome que os adolescentes consideram “de adulto” – age como tal, muitas vezes parecendo mais velho do que os colegas.

Dessa turma de “bad boys” (na qual estão incluídos Urubu e João) também faz parte Kiko, um jovem “do bem” que acabou sendo envolvido pelos amigos João e Urubu em suas ações inseqüentes. Kiko, apesar de ser forte, fisicamente, e da aparência segura que ostenta, é um rapaz influenciável, que acaba sendo levado pelos amigos a agir de maneira que, normalmente, não agiria. O nome é bem adequado ao perfil do

rapaz. Na temporada anterior, a caracterização dos personagens pelo nome também foi bastante marcante. Os mocinhos, Gustavo e Letícia, sofriam nas mãos de Natasha, apaixonada pelo rapaz. Já o irmão de Letícia, Cadu, era constantemente perturbado por Catraca, o adolescente que acabou preso, no final da temporada, por envolvimento em um violento trote escolar.

Nas narrativas dos adolescentes, percebe-se que há certa admiração pelo vilão, uma espécie de “Síndrome de Estocolmo”²⁴ que envolve o jovem telespectador e o bandido ficcional – um acontecimento bastante comum entre telespectadores e personagens de todos os tipos de novelas.

Eu gosto do Urubu. Eu gosto do jeito dele aprontando. E da menina, eu gosto da Jaque. Acho que os dois combinam. Eu não gosto do Bernardo. Ah! Ele é muito certinho, é sempre o anjinho. E da Betina também não. Enche o saco. O vilão é mais engraçado, não é chato (Laila, 13 anos).

Do que está no ar agora, o que eu mais gosto é o Urubu. Eu queria que ele se desse mal... O Urubu e a Jaque se chantageiam e tal. Eu tô gostando dessa parte! Porque eu gosto de ver o vilão, não sei... É que na *Malhação* eles são mais legais. Mas eu não gosto que a Betina e o Bernardo não ficam juntos (Luíza, 15 anos).

Misturado a essa Síndrome de Estocolmo, percebe-se que *Malhação* representa, para o adolescente, um conto de fadas moderno, em que o mocinho, a mocinha e o vilão substituem o príncipe, a princesa e bruxa dos contos de fadas tradicionais. Nesse

²⁴ Fenômeno psicológico caracterizado por uma demonstração de afeição da vítima por seu algoz. A denominação foi definida a partir de um seqüestro ocorrido em agosto de 1973, em um assalto a banco na Suécia, quando três mulheres e um homem, após serem mantidos reféns por seis dias, acabaram protegendo seus raptos. Das três mulheres seqüestradas, duas acabaram casando-se com seus algozes.

misto de admiração pelo vilão e de torcida por um casal de mocinhos do qual não gostam, os jovens convivem com uma fantasia, uma magia que representa o “mundo real”. Ao contrário dos livros de histórias - em que os personagens vivem em castelos, reinos distantes onde os animais falam, todos cantam, princesas dormem por longos anos, príncipes encontram suas amadas por meio de um sapatinho de cristal, uma moça prova uma maçã envenenada por uma bruxa e um casal voa em um tapete mágico – nos contos de fadas modernos os personagens se vestem, caminham, falam e vivem como na vida real, rompendo a barreira entre ficção e realidade.

Nas histórias de príncipes, princesas e bruxas, todos os problemas se resolvem com magia – sempre se pode encontrar uma lâmpada mágica, da qual sai um gênio capaz de realizar três grandes desejos, ou ter a sorte de cruzar com a fada madrinha e sua varinha de condão em um momento complicado – e se na vida real não é possível viver essa magia de fato, na ficção moderna tudo é possível. A lâmpada mágica se moderniza e tudo parece fácil, exatamente como os jovens gostariam que acontecesse em suas vidas – e não acontece. “Tudo eles dão um jeito. Qualquer coisa faz assim e acabou, tá resolvido. Eu acho que não é bem assim. Com determinados erros tu aprende e dá a impressão que eles nunca erram. Ia ser bom se fosse assim, mas não é...” (Marcelo, 16 anos).

Quando eu era mais nova, eu via os casais da minha idade nas novelas e ficava torcendo que eles ficassem juntos, para a minha mãe ver e me deixar namorar. Era lindo, eu ficava pensando naquilo um tempão... Aí eu cresci um pouco e os romances das novelas perderam a graça, mas na Malhação eu ficava torcendo que desse certo os namoros, porque eu voltei a me enxergar em alguma coisa e aí eu comecei a sonhar com aquilo. Até que

passou, eu cresci e parei de ver, comecei a namorar...” (Ana, 25 anos).

Nesse contexto do conto de fadas, os casais são muito importantes. Nos livros antigos, os protagonistas das histórias sempre formam um belo casal de príncipes; em *Malhação*, sempre há um belo casal de protagonistas. Nos livros dos contos de fadas, o leitor se envolve com os mocinhos e torce por eles; nos contos de fadas modernos, como *Malhação*, há um desejo, por parte do espectador, de torcer pelo casal, mas a tentativa de proximidade com a vida real impede essa torcida, porque na prática o casal de protagonistas não reflete essa realidade, como se percebe nas narrativas dos adolescentes quando eles dizem que “ninguém é tão perfeito assim” ou “ninguém pode ser tão certinho”. É fácil aceitar essa perfeição nos contos de fadas, mas o jovem entra em conflito quando o “conto de fadas” procura refletir a vida real, justamente pela mistura entre ficção e realidade.

Ainda assim, os casais são muito importantes em *Malhação*, tanto na temporada atual quanto nas anteriores. Na temporada atual, apesar das críticas ao casal Bernardo e Betina, é por eles que os adolescentes torcem para que fiquem juntos no final. Para os vilões, os jovens não esperam castigo: a maioria gostaria que Jaque e Urubu terminassem a temporada apaixonados – observa-se aí uma diferença entre os contos de fadas, nos quais se espera que o vilão seja punido. O exemplo acima ilustra bem esse fato: os adolescentes não esperam que Jaque e Urubu sejam punidos por suas armações, mas que tenham um final feliz juntos.

Das temporadas mais antigas, os casais sempre são os mais lembrados, até por serem eles os condutores da história (observando-se a descrição das temporadas, é possível perceber que a história sempre gira em torno de um casal, que normalmente é uma das primeiras informações a serem passadas ao telespectador. Nos sites sobre o programa, também se percebe essa centralidade do casal, seja pelas pesquisas, que questionam qual o casal mais bonito já apresentado pelo programa, seja pela forma como os jovens se referem às temporadas – “na época do Pedro e da Júlia”, “quando era o Sérgio Marone e a Manoela do Monte”, etc.). Nas narrativas dos adolescentes, os casais são frequentemente os mais lembrados. “Ah, eu torcia para a Luíza e o Vitor. A Júlia e o Pedro eu peguei um pouco e adorei eles, a Júlia era linda, e a Letícia e o Gustavo eu já peguei direto e era muito legal” (Graziela, 14 anos). Eu assisto desde bem nova, tinha uns oito anos. O personagem bonzinho era a Tatiana e o Rodrigo, que eu adorava. Ele era tri bonito... Depois eu gostei mais da Luiza e do personagem do Sérgio Marone e nessa eu gosto da Betina e do Bernardo (Luna, 13 anos).

Retomando, pode-se dizer, portanto, que a explosão do gerador no show organizado por Urubu marcou os adolescentes porque há uma disputa entre o bem e o mal, uma característica que faz parte da cultura disseminada pelo programa – a do mocinho e do vilão, presente na cultura desde a época em que os contos de fadas só eram conhecidos pelos livros infantis.

Outro aspecto marcante mencionado pelos jovens entrevistados – a publicação, na internet, de fotos das alunas do Múltipla Escolha sem-nuas – marca outra característica cultural do programa: a invasão de privacidade (ou a ausência de

privacidade), uma característica marcante em toda a mídia de maneira geral e destacada por Fischer (2000) com relação a *Malhação*. Ao trabalhar o “privado em praça pública” na mídia, a autora destaca que

Foucault (1992) estava correto quando afirmou o caráter complexo e dinâmico do dispositivo da sexualidade, que funciona não como controle-repressão, mas como controle-estimulação: incita-se a falar, a mostrar, a ver, a respirar corpos nus e sexualidade a todo momento (pg. 51).

A invasão de privacidade sugerida pelo programa, com a publicação não-autorizada das fotos das meninas, reforça o quanto essa invasão está atrelada à sexualidade. Fischer (2000), em conversa com estudantes de comunicação, identificou que o programa incentiva e cobra do adolescente essa sexualidade. Por exemplo, ela incentiva que os jovens tenham relações sexuais, mas cobra uma responsabilidade sobre esse ato. A autora cita um exemplo mencionado pelos estudantes.

Colocam um pai falando com a filha que é uma responsabilidade enorme transar, que não sei o quê... A pessoa, assim, o jovem fica pressionado. Se ela levava aquilo naturalmente, mesmo que não comentasse com os pais (...), aí vendo aquilo, fica pensando: bah, mas eu tenho que falar com meu pai. Tipo, ele deve saber” (pg. 52).

O privado em praça pública deixa de ser somente aquilo que é visto ou mostrado, mas também aquilo que é falado, comentado, contado, informado. É como se *Malhação* invadissem a privacidade dos jovens, “manipulando” seus pensamentos e controlando suas ações, levando-os a acreditar que os personagens carregam verdades absolutas e, portanto, é necessário agir como eles.

Com relação a essa invasão de privacidade e à incitação de que tudo deve ser mostrado e dito, Fischer (2000) descreveu que

há uma série de normas, que vão se alterando conforme as resistências, os movimentos e as conquistas sociais de homens e mulheres, adultos e jovens. Assim, se os corpos estão liberados a mostrar-se, a verdade é que eles deverão mostrar-se de um modo específico: lindos, magros e, mais recentemente, 'sarados', com membros muito bem definidos, "bombados" e assim por diante. Sim, que os jovens sejam livres para viver sua sexualidade, mas que falem tudo para os pais; que vivam seus encontros amorosos com total liberdade, mas que obrigatoriamente usem camisinha (pg. 52).

Seguindo esse raciocínio, o personagem Kiko, na última temporada, utilizou anabolizantes para ficar "bombado", a fim de ter um corpo sarado que pudesse ser mostrado, viabilizando sua carreira de modelo, conforme veremos mais adiante. Jaque, com medo de engordar demais durante a gravidez, fez pesados exercícios físicos e regime por conta própria, chegando perto de comprometer a gravidez. Tudo para manter, sem sacrifícios, o corpo "sarado" após o parto. Essa exigência (que padroniza) acaba com a individualidade do adolescente (e das pessoas em geral), como Bauman (1999) descreveu. E é a observação, o controle proveniente da mídia (a invasão de privacidade) que incita esse fenômeno.

7.5.6 Repetições

"É sempre a mesma história"
(Luna, 13 anos)

Por meio da análise dos capítulos e da descrição das temporadas, é possível entender porque os jovens afirmam que é “sempre a mesma coisa” em *Malhação*. O programa segue uma fórmula pronta, como os famosos “enlatados” americanos: amores intensos e impossíveis conduzem as temporadas, das quais também fazem parte jovens engraçados e atrapalhados, patricinhas, mauricinhos, bad boys, “gordinhos” e “magrinhos”. Recentemente, alguns pais foram incorporados à trama. Os temas que servem de argumento para cada temporada também se repetem, assim como o perfil dos personagens e os cenários. Ainda que haja uma renovação “visual” no programa e uma mudança de elenco, a estrutura de *Malhação* permanece a mesma. De acordo com os autores, há uma tentativa de inovar a cada nova temporada, mas os adolescentes não percebem as mudanças como inovação. Para eles, *Malhação* “é sempre a mesma coisa”, como diz Luna, 13 anos, há bastante tempo. Há uma “economia de criação” no seriado, caracterizada pelas repetições mencionadas pelos entrevistados. “Eu tô cansada, em todas as novelas da Globo é sempre a mesma coisa: o bonzinho só fica com a guria no final da novela e isso cansa, perde a graça” (Luna, 13 anos). “Acho que é sempre meio que a mesma coisa. É sempre um mocinho, aí tem uma que gosta do guri e ele tá com outra, aí ela tenta ficar destruindo o namoro, tenta ficar com ele... a história se repete demais” (Juliana, 13 anos).

Pode-se traçar um paralelo entre as repetições na história e a rotina dos adolescentes, como se um fosse uma metáfora do outro. Há um vínculo entre o que o seriado oferece, o adolescente e sua rotina, que é tão repetitiva quanto *Malhação*. Assim como o programa não inova seu roteiro, sempre exibindo histórias semelhantes, os adolescentes da “vida real” mantêm sempre a mesma rotina. Não importa a série

para a qual tenham passado na escola, os novos amigos que fizeram, os diferentes locais para “balada” inaugurados na cidade - a rotina permanecerá a mesma. “Ah! Se eles pudessem mudar, que mudassem a história, porque é sempre a mesma... Já enjoou!”, diz Luna, 13 anos, revelando certo sentimento de frustração em relação à *Malhação*, como reflexo de um sentimento de frustração em relação a sua rotina.

Apesar desse sentimento de “enjôo” mencionado pelos adolescentes, os jovens costumam retornar ao programa diariamente. Identificamos aqui uma tendência à homogeneização, defendida por Hall (2004), de que “o mundo se torne um lugar único, tanto do ponto de vista espacial e temporal quanto cultural” (pg. 03). *Malhação* não modifica seus argumentos, mas está sempre “atualizada” com o que acontece no universo adolescente, o que é moda para eles no momento, o que acontece nas escolas, com as famílias, nas baladas. Para os jovens gaúchos, é um contato com uma adolescência de hábitos e trejeitos cariocas, já padrão na televisão, que acaba sendo assimilada pelos jovens do resto do país. A estandardização, já legitimada culturalmente, é característica do seriado. O ato de voltar a ligar a televisão para assistir ao programa reflete um desejo de estar conectado com o mundo. Como diz Hall (2004), “tornou-se bastante acessível obter-se informação acerca de outros povos, outros mundos, outros modos de vida diferentes do nosso” (pg. 03).

As repetições em *Malhação* são alvos dos ataques do site *Xô Malhação* na internet. Autor e visitantes criticam o fato de os personagens do seriado realizarem sempre as mesmas atividades e debocham da falta de percepção dos espectadores em relação a isso. O site enumera os locais freqüentados pelos jovens: a escola, o clube e

o Gygabite. Quando muito, a república. Qualquer evento acontece no Gyga; todo programa para as horas de folga envolve um banho de piscina ou jogo de futebol no clube e reunião de turma sempre acontece na república. A falta de opções de atividades, se para os telespectadores é um problema, não o é para os personagens, que estão satisfeitos com a rotina que levam e com os locais que freqüentam, ao contrário dos jovens da vida real.

A inserção dos pais na trama é uma das novidades que *Malhação* trouxe em suas últimas temporadas. Inicialmente, os adolescentes gostaram da inclusão, que proporcionou verossimilhança ao programa.

Era tri legal, tinha o pai e a mãe da Nanda, a família do Gui... Antes tinha também a casa onde morava toda a família do Afonso, todo mundo junto. Era legal porque mostrava a casa deles, quando a Tati e o Rodrigo moraram juntos numa kitnete. Eu gostei quando os pais apareceram, porque antes parecia que eles (os jovens) não tinham ninguém, que eles moravam sozinhos, se viravam, não tinham que obedecer, sabe... Nem é assim, os adolescentes têm pai e mãe para respeitar... (Tainá, 17 anos)

Com o passar do tempo, os personagens mais velhos deixaram de ser tão bem vistos pelos adolescentes. Ainda que os jovens aceitem os demais personagens, apesar das repetições, o mesmo não ocorre com os personagens adultos da trama, mesmo que tenham alguma relação de parentesco com os jovens. Os professores, cuja característica mais marcante é a amizade com os alunos, são aceitos pelos telespectadores. “Como eu já terminei o colegial, meu sonho é ter um professor

igualzinho ao Afrânio aí na novela”, diz uma menina de 20 anos no site oficial do programa.

A mesma simpatia é dedicada ao amigão Vinícius, que por diversas temporadas foi o dono da casa de estudantes onde moram alguns alunos do Múltipla Escolha – chamada de República. Vinícius, pai de Nanda, sempre fez o estilo “pai amigão”, mantendo um bom relacionamento com a filha e com os amigos dela. O jeito garotão responsável levou Vinícius a se interessar pelas tarefas da casa e pela culinária, fazendo com que ele, após a separação da esposa e a mudança da filha para os Estados Unidos, montasse a república para acolher os estudantes de outras cidades. Fugindo aos padrões de pais tradicionais, o personagem agradou muito aos adolescentes. “O pai da Nanda era ‘massa’, era tri amigão, mas era meio pai, também, da turma da república. Ele que cuidava de todo mundo, era show”, diz Jaques, 17 anos.

Já os adultos que possuem relação de parentesco com os personagens “enjoam” rapidamente os jovens espectadores.

Eu não gosto quando aparece a Rita (mãe de Jaque e João) e o pai do João. Ah! O pai, eu acho ele muito machista, essas coisas. A clínica também, é sempre o mesmo hospital, sempre o pai do Bernardo que resolve e tal. Isso eu não gosto, nada a ver esses pais (Laila, 13 anos).

Aline, 14 anos, diz que não gosta da “parte dos pais” e acrescenta que o que mais lhe interessa em *Malhação* é a parte da República, porque lá “tudo é animado e divertido, mas não é bagunça”. Essa característica da casa dos estudantes foi uma

exigência de Vinícius, o “pai” que sempre agiu como amigo. A simpatia por Vinícius foi transferida para o espaço que ele criou, apesar de não haver a mesma identificação com a atual dona da república (que é avó de Betina).

Ana, 25 anos, acredita que houve uma mudança nos pais ao longo do tempo, o que não favoreceu a aparição deles nas histórias.

É que sempre tem uma história que tem a ver com os pais, senão eles não ficariam no programa. O pai do Gui tinha história de corrupção e ele estava sendo julgado; os pais da Nanda estavam em crise porque ela trabalhava e ele queria cuidar da casa e ela não gostava disso; o pai da Júlia foi que operou o pai do Pedro e cometeu o erro médico, aí influenciou no namoro dos dois e o pai da Luíza foi acusado de não socorrer o pai do Vitor, que morreu num acidente. Aí depois virou, os pais não tinham mais a ver com a história dos filhos, cada um tem uma história própria agora e é chato, porque é diferente da realidade da maioria dos adolescentes. Por exemplo, o meu pai até poderia ser como o pai da Jaque, mas a maioria dos pais não é assim, aí todo mundo acha que não tem nada a ver. E o pai do Bernardo é todo certinho, bem parecido com ele, sempre o herói. Nada a ver também, até parece que uma pessoa só resolve tudo sempre.

Essa característica dos pais também é alvo das críticas do site *Xô Malhação*. Um trecho retirado de lá diz que

Se você tem problemas de:

- A) Aborto espontâneo
- B) Toma anabolizantes
- C) Foi atropelado e pode perder seus movimentos
- D) Seu filho sofre de problemas do coração a anos, mas você quer chegar, ser atendido e, em poucos minutos de exames, já operar ele, sem sequer falar com o médico que o tratava antes...

Então o seu lugar é na Super Clínica do Doutor Miguel! Sim, eu disse clínica, não falei instituto nem hospital, disse clínica! Ah, e sei lá qual o problema que você tem, mas seja o que for, será sempre o mesmo que o atenderá, o nada especializado e bem genérico doutor Miguel.

A mãe de um adolescente de 16 anos, que já ouviu seu filho fazendo comentários parecidos sobre os pais que aparecem no programa, acredita que a distância da realidade – e as próprias características da adolescência – são responsáveis por essa reação.

Eles estão descobrindo que os pais não são heróis, não são perfeitos e sabe como é, adolescentes, eles estão revoltados com várias coisas, aí aparece um pai que faz tudo certo... Eles não acreditam, né? E ficam brabos com isso e eu acho que até um pouco frustrados, porque queriam que os pais fossem assim, eu tenho certeza. É aquela fase da desilusão com os pais...

Malhação é, na verdade, um encontro virtual com um grupo, ocasião em que o jovem não deseja ter os pais por perto. A presença de pais no seriado provoca sentimentos dúbios e ambíguos no adolescente, que visualiza uma realidade mais próxima a sua – já que, tendo pais, os personagens também são obrigados a obedecer e a seguir regras – mas também apresenta pais estereotipados, ora agindo excessivamente como heróis, ora como anti-heróis.

7.5.7 Pedagogia em *Malhação*

“Eles ensinam”
(Juliana, 13 anos)

O seriado global apresenta também uma característica comum à maioria das produções e veículos dirigidos aos jovens: uma pretensa intenção pedagógica, demonstrada pela “preocupação” com a formação do jovem telespectador. A abordagem de temas do “universo adolescente” vem sempre recheada de ensinamentos e orientações e, por trás de cada história - ou de cada personagem – há sempre uma “moral”, uma lição que deve ser aprendida. Os adolescentes identificam facilmente esse aspecto de *Malhação*; Luís, 15 anos, diz que entendeu a mensagem passada pelo programa, quando o personagem Kiko decidiu tomar anabolizantes: “a *Malhação* traz informações úteis para o adolescente. Não usar bomba. É uma novela que ajuda os adolescentes a evoluírem na vida, trabalhar.”

Letícia e Aline, ambas de 14 anos, dizem que, devido à gravidez de Jaque, entenderam o porquê de tanta insistência com relação ao uso de anticoncepcionais. “Dá para aprender essas questões de vida, né? Tipo, eu vi como é horrível ter um filho na adolescência...” (Letícia). “A gravidez foi legal. Acho que trouxe um aprendizado. Eles dão informações e esclarecem dúvidas para os adolescentes que estão assistindo. Uma vez fizeram uma campanha de camisinha. O legal é que informam as pessoas” (Aline).

Pablo, 12 anos, visualiza um ensinamento mais amplo por trás das histórias vividas pelos personagens: “eu não gosto de ver os assuntos, eu gosto de ver os jeitos deles. Eles ensinam a não desistir. Tu pensa que tu também pode, que as coisas também podem dar certo para ti.”

É importante destacar o uso da terceira pessoa, pelos adolescentes, ao se referirem ao seriado. São “eles” que ensinam, “eles” que dão as dicas, “eles” que falam, fazem ou mostram. *Malhação* é um espaço onde os jovens encontram informações, buscam ensinamentos. Assim como muitas revistas dirigidas aos jovens ocupam um lugar de especialistas, que lhes conferem uma autoridade para falar sobre determinados assuntos (Menegaz, 2000), *Malhação* fala por meio de seus personagens, que são quem ocupa o lugar de conhecedor, aqueles que detêm a informação.

“Eles”, os personagens, estão sempre envolvidos em situações que levam a uma “moral da história”, principalmente quando envolve o vilão da temporada. Mesmo que o personagem “se dê bem” no decorrer da trama, suas maldades serão punidas no final, como deve sempre acontecer com o bandido. “Eles se metem em muitas encrencas e sempre se dão mal, todo ano tem um que se dá mal, no ano passado foi o Catraca. Tem como aprender então”, diz Pablo, 12 anos.

Ao falar sobre essa característica, Luna, 13 anos, diz que o aprendizado também pode ser negativo.

É que estão colocando muita maldade na novela, por isso eu às vezes desanimo e não vejo, porque eles estão mostrando uma realidade parece que para influenciar as pessoas. (...) Lição de vida? Ah... Acho que não ser influenciada pelos outros.

Fischer (2000) descreve uma discussão com um grupo de estudantes de comunicação a respeito de *Malhação*. Conversando sobre um dos episódios, em que uma personagem pedia licença ao pai para ter sua primeira relação sexual, os estudantes comentam que “criar uma cena como essa em *Malhação* é para a Globo dar uma de ‘boa moça’, para as mães não pegarem no pé e ficarem dizendo que o filho está vendo porcarias. Mas é uma enganação” (pg. 52). Os estudantes questionam a validade deste aprendizado.

Colocam um pai falando com a filha (dizendo) que é uma responsabilidade enorme (transar), que não sei o quê... A pessoa, assim, o jovem fica pressionado. Se ela levava aquilo naturalmente, mesmo que não comentasse com os pais (...), aí, vendo aquilo, fica (pensando): 'bah, mas eu tenho que falar com o meu pai!' Tipo: ele deve saber (pg. 52).

A tentativa de "dar uma de boa moça" é percebida também nas inserções de sala de aula que ocorrem em *Malhação*. Em todos os episódios, em ao menos um bloco, há cenas da turma em sala de aula, assistindo a aulas de matemática, ciências, física, língua estrangeira, geografia ou português. O conteúdo dessas aulas é sempre real - os diálogos dos professores para com seus alunos contêm informações retiradas de livros didáticos. No geral, o professor dá uma informação, faz uma pergunta e um aluno responde (corretamente), passando uma informação "útil" ao telespectador em formato 'drops'. Luna, 13 anos, acha as dicas dos "professores" interessantes. "Eu acho que, da parte do estudo, quando dão aula, os professores, algumas coisas eu anoto. É que eu já vi na *Malhação* coisas que a gente tava vendo na aula", explica ela.

Malhação é também uma fonte de orientação em questões de comportamento para muitos adolescentes. Substituindo as seções de comportamento, características tradicionais das revistas femininas, ou as famosas colunas "Certo & Errado", "Pergunte ao Dr. X", entre outras, o seriado, por meio dos personagens, representa situações ou experiências que podem vir a ser vivenciadas pelos jovens. Quando Gustavo descobriu que estava com diabetes, sua namorada, Letícia, buscou todas as informações possíveis sobre a doença, para orientá-lo e ajudá-lo no tratamento. Didaticamente, Letícia explicou ao namorado, ainda no hospital, qual era a causa da diabetes, como ela se manifestava nos jovens, quais os sintomas, implicações e formas de tratamento. No desenrolar dos episódios, as atitudes de Gustavo e a forma de agir de Letícia foram mostrando o desenvolvimento da doença e como seria a vida do jovem dali em diante. Esse exemplo vai ao encontro do comentário de Juliana, 13 anos.

Às vezes, o jeito que as pessoas se resolvem... Tipo, aconteceu uma coisa e eu não sei como fazer, aí acontece algo parecido na *Malhação*... Olha essa coisa de gravidez. Isso eu acho legal, porque eles não foram responsáveis e agora o Bernardo, não gostando da Jaque, vai ter que ficar com ela. Agora as pessoas não vão esquecer da camisinha.

Graziela, 14 anos, concorda.

A questão das drogas, dos anabolizantes... Achei que isso chama a atenção, eu já vi resultado disso, já vi que o Kiko ficou todo mal. Já vi que teve resultados. Eles abordam essas coisas, tipo gravidez, e eu acho que faz bastante diferença, porque é um público bastante grande que vê e isso influencia.

O tema gravidez na adolescência é sempre mencionado pelos adolescentes – principalmente pelas meninas – para ilustrar o caráter pedagógico de *Malhação*. A gravidez indesejada é, para elas, a mais grave consequência de uma relação sexual desprotegida e está diretamente relacionada ao “medo” do sexo. Identifica-se aí a já mencionada função “estímulo / controle” observada na mídia.

O da camisinha achei que foi importante, porque mesmo ele não namorando a Jaque, ele teve que ter responsabilidade com ela. Eu acho importante. Aqui no colégio não tem, mas têm muitas adolescentes que estão grávidas com 14, 15 anos. Eu acho que dá para aprender. Tipo, ela se deu mal, perdeu o bebê, né? E aposto que, se uma adolescente ficasse grávida, ela não iria querer perder o bebê, só que atrapalha nos estudos (Luíza, 15 anos).

Uma das intenções do seriado é ser uma janela para que os pais possam entender melhor o comportamento adolescente e os temas que estão na pauta do dia entre os jovens. Esta função – servir de apoio para conversas entre pais e filhos – estava entre os objetivos da emissora quando o programa foi reformulado. O portal Veja OnLine, em matéria publicada em dezembro de 2005, relaciona a reformulação de *Malhação* a uma preocupação pedagógica. De acordo com a matéria,

as opções voltadas ao público adolescente sempre foram muito escassas no cardápio das grandes redes. Uma pesquisa recente mostrou que, dos dez programas preferidos pelos jovens entre 12 e 17 anos, apenas *Malhação* e *Altas Horas* se dirigem a eles. Se esse segmento ainda hoje dispõe de tão poucas alternativas, até alguns anos atrás esse quadro era de desolação total. Em seus primeiros anos, a própria *Malhação* desperdiçava a chance de explorar esse vasto potencial e fazia jus ao apelido pejorativo de ‘novelinha adolescente’. Voltado à geração saúde, tinha como cenário uma academia de ginástica e a profundidade da trama

não ia além de discussões sobre boa forma. (...) Por meio de pesquisas de audiência, percebeu que o problema do programa era suas deficiências de foco. Os jovens representavam apenas 19% do público do horário. Os espectadores se compunham, em sua maioria, de adultos – entre os quais, evidentemente, muitos com filhos adolescentes. A partir dessa constatação, a ordem foi reformular o programa de alto a baixo. Além de ser atraente para os jovens, *Malhação* deveria ser também um canal para os pais se informarem sobre o universo de seus rebentos.

O papel da mídia como educadora, observado nos mais diferentes veículos, se faz presente também em *Malhação*. A televisão assumiu uma autoridade antes conferida a médicos, educadores e especialistas para falar sobre os mais variados assuntos. Dessa forma, as “lições” de *Malhação* podem ser assimiladas e passadas adiante com a segurança de se estar disseminando dados corretos, válidos e seguros, transmitidos por “alguém” que sabe o que está falando. Deise, 27 anos, lembra de uma conversa com os pais logo após um episódio de *Malhação*:

a gente estava na praia, eles viram a *Malhação* comigo e com duas amigas. A gente não gostava que eles vissem com a gente, a gente ficava com vergonha, mas quando as gurias estavam lá era mais fácil. Eu tinha tido um namorado que eu tinha transado. A minha mãe sabia, mas eu acho que o meu pai não. Eu não quis contar e não sei se a minha mãe tinha contado pra ele. Aí apareceu a Bia, que tinha voltado grávida de Paris, e foi uma surpresa na história, eu lembro, eu e as gurias nem acreditamos. Aí meu pai começou a falar que aquilo era muito comum, que se a gente transava tinha que ser responsável e tal... Papo de pai, sabe? Ele nunca falava comigo assim e pareceu que ele ficou mais tranqüilo porque pegou um gancho para falar. Eu gostei do papo, mas fiquei com vergonha. Só que era engraçado, porque depois ele não falou mais, só quando viu na tevê.

A mídia é tida pelos pais como fonte de informação e orientação para este tipo de conversa, como explica a mãe de um adolescente de 15 anos e uma menina de 18, que tem nos programas e veículos dirigidos aos adolescentes uma espécie de “material didático”.

A gente se sente mais seguro, tendo onde buscar ajuda, né? É muito difícil conversar com os filhos ainda sobre esses assuntos de adolescentes e não sei, mas eles estão também mais fechados, porque eles já têm muita informação da televisão, não é? Eles aprendem tudo lá, não vêm conversar com pai e mãe para perguntar as coisas. E a gente não sabe como chegar neles, como falar. Eu acho que os programas ajudam muito, até essas revistas ajudam, porque aí a gente vê o que eles estão vendo, o que estão sabendo e se guia por isso. Muitas vezes a gente aprende até como chegar neles, como... como abordar o assunto mesmo.

Os temas adolescentes são tratados à exaustão pelo programa, sempre com um foco em conscientização e formação dos jovens e na orientação dos pais para a educação dos filhos. Os “ensinamentos” vêm sempre acompanhados de uma moral: por exemplo, a menina transou sem proteção e engravidou sem querer. Foi irresponsável e agora deve assumir as conseqüências. Moral da história: use camisinha. Um adolescente deseja ter um corpo musculoso para tornar-se modelo e conquistar as garotas (que valorizam este tipo físico) e, para isso, lança mão de anabolizantes, o que o faz passar mal a ponto de parar no hospital. Moral da história: sinta-se bem com seu corpo, independente de como ele seja, não importando o tipo físico divulgado e imposto pela mídia e preferido pelo outro do sexo oposto. A moral da história busca, muitas vezes, fazer o jovem sentir-se bem com a sua individualidade, ao mesmo tempo em que incentiva a busca por um padrão imposto por ela.

Dentre todos os aspectos pedagógicos destacados pelos adolescentes com relação ao seriado, um deles é bastante mencionado pelos jovens mais velhos – com idades entre 16 e 17 anos – mais próximos do momento de prestar vestibular e fazer sua escolha profissional: o trabalho. A preocupação com o futuro está diretamente relacionada ao âmbito profissional, que envolve a opção por uma profissão, o ingresso na faculdade e a procura por emprego, que envolve também a independência (ao menos financeira) em relação aos pais.

Temas ligados à identidade profissional, crucial, na atualidade, são bastante requisitados pelos adolescentes. Em 2000, quando entrevistadas sobre a revista *Capricho*, as adolescentes mencionaram a questão trabalho / vestibular / futuro constantemente em suas narrativas, queixando-se da ausência de discussões sobre o assunto e da falta de profundidade na abordagem dos mesmos, como podemos observar na fala de duas das entrevistadas: “a revista podia falar mais sobre a questão do vestibular tão cedo, como fica a cabeça das pessoas com 16, 17 anos, ter que escolher o que vai fazer para o resto da vida” (Helen, 16 anos, in Menegaz, 2000). “Eles podiam falar um pouco mais da parte de profissões. Eu, por exemplo, que estou no terceiro ano e vou fazer vestibular, seria interessante sair coisas mais de trabalho, profissões. Isso faz falta” (Nina, 16 anos, in Menegaz, 2000).

A centralidade que o trabalho vem adquirindo na vida dos adolescentes contemporâneos foi percebida pela revista *Veja*. Em sua edição especial sobre os

jovens - intitulada *Veja Jovens*²⁵ – a revista traça um panorama da juventude atual, abordando diversos aspectos do universo adolescente, e traz em sua capa a seguinte afirmação: “ser um jovem brasileiro é: sonhar com um bom trabalho, morar com os pais, acreditar em Deus, viver on-line, querer mudar o país”.

Os adolescentes contemplados nessa edição especial são exatamente meninos e meninas entre 12 e 17 anos, principalmente de classe média e classe média alta de todo o Brasil. Ao colocar a preocupação com “um bom trabalho” em primeiro lugar nessa “lista” de definição dos jovens brasileiros, *Veja* legitima a dimensão que o trabalho vem adquirindo na vida dos adolescentes contemporâneos.

De acordo com a revista, a preocupação dos jovens desta década não é mais somente tirar boas notas na escola, namorar, sair com os amigos, ouvir músicas, ir a festas, navegar pela Internet. Logo ao entrar na adolescência, meninos e meninas passam a conviver com a questão “o que você vai ser quando crescer?”. A pergunta que os acompanha desde a infância – em tom de brincadeira ou até de curiosidade da família - vira cobrança e a decisão, antes tão distante, se torna iminente. A proximidade do vestibular transforma escolha em pressão (tanto dos “outros” quanto de si mesmo) e não é raro ouvir dos adolescentes frases como “vou prestar vestibular para administração porque não sei o que escolher” ou “marquei esse curso por que é mais fácil de passar, depois eu me transfiro para outro que eu goste mais”²⁶. A obrigação de decidir, aos 16 ou 17 anos, o que vai ser para o resto da vida assusta o jovem e dificulta

²⁵ *Veja Jovens* – Edição Especial nº 32, ano 37 (*Veja* 1859), Junho de 2004.

²⁶ Frases adaptadas de comentários feitos por adolescentes entrevistados pela revista *Veja Jovens*.

a escolha, como podemos observar na fala de Helen, ao comentar a ausência do assunto trabalho na revista *Capricho*. Decisões erradas são uma constante na vida desses jovens e são inúmeros os casos de desistência da faculdade e pedidos de transferência para cursos tão diferentes quanto possíveis (de publicidade para engenharia, por exemplo).

Não raras têm sido as discussões, nos programas *teens*, sobre a proximidade do vestibular e a necessidade de decidir, tão cedo, que curso universitário freqüentar com a aprovação no exame; a necessidade de trabalhar cedo, seja para ajudar a pagar uma faculdade ou para conquistar certa independência financeira dos pais, também é um aspecto que vem sendo pautado pela mídia adolescente, assim como o empreendedorismo dos jovens contemporâneos. “Eles falam mais de trabalho agora. Vestibular também... Todos os personagens ‘mais velhos’ fazem vestibular, passam... Eles só não mostram ‘os caras’ na faculdade, mas mostram eles trabalhando para pagar. Eu tô gostando mais agora” (Jaques, 17 anos). Para Ana, 25 anos, pode-se dizer que *Malhação* está começando a ver os adolescentes com outros interesses, que não apenas sexo, namoro e diversão. Para ela, uma dose de responsabilidade vem fazendo parte da imagem juvenil que está sendo disseminada pelo seriado.

É mais nos mocinhos, né, mas eu acho que eles tem sim mostrado os adolescentes um pouco menos alienados. Tem essas coisas de trabalho voluntário e de cuidados... E eles estão mostrando os jovens trabalhando ou falando em vestibular. Tá, eles ainda não mostram isso nas cenas, mas estão começando a falar, o que já ajuda.

Desde que mudou, oficialmente, seu cenário original (de academia de ginástica para escola), o tema “trabalho” ou “futuro” passou a ser inserido nas temáticas trabalhadas em cada temporada. Pelo menos um personagem tem entre seus conflitos a preocupação com o vestibular e o futuro; outro precisa trabalhar para se sustentar por necessidade ou para conquistar independência financeira dos pais; e outros ainda discutem o assunto, mesmo que em menor intensidade, nas “conversas entre amigos” propostas pelos autores em determinados capítulos. A mudança de cenário possibilitou que essas discussões fossem inseridas na pauta do seriado com mais legitimidade. A inserção dos personagens em uma escola aproximou os adolescentes da temática “estudos”, pouco abordada na academia, e permitiu que o vestibular fizesse parte dos conflitos vivenciados pelos personagens. Para os espectadores de *Malhação*, o tema futuro desperta interesse, ainda que as abordagens não sofram grandes modificações em temporadas diferentes.

Eu gosto desses assuntos, porque eu vou fazer vestibular e gosto de ver quando os programas que eu gosto de assistir falam sobre coisas que eu tô passando. Só que eu faço cursinho e eles não mostram ninguém fazendo cursinho, todo mundo sai da escola e passa ou estuda por conta própria... (Tainá, 17 anos).

O conteúdo e o formato da discussão, no entanto, são questionados pelos jovens.

É importante se falar sobre vestibular, mas é que nunca tem nada diferente, sabe? Sempre aquela coisa de que tem que estudar para passar, para ser alguém na vida por causa da faculdade. Mas nunca tem nada de diferente, eles se preocupam sempre com as mesmas coisas. Podia ter novidades, mostrar quem não passa e tem que estudar de novo, ou quem desiste do vestibular

porque rodou, ou pais que pressionam 'pro' filho passar ou que ficam brabos se ele não passa, essas coisas" (Letícia, 14 anos).

"Às vezes eu acho que eles podiam mostrar outras opções que os jovens têm quando terminam o colégio. Vestibular é legal, mas tem amigos meus que foram fazer intercâmbio, estudar no exterior. Eles só mostram isso na Malhação quando um personagem não vai mais aparecer no programa, aí eles mandam o 'cara' pro exterior, às vezes a namorada... Mas podiam mostrar alguém lá, alguém trabalhando de garçom lá, limpando banheiro, ou então alguém contando como ir para o exterior... Podia até ter um cara que se deu bem numa viagem e outro que não (Jaques, 17 anos).

Entre as opções que o jovem possui ao terminar a escola, às quais Jaques se refere em sua fala, *Malhação* destaca o trabalho propriamente dito, ou seja: o jovem desempenhando atividades que lhe rendam alguma remuneração, independente dos motivos que o levaram a tal atitude. O personagem Cabeção, por exemplo, foi protagonista de uma das "opções" sugeridas. Indeciso quanto ao curso superior que gostaria de seguir, Cabeção decidiu não prestar vestibular logo que terminou a escola, para poder pensar um pouco mais antes de fazer sua escolha. Enquanto "pensava", começou a trabalhar como garçom no Giga. Com o tempo, Cabeção foi conquistando a confiança da dona do local e acabou se tornando gerente do Giga. A escolha do curso superior nunca foi feita e o personagem, hoje, possui outras ambições, que não incluem, pelo menos por enquanto, uma faculdade. Jaques, 17 anos, entende a posição de Cabeção e acredita que muitos jovens, na vida real, passam pela mesma situação do personagem.

O cara não passa no vestibular e não sabe o que fazer. Aí vai trabalhar, se dá bem, ganha dinheiro, acaba achando que não

precisa estudar mesmo. Uns fazem isso por ‘vagabundagem’, preguiça, mas têm outros que acham que dá para seguir esse caminho e vão atrás. O Cabeção é assim, eu acho, ele quer se dar bem, não é porque não quer nada com nada que ele não estuda... Ele tá crescendo e viu que tem chances boas de se dar bem e tá buscando isso. Muita gente passa por isso, eu acho. Pode ser um caminho errado, porque pode não dar certo, o cara pode se dar mal, mas é normal que as pessoas queiram tentar.

Na atual temporada, a opção pelo trabalho é discutida através da personagem Vivi. A ‘patricinha’ da escola é a filha mais velha de uma família rica, acostumada a fazer compras caras com o cartão de crédito do pai. Apesar do estilo “paty”, como dizem os adolescentes, Vivi é uma menina decidida, sem preconceitos, que frequenta qualquer tipo de ambiente e que se relaciona bem com todos os colegas. Quando o limite do cartão de crédito paterno é estourado pela enésima vez, o pai resolve cortar o cartão da filha e reduz a mesada da menina. Disposta a não ficar sem dinheiro, a personagem decide trabalhar e acaba pedindo emprego a um mecânico negro, cuja oficina funciona em um trailer próximo a escola. Inicialmente, Vivi irrita o empregador com suas perguntas e com a vontade de mostrar que é capaz, mas com o tempo, o mecânico é obrigado a admitir que a menina realiza um bom trabalho e permite que ela continue trabalhando na oficina. O sucesso da patricinha como auxiliar de mecânico agradou ao público de *Malhação* e gerou uma identificação entre o conflito vivido pela personagem e a vida real, guardadas as devidas proporções.

Agora tem a Vivi trabalhando. É engraçado, ela usa um macacão rosa com o nome dela bordado, que ela mandou fazer. É uma bobagem, mas quer mostrar que se uma guria rica pode trabalhar para ganhar dinheiro, a gente também pode. Incentiva a gente a procurar trabalho. Eu também quero trabalhar, quero trabalhar em uma loja no shopping e eu acho importante que se mostre que isso não é uma coisa impossível. A Vivi não parou de estudar, eu

acho que dá para estudar de manhã e trabalhar de tarde, como ela faz. Não quero ser mecânica, isso eu acho que não acontece, uma menina rica virar mecânica, mas é TV, né? Se ela trabalhasse num shopping, seria como eu quero fazer (Tainá, 17 anos).

Para os adolescentes, a inclusão desses temas na pauta trabalhada confere ao programa certo “seriedade”.

Eu acho importante quando eles falam de coisas diferentes, quando eles mostram jovens fazendo trabalho social, essas coisas. Eu penso que eu também posso fazer isso. Incentiva a gente a fazer também. Senão ficam sempre as mesmas coisas, namorados, amigas brigando, problemas. Fica bobo e essas coisas não são tão bobas (Letícia, 14 anos).

Trabalho é um valor para os adolescentes contemporâneos – um valor já em circulação nas mídias dirigidas a eles, dentre outros que são importantes para os jovens de hoje. É importante conhecer estes valores para entender de que forma os adolescentes estão construindo sua identidade com a interferência da mídia.

7.5.8 Os valores adolescentes em *Malhação*

“Ela está fazendo isso com a melhor amiga dela e eu acho errado”
(Graziela, 14 anos)

A partir das narrativas adolescentes, foi possível identificar sete valores predominantemente importantes para esses jovens e que são disseminados por

Malhação. São eles: amizade, família, justiça, trabalho, saúde, beleza e responsabilidade.

Amizade é o valor mais comum a todos e está relacionada à confiança e cuidado com o próximo. Ao falar sobre amizade, os adolescentes sempre utilizam as disputas amorosas de *Malhação* – que normalmente envolvem dois (ou duas) amigos (as) – para explicar o que não acham certo em uma relação de amizade e dizer o que esperam de seus amigos. Os jovens desejam que seus amigos sejam sinceros e esperam poder confiar neles acima de tudo. “Esse negócio das pessoas armarem. Eu fico com raiva disso. (...) Eu acho que acontece isso entre amigos, não com muita frequência, mas acho que acontece” (Letícia, 14 anos).

As “armações” de *Malhação* estimulam um sentimento de desconfiança entre os adolescentes. Apesar de mostrar relações sólidas e verdadeiras entre os personagens coadjuvantes, o programa invariavelmente mostra, entre os personagens principais, amizades “falsas” (nas palavras dos jovens), em que um suposto melhor amigo “arma” para o outro, normalmente visando separá-lo da garota ou garoto por quem é apaixonado. Em geral, as “amizades falsas” envolvem duas meninas.

Essas briguinhas são mais comuns entre as meninas mesmo. Eu acho que as mulheres podem ser mais falsas, se quiserem, mas acontece com os guris também, só que na *Malhação* eles só mostram as gurias armando contra as melhores amigas, aí parece que só a gente é que não é sincera com os amigos. É uma enganação isso, né, fica incentivando isso, essas idéias que as pessoas já têm das mulheres (Ana, 25 anos).

Duas melhores amigas não são bem melhores amigas assim (falando sobre a temporada atual). O que me chama bem a atenção é que, pelo menos no meu caso, minha melhor amiga não faria isso comigo. Tem bastante coisa, tipo disputa por algum guri, fazer joguinho, às vezes briga com as amigas por causa disso. Já vi acontecer. Na *Malhação* é bastante (Graziela, 14 anos).

É uma prática, em *Malhação*, a supervalorização dos relacionamentos amorosos, capazes de abalar mesmo as amizades mais sólidas – normalmente, entre as meninas. Há uma tendência, entre os próprios adolescentes, de acreditar que o sexo feminino é mais fútil e volúvel, com menos escrúpulos quando é necessário brigar para conseguir o que se quer. Normalmente, as armações em *Malhação* iniciam com as mulheres; os vilões do sexo masculino participam dos planos incentivados por elas.

Esta é uma tendência não só de *Malhação*, mas das produções televisivas de modo geral, dos livros de ficção e até dos contos de fadas mais conhecidos. Não podemos esquecer da madrasta de Cinderela, que a apelidou de gata borralheira e a fez empregada da casa que pertencia ao pai da menina; da rainha vaidosa, que fingiu-se de bruxa e entregou uma maçã envenenada a Branca de Neve, para que a menina morresse e ela voltasse, então, a ser a mulher mais bela do reino. Outro exemplo é a rainha má, de *A Bela Adormecida*, que fez a jovem Rosa picar o dedo no fuso de uma roca e adormecer, como uma vingança por não ter sido convidada para a festa que comemorou o nascimento e o batizado da princesa. Pode-se observar que, já nos contos de fadas, os motivos que levavam as vilãs a cometer seus crimes envolviam temas que são, hoje, valores para os adolescentes (beleza, por exemplo). Já nas novelas, os mais famosos vilões dos folhetins são mulheres – normalmente, são

também as mulheres as vilãs mais ousadas. Fazem parte desta lista Odete Roitmann²⁷, que desprezava a filha alcoólatra e não media atitudes para atingir seus objetivos (foi morta, acidentalmente, por ciúmes); Maria de Fátima, da mesma novela, que desprezava a mãe e negava seu passado pobre por um desejo de tornar-se rica²⁸; Raquel²⁹, irmã gêmea da doce Rutinha; Branca Letícia³⁰, que tinha preferência por um dos filhos e desprezava os demais, não escondendo isso de ninguém; a ambiciosa Cristina³¹, que, desprezada pelo primo por quem era apaixonada, torturou-o fisicamente como vingança; entre muitas outras.

Nos livros, as tramas mais ousadas também envolvem mulheres – nas ficções de Sidnei Sheldon, as mulheres costumam ser vilãs e heroínas de suas histórias; bem como nos livros de Agatha Christie, que tem na mente feminina os planos de assassinatos mais cruéis de suas tramas. Os motivos, invariavelmente, os mesmos: ciúmes e dinheiro.

Sinceridade é muito importante para os adolescentes em uma relação de amizade.

Eu acho que tem que estar ligado nas coisas que estão acontecendo, que está rolando. Olha só, o Bernardo e o Urubu estão sempre se' inticando', mas o Urubu não demonstra para as pessoas que não gosta do Bernardo, né? Porque depois ficam

²⁷ Personagem de Beatriz Segal na novela Vale Tudo, da Rede Globo, exibida no final da década de 80.

²⁸ Personagem de Glória Pires na novela Vale Tudo, da Rede Globo, exibida no final da década de 80.

²⁹ Também personagem de Glória Pires na novela Mulheres de Areia, da Rede Globo, exibida no início da década de 90.

³⁰ Personagem de Suzana Vieira na novela Por Amor, da Rede Globo, exibida no final da década de 90.

³¹ Personagem de Flávia Alessandra na novela Alma Gêmea, da Rede Globo, atualmente no ar (2005).

culpando, o Urubu fez tal coisa porque não gosta do Bernardo, o Bernardo fez tal coisa porque não gosta do Urubu (Laila, 13 anos).

Não gosto da Jaque. Por tudo... Ela não sabe da história direito e está se vingando da melhor amiga por influência. Ela não sabe bem o que aconteceu, do porquê da Betina ter ficado com o guri e está sendo influenciada! Primeiro a gente tem que saber o que aconteceu, é a melhor amiga, né?" (Luna, 13 anos).

Eu me identifiquei com a Luísa, porque ela era sincera e gostava das coisas certinhas. Agora eu não gosto da Jaque porque ela está fazendo essas coisas com a melhor amiga dela e eu acho isso errado (Graziela, 14 anos) .

Malhação incentiva nos adolescentes a amizade enquanto valor, por disseminar um sentimento de desconfiança entre os amigos. Não há um reforço do quanto uma amizade pode ser importante, mas um estímulo ao medo da traição. Ao falar dos amigos, os jovens explicam que gostam mais daqueles que jamais o enganarão, como se percebeu na narrativa de Graziela (acima). Há uma valorização da amizade, na medida em que se acredita que, hoje, está cada vez mais difícil encontrar amigos sinceros e em quem realmente se possa confiar.

Outro valor adolescente – a família – foi introduzido em *Malhação* quando o programa modificou seu formato. Os pais passaram a fazer parte da trama, que começou a explorar o relacionamento entre pais e filhos e o papel que a família desempenha na adolescência. Muitos relacionamentos amorosos entre os protagonistas tiveram a família como um de seus principais conflitos – Pedro e Júlia, Luíza e Vitor, por exemplo, protagonistas de duas temporadas consecutivas, foram impedidos por seus pais de ficarem juntos, devido a rivalidades e divergências entre as

duas famílias. Divididos entre o amor e o respeito pela família, os jovens sofriam com a separação, esforçando-se por acreditar que os pais estavam certos e eles, errados em amar quem não deviam. Em *Malhação*, a família tem papel decisivo nas escolhas dos jovens; as vontades de pais e mães são sempre impostas aos jovens, que normalmente aceitam as ordens dos pais. Quando Érica e Touro decidiram se casar, o pai do rapaz não aceitou que o filho se unisse a uma jovem portadora do vírus HIV e se opôs ao casamento; Érica decidiu que não se casaria com Touro, enquanto o pai dele não aceitasse a união dos dois.

Os diversos tipos de família e os conflitos que podem ser gerados a partir disso estão em pauta em *Malhação*. Famílias reconstituídas, pais que criam sozinhos os filhos, pai dono de casa e mãe profissional, famílias nucleares, entre outras, são abordadas pelo programa em suas temporadas, relacionando o que é mostrado na televisão com a realidade do jovem contemporâneo. Os jovens valorizam a família, principalmente pela distância que há entre pais e filhos na contemporaneidade, e acreditam que é preciso respeitá-los e ouvi-los, mas não aceitam imposições que interfiram com a sua vontade, como abandonar um namorado ou namorada porque os pais não aprovam o namoro, a menos que haja um motivo forte para isso. No entanto, ver a família em *Malhação* é importante para o adolescente.

Respeito aos pais, assim... Eu lembro que, no início, teve a história do Cabeção e da família dele, que eles se separaram... Ele fazia tudo que os pais pediam, ele não era de fugir das regras, mesmo que ele desse umas escapas, ele nunca faltou respeito com os pais e eu acho que teve uma vez que discutiram, que nem agora, a Jaque e a mãe dela são super amigas, as duas são muito amigas, confidentes uma da outra, apesar da Jaque não estar

sendo um exemplo de filha, mas elas são bem amigas e eu me identifico bastante com a minha mãe (Graziela, 14 anos).

A família é importante, né? Eu ficava preocupada de ver que os meus filhos ficam sozinhos em casa, mas agora eu já me acostumei, eles também se acostumaram e cresceram assim, tendo os pais sempre fora. Quero acompanhar meus filhos e eu quero que eles também queiram que a gente esteja por perto, mas me preocupa estar ausente às vezes. Por isso eu acho que é importante, sim, a família estar presente nos programas. É importante a gente orientar os filhos e que eles nos procurem quando precisarem de ajuda, quando quiserem conversar. Também procuro ser amiga e saber do que acontece na vida deles (Mãe de adolescente).

Relacionado à amizade e família, está o sentimento de justiça, outro valor adolescente. Os jovens valorizam o “ser justo”, que para eles, está ligado à honestidade. Eles exigem honestidade em suas relações e, quando algo é considerado injusto ou desonesto, é repudiado por eles. Em *Malhação*, as injustiças são sempre descobertas e quem é desonesto, invariavelmente, é punido. Quando estas situações se configuram, a turma se une para “desmascarar” a injustiça, salvar o injustiçado e descobrir o verdadeiro responsável pelo acontecimento em questão. Em *Malhação*, não é permitido que os amigos sofram com injustiças e os desonestos são excluídos do grupo.

Ah, isso era muito irritante. Dá alguma coisa errada, todo mundo se une para descobrir o que aconteceu e sempre descobrem, salvam a pátria e fica todo mundo bem. São os heróis da história e sempre quem acerta são os bonzinhos, né? Sempre! Aí se dá uma lição de moral em quem fez bobagem, e aí ele muda, vira do bem e fica todo mundo amigo. Ou então ele era preso ou viajava e ia embora e ninguém mais gostava dele. É assim, isso é irritante. Justiça é importante, mas acontece tanta injustiça na vida que ninguém descobre nem resolve... (Ana, 25 anos).

A gente tá cansado de saber que tem que ser justo, que inocente é inocente e tal, mas empurram isso na gente goela abaixo toda hora. Só tem injustiça na *Malhação*, nem pensam em outra coisa. Eu já entendi que tenho que ser honesto (Jaques, 17 anos).

Ao mencionar honestidade em *Malhação*, os jovens entrevistados fazem referência às armações entre os colegas, as traições de amigos, à prática de cometer um erro e jogar a culpa em outra pessoa. Apesar de cansados desse tipo de abordagem, os adolescentes entendem que é necessário dar um final justo aos personagens, uma vez que o tema vem sendo frequentemente tratado pelo programa. A punição do personagem Catraca é um exemplo bastante citado por eles.

O Catraca maltratou um monte de gente, cometeu um crime no lance do trote, tinha que ser preso mesmo. Tava ficando demais deixar a culpa cair no colo do outro, só porque ele era mais fraco e mais pobre, não podia ter um advogado bom. Foi bom ele ser preso, porque acabou as injustiças e também mostrou que esse lance de trote é viagem. Show que foi a Natasha quem entregou ele, ela mudou e foi honesta, isso eu achei legal (Jaques, 17 anos).

Honestidade e justiça também são aspectos estendidos à família. Na temporada de 2001, o pai de Gui se envolveu em um escândalo na empresa de planos de saúde em que trabalhava, acusado de desviar dinheiro e falsificar documentos. Quando a notícia chega à imprensa, Gui e seus irmãos sofrem represálias na escola; os colegas transferem para os dois jovens a raiva que sentem do pai deles. Os atos contra os dois meninos e a menina mais nova cessam quando os amigos passam a interferir, falando “justamente” que ninguém é culpado até que se prove o contrário e que os filhos não

tinham culpa dos atos dos pais. No entanto, o ódio transferido permanece entre a turma por algum tempo, incomodando os dois adolescentes.

Para Ana, 25 anos e Tainá, 17 anos, as ações do pai de Gui refletem o que acontece no país – os escândalos envolvendo políticos – e a revolta que os colegas dirigem aos adolescentes – ou ao pai dos adolescentes – é uma forma de demonstrar sua indignação com o que acontece, atingindo alguém mais próximo e “palpável”. “Eu achei legal foi também quando o pai do Gui roubou e foi preso. Foi diferente e o cara era culpado. Eu achei super show eles terem mostrado isso, também porque foi diferente, mudou um pouco” (Tainá).

A gente se indignou com aquilo também, a gente que assistia o programa, porque aí tu lembra dos políticos e pensa que pode estar do teu lado. Eu tinha um colega que o pai era vereador, aí o que acontecia é que a gente brincava que eles também roubavam, que eram ladrões, mas era o medo que a gente tinha de que eles fossem ladrões também e estavam ali do nosso lado. E tinha sempre político roubando... como sempre (risos)... Era quase uma vingança que ele fosse preso na Malhação (Ana).

O repúdio ao pai de Gui revela a valorização do trabalho pelos adolescentes. Apesar de se considerarem distantes, ainda, do momento de iniciar de fato no mercado de trabalho, os jovens acreditam neste como um caminho para a independência mais rápida dos pais e para a aquisição do que desejam, como bens de consumo e lazer. Na narrativa dos adolescentes, percebe-se que o trabalho está, inicialmente, atrelado ao consumo. "Se eu trabalho, eu tenho o meu dinheiro e posso comprar minhas coisas que meus pais não querem me dar, mas vou comprar com meu dinheiro, não vou roubar.

Tem gente que rouba, isso é ruim, né, o cara vira ladrão por uma bobagem", diz Jaques, 17 anos.

Trabalhar significa ter dinheiro para consumir o que se deseja. Ao falar em trabalho, os adolescentes pensam exclusivamente nos seus desejos de consumo e na independência dos pais, mas esboçam uma satisfação pessoal com o "estar produzindo". Ao mencionar Cabeção e Kiko, dois personagens de *Malhação* que ingressaram no mercado de trabalho, os jovens demonstram admiração pela iniciativa de ambos.

O Cabeção foi trabalhar, né, porque ele não sabia se queria ir no vestibular, ele... ele não sabia o que ele queria, né. Aí ele foi no Gyga e tá trabalhando lá, agora ele é gerente e ele tá ficando bem no trabalho e ele é bem novo ainda. Eu acho isso legal, né, ele ganha dinheiro e vai melhorando no trabalho, eu era feliz assim, mas eu ia fazer uma faculdade também, né? (Graziela, 14 anos).

A última edição da revista *Veja Jovens* identificou a preocupação com o futuro como uma característica dos jovens brasileiros. Esse aspecto foi denominado pela revista como "sonhar com um bom trabalho", dizendo que os jovens sonham com um bom emprego, que lhes conceda tranqüilidade financeira para que possam desfrutar a vida. Em alguns momentos, os adolescentes mencionam a preocupação em ter condições de sustentar a família que virão a construir no futuro, mas tanto na revista quanto nas narrativas dos adolescentes, casamento e filhos são raramente mencionados. A construção de uma família não é um dos objetivos principais dos

adolescentes entre 12 e 17 anos, por isso a questão trabalho aparece de fato atrelada à independência e consumo.

Bauman (1999), ao escrever sobre trabalho, disse que "o futuro era a criação do trabalho e o trabalho era a fonte de toda a criação" (pg. 151). Para o autor, uma das principais virtudes que elevaram o trabalho ao posto de principal valor dos tempos modernos é a capacidade quase mágica de dar forma ao informe e duração ao transitório. Ele diz que

graças a essa capacidade, foi atribuído ao trabalho um papel principal, mesmo decisivo, na moderna ambição de submeter, encilhar e colonizar o futuro, a fim de substituir o caos pela ordem e a contingência pela previsível (e portanto controlável) seqüência dos eventos. Ao trabalho foram atribuídas muitas virtudes e efeitos benéficos, tais como, por exemplo, o aumento da riqueza e a eliminação da miséria; mas subjacente a todos os méritos atribuídos estava sua suposta contribuição para o estabelecimento da ordem, para o ato histórico de colocar a espécie humana no comando de seu próprio destino (pg. 157).

Para os adolescentes, o trabalho é um valor, pois é a chave que pode colocá-los no controle de suas vidas, sem a dependência financeira dos pais – que leva a uma obediência necessária e cobrada pela família.

Eu não saio muito porque meus pais não deixam, mas quando eu tiver o meu dinheiro eu vou poder. É que agora eles têm que me buscar também, minha mãe acha que eu sou muito novo para voltar sozinho. Eu também vou poder ter um carro, mas é só quando eu trabalhar e tem o vestibular antes, né, tem que passar, estudar, ainda falta. O meu pai diz que eu tenho que obedecer, porque eles cuidam de mim e eu moro na casa deles, é nossa, né, mas eles que pagam... (Pablo, 12 anos)

A edição especial da revista *Veja Jovens*, ao colocar a preocupação com “um bom trabalho” em primeiro lugar na “lista” de definição dos jovens brasileiros em sua capa, legitima a dimensão que o trabalho vem adquirindo na vida dos adolescentes contemporâneos. De acordo com a revista, a preocupação dos jovens desta década não é mais somente tirar boas notas na escola, namorar, sair com os amigos, ouvir músicas, ir a festas, navegar pela Internet. Essa configuração atual do trabalho na vida dos adolescentes de nível sócio econômico médio é reproduzida por *Malhação*. Além de abordar os assuntos em seus episódios, o programa constrói os personagens a partir de aspectos “profissionais” de cada um. Assim, cada temporada do programa conta com o estudante que trabalha como garçom após a escola; a menina rica que não gosta do dinheiro dos pais e trabalha para se sustentar, apesar de ter um grande talento para a pintura; a aluna estudiosa que tem como principal preocupação em sua vida o vestibular que se aproxima; o grupo que forma uma banda musical de sucesso e que se questiona se deve prestar vestibular ou concentrar-se na carreira artística; os jovens mais velhos que, já na universidade, vivem às voltas com os trabalhos da faculdade e assim por diante.

Trabalho e emprego estão entre as preocupações destes jovens, que vêem seu futuro como uma obrigação pessoal, como uma responsabilidade que deve ser assumida desde cedo. São valores inerentes ao tempo em que vivem, à realidade contemporânea que envolve globalização, tecnologia, velocidades (Gitlin, 2001). Um mundo onde tudo muda muito rápido e as pessoas precisam se antecipar às mudanças,

se quiserem sobreviver. O diploma continua relacionado a um bom emprego, embora não seja garantia de um futuro seguro. Em *Malhação*, o personagem Touro, que tem um histórico de reprovações e muitas dificuldades na escola, opta por trabalhar em um bar e sequer tenta prestar vestibular, porque não acredita em sua capacidade de ser aprovado. Na história, o jovem acaba tendo sucesso e se torna um empresário talentoso, apesar de não ter curso superior. O personagem Cabeção comenta, em um dos episódios, que muitos adolescentes agem da mesma maneira que ele agiu ao decidir trabalhar e não prestar vestibular: arrumam emprego e tentam uma formação técnica mais rápida, para não depender do curso superior e comprometer seus planos. Cabeção, no entanto, tem uma característica bastante peculiar: ele acredita em sua decisão e na possibilidade de ter sucesso no futuro, mas a pressão que sofre por parte de quem se “horroriza” com um rapaz tão jovem que não quer fazer faculdade, o faz se questionar, algumas vezes, se não deveria tentar o vestibular, agindo de acordo com o socialmente desejável.

Malhação, de certa forma, tenta quebrar o paradigma de que só vencem aqueles que têm diploma, mas o curso superior ainda é considerado o caminho para o sucesso, conforme se observa na edição especial da revista *Veja*. Adolescentes entrevistados para a matéria *Fala Sério!* relatam a necessidade do diploma e as dificuldades para obtê-lo, especialmente pelo ingresso por meio do vestibular.

O maior obstáculo é o dinheiro. Se eu tivesse dinheiro agora, faria um bom cursinho e, por consequência, passaria no vestibular. Minha mãe acha que é fácil entrar na faculdade e arrumar emprego. Se eu me esforçar, até que é possível, mas o problema volta a ser o dinheiro. Na USP, o curso de arquitetura é integral.

Não dá para fazer faculdade o dia inteiro e trabalhar para me sustentar. Conseguir o primeiro emprego é um desafio para todo mundo. Mesmo que você faça a melhor faculdade, é difícil entrar no mercado. Vejo pessoas que se matam de estudar, se formam e depois não conseguem nada (Ricardo).

Para se manter no emprego, o diferencial é indispensável. Pós-graduação, MBA e especializações devem constar do currículo, especialmente em tempos sem perspectiva de emprego para toda vida. Para Bauman (1999),

hoje flexibilidade é o slogan do dia e, aplicado ao mercado de trabalho, augura o fim do emprego como o conhecemos, anunciando em seu lugar o advento do trabalho por contratos de curto prazo, ou sem contratos, posições sem cobertura previdenciária, mas com cláusulas 'até nova ordem' (pg. 177).

Esse aspecto justifica, pelo menos no que se refere ao “ingresso no mercado de trabalho”, a preocupação que os jovens têm em relação ao futuro e não é por acaso que a conquista de um bom trabalho está entre as prioridades dos adolescentes contemporâneos. Dados divulgados por Veja Jovens buscam justificar tanta preocupação.

A questão da entrada no mercado de trabalho é outro tópico que gera ansiedade. Não é de se estranhar que isso aconteça. Três em cada quatro jovens brasileiros estão trabalhando ou tentando conseguir uma ocupação. Dois terços dos que trabalham, porém, encontram-se no mercado informal. Além disso, enfrentam jornadas não raro superiores a oito horas diárias, e cada vez mais cedo: boa parte começa a trabalhar antes mesmo dos 13 anos. Isso significa que, para muitos, sobra pouco ou nenhum tempo para os estudos. Há ainda o problema do desemprego, que atinge os jovens em cheio. Nesse universo, o número de desempregados é três vezes maior que o da média da população. 'A entrada no mercado de trabalho é um momento crítico. Muitos jovens que não

conseguem se inserir acabam tendo seu processo de independência atrasado', diz Gustavo Venturini.

Outro valor adolescente está relacionado também à conquista da independência. Beleza é sinônimo de carreira fácil, além de fama e status. A carreira de modelo, na contemporaneidade, tem sido bastante valorizada pelos jovens e incentivada pela mídia. Trata-se de uma carreira sazonal, de curta duração, mas de ascensão rápida e salários altos, que não exige “estudo” para ser executada e, dessa forma, atrai as jovens, especialmente aquelas que temem a seleção no vestibular e a disputa por emprego no futuro. Das meninas entrevistadas para a pesquisa sobre a Capricho, 90% mencionou que gostaria de ser modelo. Muitas são incentivadas pelos pais e até freqüentam cursos ou possuem book fotográfico; algumas apenas sonham, enquanto outras são desencorajadas pela família. Mas se tivessem uma oportunidade, todas experimentariam a carreira.

A carreira de modelo só é uma possibilidade para as meninas que se enquadram nas exigências do mercado da moda – que é também o tipo físico disseminado pela mídia, o padrão que todas as adolescentes desejam atingir. Na mídia, esse padrão é reforçado pela exposição dos corpos; Fischer (2000) diz que os corpos estão liberados a mostrar-se e devem fazer isso de um modo específico: lindos, magros e, mais recentemente, sarados, com membros muito bem definidos, “bombados”, e assim por diante. A forma como os adolescentes se mostram aos demais é uma preocupação diária.

Me arrumo bastante, gosto de me arrumar. Quando eu saio, eu me arrumo mais, na escola não dá muito, é sempre tênis, mas eu gosto de me cuidar. Eu não sou muito preocupada com academia, porque eu não engordo muito, mas minhas amigas estão sempre fazendo ginástica e regime (Aline, 14 anos).

A importância da beleza é reforçada por *Malhação*. Todos os atores e atrizes do programa possuem uma forma física invejável: corpos sarados, cabelos bem cuidados, unhas bem feitas e figurinos sempre na moda são características fundamentais dos personagens. De acordo com o site *Xô Malhação*, a algumas atrizes do seriado foi solicitado que “fechassem a boca”, pois estavam ficando “arredondadas demais”. As meninas de *Malhação* não podem fugir do padrão – não é permitido, no programa, a exibição de corpos acima do peso, ainda que, na vida real, essa seja uma realidade de muitas adolescentes.

A valorização da beleza foi demonstrada na temporada atual durante a gravidez de Jaque. Preocupada em não engordar demais e recuperar a boa forma logo após o parto, a jovem fez exercícios e dieta por conta própria, sem orientação profissional, e colocou em risco a vida do bebê. Após passar mal e ir parar no hospital, Jaque passou a ser “vigiada” pelo namorado e pelos pais, para que não voltasse a agir dessa forma durante a gravidez. As meninas reprovam a atitude de Jaque, mas, ao mesmo tempo, entendem a preocupação da menina.

É irresponsabilidade fazer isso, ela podia ter tido um filho deformado. Eu nunca ia fazer isso, mas é que ela é adolescente e se ela não se cuidar agora, vai ser feia quando adulta. Se ela ficasse gorda depois da gravidez, ninguém ia gostar dela, todo mundo fala, debocha, né? Eu ia não querer ter estrias, nossa, isso eu ia cuidar muito. Mas não ia colocar a vida do meu filho em risco (Tainá, 17 anos).

A novela *Belíssima*, atualmente no ar no horário das 20h na Rede Globo, simula o mundo da moda e a importância da beleza para toda uma sociedade, independente da classe social. Enquanto a dona de uma famosa grife de lingerie é reconhecida por sua discrição e não por sua beleza – sendo cobrada pela avó por não se cuidar e se exibir à sociedade como um sinônimo de beleza e elegância – meninas ainda na adolescência sonham com a carreira de modelo e procuram agências para realizar seu sonho. Giovana, uma dessas meninas, sente-se superior a suas irmãs por se considerar mais bonita do que elas e debocha quando uma delas menciona um desejo de seguir a mesma carreira. Outras não têm a mesma sorte de Giovana e acabam caindo nas garras de uma quadrilha que explora meninas brasileiras no exterior, fingindo que as estão convidando para trabalhar como modelos em países da Europa. A beleza e a forma física dão o tom de todas as tramas e são o fio condutor da história.

Se aos jovens não resta outra alternativa a não ser buscar essa beleza exigida pela mídia, o ser saudável é deixado em segundo plano. Vale tudo para ser belo, mesmo que isso signifique prejudicar a própria saúde. Esse aspecto é apresentado em *Malhação* a partir da história de Kiko, que para poder seguir a carreira de modelo, lança mão de anabolizantes com o objetivo de “ficar bombado” e adequado ao mundo da moda. Ao observar o resultado da atitude do jovem e dos efeitos nele mesmo, os adolescentes dizem compreender a importância de se manter saudável e revelam ter a saúde como um valor importante.

Do Kiko tomar aquelas bombas, daquilo eu não gostei, porque bomba faz mal para a saúde e isso tava influenciando nos jogos e ele ficava cada vez mais forte. Tem um que toma só suplementos, aquilo ali é para definir, mas eu acho que não é certo, melhor tu ir para a academia para fazer teus músculos na forma natural (Luís, 15 anos).

Deise, 27 anos, diz que sempre sentiu a pressão pela beleza acompanhada de um grande medo de ficar doente.

No fim, tu vê, a gente tava sempre preocupado em estar bem. Eu tinha pavor de engordar e minhas amigas falavam em a gente tomar aqueles shakes, mas ninguém dizia 'tá, vamos tomar' porque a gente tinha medo que fizesse mal. E contar para a mãe não dava, ela nunca ia concordar. Então a gente não fazia, porque uma não tinha coragem sem as outras, e a gente sabia que não dava para ficar doente. Mas se a gente, que eu achava que era consciente, pensava nisso, imagina as gurias mais doidinhas? Elas deviam fazer muitas maluquices com essas coisas. Hoje a gente pensa em estar saudável mesmo, eu penso em ir à academia para ter mais disposição, tô sempre cansada... Antes a gente não pensava assim mesmo. Saúde é uma coisa valorizada pelo adolescente, mas acho que é pelo medo.

Ser saudável ou manter a saúde requer uma boa dose de responsabilidade, outro valor bastante presente na narrativa dos jovens entrevistados. Ao falar sobre responsabilidade, os adolescentes parecem querer chamar a atenção para uma maturidade que lhes permita receber um voto de confiança dos "adultos". Ser responsável, para eles, significa não abusar de bebidas em festas, manter os pais informados sobre seus passos (onde e com quem estão, como e quando voltarão para casa), ter atitudes que não comprometam sua saúde, usar camisinha e assumir seus

atos. O exemplo mais utilizado para explicar responsabilidade é a gravidez de Jaque em *Malhação*.

Acho que ali tu vê compromisso. Por exemplo, o show dos Detonautas, ali caiu tudo para o lado do Urubu, né? A mesma coisa a gravidez da Jaque, que teve que ter um compromisso, se ela quisesse ter uma relação saudável, tinha que ter se cuidado, mas ela não teve e deu nisso (Laila, 13 anos).

Ser responsável significa ser adulto ou estar apto a ingressar neste mundo, ainda que seja desconhecido para estes jovens, que vivem em um ambiente criado pela mídia, com toda a padronização e os valores que o momento e o consumo impõem.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mídia, em todas as suas manifestações, é produtora e disseminadora de cultura. O culto ao corpo, a valorização do sexo e da beleza, a banalização e a descartabilidade das relações, o esvaziamento dos valores, o afastamento da família, a descrença no outro, o apego ao material e o desinteresse por questões sociais são características sempre presentes em todas as pautas e em todas as programações. O que é oferecido é o que, obrigatoriamente, se consome, embora a mídia – tratada como entidade e quase personificada por todos que se referem a ela – garanta que o que é oferecido é reflexo do que as pessoas buscam. A crença de que “o mundo está virado de pernas para o ar e todos estão perdidos” é muito forte e a existência de um mundo virtual, onde os problemas se tornam pequenos e a vida adquire a configuração desejada, torna-se uma necessidade.

“É como um oásis no meio de um deserto”, diz uma jovem de 28 anos³², explicando que chegar em casa e poder assistir à novela, sem precisar “pensar” em nada, é a melhor perspectiva após um exaustivo dia de trabalho. Conversas com os pais ou um programa com o namorado não fazem parte de agenda pós-trabalho em dias de semana; casamento e filhos já não são sonhos e não estão mais entre os planos imediatos – talvez nem nos planos para a vida. O grande desejo hoje é ir para a Grécia e conhecer de perto as belas paisagens daquele país ou trabalhar como manobrista nas madrugadas americanas, onde é possível comprar uma câmera

³² Comentário informal feito por uma colega em uma reunião de amigos.

fotográfica de última geração com as gorjetas ganhas em menos de uma semana de trabalho. “Sim, é possível, a gente vê isso na TV toda hora”, diz a jovem de 28 anos, que não acredita mais nas duas faculdades que cursou e não vislumbra chances de conquistar um emprego melhor, com salários mais altos, que lhe possibilitem ter “qualidade de vida”: caminhar no parque pela manhã ou aos finais de tarde, calçando o tênis da moda que comprou e ainda não conseguiu usar; almoçar com os amigos em restaurantes conhecidos da cidade no intervalo do trabalho; freqüentar uma academia pelo menos três vezes por semana para manter o corpo em forma; poder comprar um apartamento no melhor bairro da cidade para quando vier visitar a família; mudar-se para outro país; viajar para o exterior uma vez por ano e pelo país sempre que tiver vontade; assistir a todos os shows realizados no país; ter um celular com melhor aparência; comprar roupas sempre que tiver um evento novo no trabalho ou um evento de lazer; trocar de carro todo o ano e conhecer pessoas mais interessantes – não somente “o pessoal do trabalho”. Exatamente como vivem os personagens das novelas que ela faz questão de assistir todas as noites ao chegar em casa.

Essa jovem revela uma descrença em relação à vida. Ela não acredita mais nos valores que considerava fundamentais – “porque ninguém mais acredita mesmo” – e sonha com uma vida de conto de fadas, que “parecia mais fácil quando a gente era criança”. A revolta dessa jovem está relacionada a uma vivência menos impregnada de mídia – antes se desejava menos, porque se sabia menos, se via menos, as imagens eram mais restritas e não encantavam tanto como agora, um tempo em que tudo é mostrado, todas as imagens são permitidas através do filtro legitimador que constitui a “avaliação pronta para uso” da entidade mídia. A mídia dita o que está valendo e quem

não a acompanha não pode “pertencer” – e de fato, não se sente dessa forma. O pertencer, hoje, está intimamente ligado à mídia, que por sua vez, não pode ser desvincilhada da estimulação ao consumo e da criação do desejo.

Gitlin (2000) diz que as crianças que nasceram neste ambiente impregnado de mídia não são capazes de perceber o quanto ele é extraordinário, assim como os adolescentes que responderam às perguntas sobre *Malhação* não o percebem. E dessa forma, não compreendem que fazem parte de uma cultura virtualizada, que lhes diz como devem ser, o que devem fazer, de quem devem gostar, como devem se comportar e o que devem desejar e consumir. Seguem as “tendências” mostradas pelas imagens e se adaptam às constantes mudanças; velocidade é característica fundamental dessa cultura e quem não a acompanha, não “pertence”.

Assim, os jovens ouvidos para esta pesquisa – e que tiveram suas narrativas descritas neste trabalho – revelam um constante conflito entre um vazio – provocado também pela mídia – e uma satisfação que vem dela. Percebe-se um esvaziamento de valores, principalmente nos adolescentes, que gera uma luta constante para que consigam descobrir em que, de fato, eles acreditam: se é naquilo que condiz com uma crença íntima de como deveriam ser as coisas, ou se naquilo em que a maioria acredita, ou simplesmente segue – ou seja, o que está sendo legitimado pela cultura de consumo. As identidades destes adolescentes moldam-se de acordo com a crença do “ser único, sendo igual”, conforme descreveu Bauman (1999). É mais fácil, garantido e seguro ser igual a todos – e pertencer – do que lutar contra o que está instituído e, assim, ficar à margem.

O que se percebe nas narrativas adolescentes é a busca por uma segurança: uma garantia de que irá pertencer a um grupo ao perceber-se retratado em alguma produção televisiva; uma garantia de que são vistos e de que por alguém são compreendidos, à medida que a mídia – a entidade que tudo sabe, tudo vê, tudo mostra e tudo ensina – preocupa-se em proporcionar um espaço exclusivo a eles.

Os jovens mencionam a família como um importante ponto de apoio, apesar da distância cada vez maior de seus pais e irmãos. A família é onde, em princípio, qualquer ser humano adquire os seus primeiros valores. Ora, as estruturas familiares estão em crise, o que se reflete, por exemplo, na dissolução dos casamentos e nos novos tipos de uniões. Por isso, muitos pais manifestam cada vez mais dificuldade em eleger um conjunto de valores que considerem fundamentais na educação de seus filhos. A mídia não incorpora tal dificuldade e resolve, simplificando na tela plana as relações e vínculos afetivos.

Dentro do contexto de dúvidas, medos e anseios vividos pelos jovens na adolescência, percebe-se a apropriação do “esclarecimento e ajuda” por parte da mídia. No programa *Malhação*, nota-se uma tentativa de sugerir a conscientização do adolescente no sentido de que aquele também é um espaço que “abre” para a reflexão sobre as possibilidades que poderá ter em sua vida pessoal e profissional. A cultura e o mercado têm se encarregado de produzir dispositivos para “orientar” o adolescente. Em relação ao mercado de trabalho, na reportagem “A Hora da Escolha”, da revista Veja

Jovens, dicas são o que não faltam. Diz a matéria que faz a melhor escolha quem está mais informado. O estudante deve ler guias sobre profissões e fazer testes vocacionais; excluir as carreiras que menos o agradam faz parte do processo, bem como visitar universidades e assistir a, pelo menos, uma aula do curso - talvez até entrevistar um profissional da área e acessar todos os sites disponíveis na Internet sobre cursos e universidades. A situação tem sido abordada de forma simplificada, sugerindo que a escolha por uma carreira – ou por um futuro, como os jovens gostam de dizer – é uma questão de seleção de alternativas disponíveis, ignorando muitas vezes, os processos subjetivos ou a realidade que se apresenta. A “fórmula” expressa toda a velocidade do mundo atual. O jovem tem pouco tempo para viver sua adolescência; boa parte dela deve passar pensando no futuro, informando-se sobre carreira, freqüentando cursinhos e estudando nos melhores colégios, que já preparam para o vestibular. E, além disso, devem estar conscientes de que curso superior não é garantia de um bom emprego.

Mas o que os adolescentes estão vendo na mídia? Apesar da identificação que dizem ter com *Malhação*, os adolescentes questionam alguns aspectos do programa. Por exemplo, os jovens personagens do seriado tomam suco de frutas e comem sanduíche natural em grande parte do tempo. Tainá, 17 anos, não vê semelhança com os jovens da vida real. “Como eles querem nos ensinar se não nos mostram bem lá? Eu me identifico com o que eles mostram, mas eu como pastel, prensado no lanche, não comida ‘natureba’. Nem tem isso no colégio. Essas coisas que eu acho nada a ver.” Por outro lado, Jaques, 17 anos, acredita que há uma preocupação de aproximar cada vez mais os adolescentes da ficção dos adolescentes telespectadores: “agora eles mostram pais que estão se separando, como é tri comum hoje. O meu pai separou da minha

mãe e eles casaram de novo. Todos os meus amigos, quase, têm pais separados. É bem como tá se transformando a vida do jovem.”

Pela narrativa dos adolescentes, percebe-se um sentimento de indefinição em relação a *Malhação* – o programa “só nosso”. Dentro de suas rotinas, sempre há tempo para *Malhação*; apesar de estarem insatisfeitos com as repetições (a reciclagem de temas antigos), não deixam de assistir aos capítulos. Quem afirma não gostar de *Malhação*, assiste ao seriado mesmo assim, nem que seja para criticar. Os jovens nem sempre se sentem retratados pelo programa, mas dizem se identificar com o mesmo e acreditam que é um programa só deles. Eles repetem, na vida real, o que observam em *Malhação*. Desejam e consomem com este objetivo: fantasiar de conto de fadas a sua realidade – uma realidade que implica em uma convivência mais restrita com a família, que confere à televisão o papel de babá dos adolescentes, na medida em que supre certa carência afetiva que esses adolescentes possam demonstrar.

Os valores dos jovens, apesar de claros, não são valores fortes e consistentes – muitos não sabem explicar muito bem porque valorizam um determinado aspecto, por exemplo. Família e amizade são os valores mais comuns a todos e os mais defendidos pelos entrevistados; aqui vale ressaltar que são também dois aspectos bastante importantes de *Malhação*: amizade, juntamente com os relacionamentos amorosos, é o fio condutor do programa, enquanto o tema família tem sido cada vez mais incluído na pauta do seriado. Estes valores podem ser relacionados também à vivência do processo adolescente e à configuração atual das famílias, discutida neste trabalho. Amizades são inerentes ao processo, enquanto as famílias, também muito importantes

neste período, mantêm um afastamento entre seus membros. É válido chamar a atenção para o fato de que o amor – sempre o tema principal de *Malhação* – não aparece entre os principais valores dos jovens, mesmo entre aqueles que afirmam se interessar pelos conflitos amorosos do seriado. Esta constatação vai ao encontro da ausência de compromissos mencionada por alguns adolescentes como uma característica fundamental do período da adolescência.

Pode-se afirmar, hoje, que a televisão desempenha papel fundamental no processo de construção de identidade dos adolescentes e na formação de uma cultura que é assimilada por eles. Particularizando para a *Malhação*, observa-se que estes jovens constroem sua identidade a partir de mensagens que o resumem em um ser interessado em sexo, festas e amizades, com alguma ênfase nos estudos e na preocupação com o futuro, dando destaque para a ausência de compromissos.

Fischer (2000) diz que

conscientemente ou não, temos na TV, nas revistas de ampla circulação, nos programas de rádio, um lugar de aprendizado a respeito de nós mesmos, da vida que levamos, um aprendizado de como vamos receber e ler pessoas classificadas para nós como heróis ou vilões, cidadão corretos ou transgressores da ordem. Isso também ocorre com os personagens narrados no cinema, nos romances, nos livros de auto-ajuda, nos próprios materiais didáticos escolares. Interessa-nos indagar: como estamos aprendendo o sentido da vida pública em nossos tempos, por intermédio da mídia que consumimos? Bauman responde: estamos aprendendo que está é, sobretudo, uma sociedade dos indivíduos (pg. 49).

Para concluir, volto a Fischer (2000), referindo-se a Bauman: a autora entende, assim como ele, que toda a energia acumulada na busca de conferir sentido à vida é, hoje, mais do que nunca, espetacularmente apropriada pela televisão, pelo cinema, pelas revistas, pelo mercado. Para os autores, porém, essa mesma energia pode tornar-se a matéria a partir da qual serão criados modos e formas de vida dignas, diferentes possibilidades de ampliar e diversificar o capital cultural de crianças, adolescentes e jovens brasileiros. Um caminho, proposto por ela, é a apropriação de produções midiáticas de imaginário, expondo-as ao debate, fazendo-as também criação e pensamento. É o que este trabalho se propôs a fazer.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, R. G. Estratificação Social. Sociologia Geral I. PUCRS, 2004.
- BARBOSA, E e ZMITROWICZ W. Evolução do uso do solo residencial no centro expandido do município de São Paulo. São Paulo: EPUSP, 2002.
- BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BOURDIEU, P. Sobre a Televisão. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BUCCI, E. e KEHL, M. R. Videologias: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CHAUÍ, M. A Forma da Violência. In: Folha de São Paulo, Caderno Mais, 2004.
- DOLTO, F. & DOLTO-TOLITCH, C. Palabras Para Adolescentes: o el complejo de la langostrá. Buenos Aires: Ed. Atlântida, 1993.
- FILHO, D. O Circo Eletrônico: fazendo TV no Brasil. Jorge Zahar Ed: Rio de Janeiro, 2001.
- FISCHER, R. M. B. Adolescência em Discurso: mídia e produção de subjetividade. Porto Alegre, 1996. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS.

FISCHER, R. M. B. Mídia e Produção do Sujeito: o privado em praça pública. In: Fonseca, T. M. G. e Francisco, D. (org.). Formas de Ser e Habitar a Contemporaneidade. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

GIONGO, A. L. O Ficar e sua Função na Adolescência: Um Estudo em uma Escola de Classe Média Alta de Porto Alegre. Porto Alegre, 1998. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, UFRGS.

GITLIN, T. Mídias Sem Limites. Ed. Civilização Brasileira, 2001.

HALL, S. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: THOMPSON, K. (Org.). Media and Cultural Regulation. Londres, 1997.

LASCH, C. O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MENEGAZ, C. V e MILNITSKY-SAPIRO, C. Capricho ou Oráculo? A Revista Capricho e seus Laços com as Adolescentes. Porto Alegre, 2000. Monografia de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social. Departamento de Comunicação, UFRGS.

MILNITSKY-SAPIRO, KURTINES, W., C., CESTARI, L., FERRER-WREDER, L., LORENTE, C.C., BRIONES, E.. Transformative Education in Cultural Context: Education for Democracy in Brazil and the United States. In: Association for Moral Education Annual Convention. Atlanta, Georgia, 1997.

O'DOUGHERTY, M. Auto-Retratos da Classe Média: Hierarquias de "Cultura" e Consumo em São Paulo. In: SciELO Brasil. Rio de Janeiro, 1998.

RASSIAL, J-J. Entrevista com Jean-Jacques Rassial. In: Adolescência: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre: ano 05, nº 11, Ed. Artes e Ofícios, 1995.

RUFFINO, R.. Adolescência: Notas em Torno de um Impasse. In: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, ano 5, n11, 1995. p.41-46.

SOMEMER, B. e SOMEMER, R. A Practical Guide to Behavioral Research. Nova York: Oxford, 1991.

STEIN, M. L. M. A Função das Entrevistas Iniciais para a Formação Profissional dos Terapeutas: Marcas de uma Processualidade. Porto Alegre, 2000. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, UFRGS.

TONATTO, S. Adolescência “corpo e alma”: abordando um tema transversal na educação formal. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

URDANGARIN, J. B. e BIASUZ, J. Adolescentes das ficções seriadas “Malhação” e “Sandy e Júnior”. 2003 Trabalho apresentado na Universidade Luterana do Brasil em junho de 2003.

LEAL, O. M. F. A leitura social da novela das oito. 2.ed. Petropolis: Vozes, 1990

OUTEIRAL, J. O. Adolescer – Estudos Sobre Adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

ANEXO A – Roteiro para entrevistas com adolescentes nas escolas

Perfil do entrevistado:

1. Nome, idade, naturalidade.
2. Ocupação (o que faz além da escola: trabalha, não-trabalha, freqüenta cursinho pré-vestibular...)
3. Estrutura familiar: com quem mora, quantos irmãos, divide o quarto com alguém, tem namorado(a). O que é bom e o que não é nessa estrutura familiar.
4. Fale um pouco da tua rotina diária (semanal): a que horas acordas, como vai para a escola, o que faz lá, como volta para casa, o que faz depois da aula, etc.
5. Fale um pouco da tua rotina nos finais de semana: a que horas acordas, o que faz durante o dia, o que faz à noite, etc.
6. Conte um pouco a respeito dos lugares onde tu gostas de ir (especialmente à noite): como te vestes para ir a esses lugares, o que fazes lá, etc.
7. Fale um pouco de como é ser um adolescente da tua idade em Porto Alegre: o que é legal, o que não é?
8. Fale um pouco sobre os teus amigos: como eles são, o que eles gostam de fazer, o que tu mais gostas neles?
9. (Se esses itens não aparecerem na rotina), perguntar: tu gostas ou tocas algum instrumento musical, fazes trabalho voluntário?
10. TV: tu gostas de assistir televisão? Que importância a TV tem na tua vida? Tu assistes sozinho? Tens TV no quarto?
11. Introduzir a Malhação.

Questões específicas sobre Malhação:

- 1) Com que freqüência tu assistes a Malhação? Tu acompanhas todos os capítulos, episódios ou o desenrolar das histórias?
- 2) Tu sabes o que está acontecendo nesse momento em Malhação?
- 3) Do que está no ar agora, o que tu tens achado mais legal do que tu tens visto ultimamente e o que tu não tens gostado? (se disser que não gosta de nada, perguntar porque ainda assiste.)
- 4) Tem alguma razão especial para tu assistires a esse programa?
- 5) Explica melhor.
- 6) Tu lembras de algum outro programa que tu gostes de assistir? (assistindo ou não Malhação) Porque? Fale um pouco dele.
- 7) Quando tu começaste a assistir a Malhação, que personagens estavam no ar? Lembra em que ano foi? Que idade tu tinhas?
- 8) Que personagem de Malhação tu gostas mais? Por quê?
- 9) E qual tu menos gostas? Porquê?
- 10) O que chama mais a tua atenção no programa? Por quê?
- 11) Que tipo de assunto tu mais gostas de ver abordado em Malhação? Por quê?
- 12) Que tipos de assuntos tu desejas ver em Malhação? Por quê?

- 13) De qual temporada de Malhação tu gostas (ou gostou) mais? Por quê?
- 14) Tu achas que esse programa traz informações úteis para o teu dia-a-dia? Por quê?
- 15) Fale sobre alguma coisa que tu tenhas aprendido com a Malhação.
- 16) Descreve algum episódio/cena/história que te chamou a atenção em Malhação.
- 17) Tem alguma coisa que tu gostarias de dizer sobre a Malhação? Algum comentário que tu queiras fazer?